

ISSN 2238-9083

VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010

VERSÃO ONLINE

lig revista de psicanálise

ANO 3, Nº 1, JAN-JUN/2014 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 3, NÚMERO 1, JAN-JUN/2014

ISSN 2238-9083 (VERSÃO IMPRESSA)

ISSN 2316-6010 (VERSÃO ONLINE)

SIG Revista de Psicanálise é uma publicação semestral da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e tem como objetivo publicar artigos teóricos e teórico-clínicos, resenhas e entrevistas no campo psicanalítico.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem a SIG Revista de Psicanálise.

A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resumo, abstract, mais de 500 palavras do texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão por escrito do editor e dos autores.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise>

Versão online da revista em: www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise

Tiragem: 200 exemplares | Impressão: julho de 2014

S574 Sig: revista de psicanálise. – Vol. 1, n. 4 (Jan-Jun/2014) - . –
Porto Alegre : Sigmund Freud Associação Psicanalítica,
2014- . v. ; 30 cm.

Semestral.

Editor: Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. 2. Teoria psicanalítica -
Periódicos. 3. Cultura - Periódicos. 4. Filosofia - Periódicos.
II. Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático: 1. Psicanálise 159.964.2

Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507

lig revista de psicanálise

REVISTA DE PSICANÁLISE
PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2014

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2012/2014

Presidente: Sissi Vigil Castiel

Diretora Administrativa: Elenara Vaz Faviero

Diretora de Ensino: Simone Engbrecht

Diretora Científica: Débora Marcondes Farinati

Diretora da Clínica Psicanalítica: Luciana Rechden da Rocha

Diretora de Divulgação: Roberta Araujo Monteiro

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Karen Kepler Wondracek

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora Responsável: Eurema Gallo de Moraes

CORPO EDITORIAL:

Alfredo Jerusalinsky	Eneida Cardoso Braga	Magda Medianeira de Mello
Almerindo Boff	Eurema Gallo de Moraes	Maria Cristina Poli
Ana Lúcia Waltrick dos Santos	Fernando Urribari	Mônica Medeiros Kother Macedo
Bárbara de Souza Conte	José Luiz Novaes	Nelson da Silva Júnior
Claudia Maria Perrone	Julio Bernardes	Paulo Endo
Cristina Lindenmeyer Saint Martin	Karin Kepler Wondracek	Sidnei Goldberg
Daniel Kupermann	Lizana Dallazen	Sissi Vigil Castiel
Débora Marcondes Farinati	Luciana Maccari Lara	Vera Blondina Zimmermann
Denise Costa Hausen	Luis Cláudio Figueiredo	

COMISSÃO EXECUTIVA:

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn
Cláudia Maria Perrone
Lizana Dallazen

PROJETO E PRODUÇÃO GRÁFICA:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento da obra
(reprodução) de Henri Matisse,
Litografia para a Verve, 1937.

* Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL/CONTENTS.....	07
ARTIGOS/ARTICLES	
NARCISO DIANTE DO ESPELHO: STEPHEN DEDALUS.....	09
Narcissus in front of the mirror: Stephen Dedalus	
- <i>Donaldo Schüler</i>	
ENLACES ENTRE NARCISISMO E DROGADIÇÃO: A CONDIÇÃO DE SERVIDÃO DO EU.....	15
Links between narcissism and drug addiction: the ego's servitude condition	
- <i>Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn</i>	
- <i>Mônica Medeiros Kother Macedo</i>	
O NARCISISMO DOS PSICANALISTAS: Freud, Winnicott, Masud Khan.....	25
The psychoanalyst's narcissism: Freud, Winnicott, Masud Khan	
- <i>Luiz Eduardo Prado de Oliveira</i>	
NARCISISMO E SEXUALIDADE NO ENVELHECIMENTO.....	31
Narcissism and sexuality in aging	
- <i>Simone Engbrecht</i>	
A ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR E AS PERTURBAÇÕES NARCISISTAS: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A HISTÓRIA, O CASAL, O NARCISISMO E A CULTURA.....	41
The Family structure and the narcissistic disorders: a psychoanalytical reflection on history, couple, narcissism and culture	
- <i>Norberto Carlos Marucco</i>	
EM PAUTA/ON THE AGEND	
A FRAGILIDADE NARCÍSICA NAS CONFIGURAÇÕES ATUAIS E SUA IMPLICAÇÕES SOCIAIS E CLÍNICAS.....	53
The narcissistic fragility in nowadays subjective configurations and its social and clinical implications	
- <i>Alexandre Abranches Jordão</i>	
A CLÍNICA DO TESTEMUNHOS. A EXPERIENCIA DE REPARAÇÃO PSÍQUICA.....	69
The testimony clinic. The experience of psychic repair	
- <i>Bárbara de Souza Conte</i>	

S U M Á R I O

CONVIDADO/GUEST

FREUD, 1914: O ANO QUE NÃO TERMINOU.....85

Freud, 1914: the year that has never ended

- *Daniel Kupermann*

ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA COM SISSI VIGIL CASTIEL.....95

An interview with Sissi Vigil Castiel

RESENHAS/REVIEW

CLÍNICA PSICANALÍTICA E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEAS.....101

Clinical psychoanalysis and contemporary forms of subjectivity

- *Débora Marcondes Farinati*

PSICANÁLISE ENTREVISTA: DO HERDADO AO AUTORAL.....105

Psychoanalysis interview: inherited to aural

- *Elenara Vaz Faviero*

ENTRE O RESENTIMENTO E A CERTEZA DE SI: UMA PONTE.....107

Between the resentment and the sure of himself: a bridge

- *Júlia Gaertner Geyer*

A

SIG Revista de Psicanálise número 4 está pensada e organizada em torno de dois eventos de inquestionável valor neste ano de 2014: no espaço institucional comemoramos o 25º aniversário da *Sigmund Freud Associação Psicanalítica* e, no âmbito teórico, reconhecemos no centenário do texto freudiano *Introdução ao Narcisismo*, seu alcance e sua atualidade às formulações da Psicanálise contemporânea.

No cenário destes eventos nossa revista apresenta os autores de produções teóricas elaboradas, desenvolvidas e atualizadas em torno da temática do narcisismo. O leitor, ao folhear estas páginas, terá a agradável surpresa de exercitar uma leitura transversal, simbólica, cultural e política nas narrativas tecidas a partir de distintas interpretações a respeito do narcisismo e suas configurações.

Sigmund Freud ao escrever, em 1914, sobre o Narcisismo, propõe uma “*introdução*” que reverbera na compreensão da teoria sobre a construção psíquica do sujeito - eixo ao redor do qual se desenha o sofrimento e o material que recai na produção de sintomas e nos quadros clínicos. Além disto, abarca reflexões sobre a tramitação dos investimentos narcisistas entre o sujeito e seu entorno e os efeitos das excitações da realidade no sujeito. Escreve Freud (1914) que “*de início, não faz diferença se esse trabalho de processamento interno se aplica sobre objetos reais ou*

imaginários. A diferença só se fará perceptível mais tarde, quando a libido tiver se direcionado aos objetos irrealis (introversão) e causando, assim, um represamento libidinal” (p.106). O sujeito pensado pela psicanálise é um devir nas interações com o outro e consigo mesmo.

Ora, conhecemos o que conta o mito de Narciso: um belo rapaz que, diariamente, ia contemplar seu rosto em um lago. Assim, tão fascinado, por si mesmo não cansava de admirar sua imagem refletida na água do lago, mas, em certa manhã, quando procurava ver-se mais de perto, caiu e terminou morrendo afogado. No lugar onde o jovem morreu, nasceu uma flor, desde então nomeada *flor de narciso*.

Embora mantendo seus componentes fundamentais o mito se transforma e, assim, pode aparecer contado de muitas formas. Na genialidade de Oscar Wilde (1854-1900), por exemplo, a versão de Narciso ganha outro desfecho e oferece novos argumentos para se pensar sobre a especificidade das interações entre o Eu e o Outro. Conta, esta versão do mito que, por ocasião da morte de Narciso, as Oréades – ninfas do bosque - ao se aproximarem do lago, observaram que a água doce e cristalina havia se transformado em lágrimas salgadas. A partir desta observação das Oréades, abre-se um diálogo entre elas e o Lago.

- *Por que você chora?* - perguntaram as ninfas.

- *Choro por Narciso!* - respondeu o Lago.

- *Ah, não nos espanta que você chore por Narciso, continuaram as Oréades, afinal de contas, todas nós sempre corremos atrás dele pelo bosque, mas você era o único que tinha a oportunidade de contemplar de perto sua beleza.*

- *Mas Narciso era belo?* - indagou o Lago.

- *Quem melhor do que você poderia saber?* contestaram surpresas, *afinal de contas eram em suas margens que ele se debruçava todos os dias.*

O Lago permaneceu um longo tempo silencioso e por fim revela: *eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que era belo. Choro por ele porque, todas as vezes que ele se de-*

bruçava sobre minhas margens, eu podia ver, no fundo dos seus olhos, a minha própria beleza refletida.

Assim como as releituras dos mitos ampliam-se em novas interpretações e descortinam o infinito universo simbólico, as releituras do texto freudiano, de 1914, sobre o Narcisismo são formas de introdução às encruzilhadas nos caminhos das produções do inconsciente, da sexualidade, na construção do si mesmo e nos desafios do sujeito em regular intensidades no exercício da alteridade. Nesta direção teórica e a partir de consistentes reflexões clínicas, os autores dos artigos de nossa Revista abrem a interlocução com os leitores.

Esperamos que o prazer da leitura se renove em cada seção deste número da *SIG Revista de Psicanálise*.

Eurema Gallo de Moraes

Editora responsável

NARCISO DIANTE DO ESPELHO: STEPHEN DEDALUS

NARCISSUS IN FRONT OF THE MIRROR: STEPHEN DEDALUS

Donaldo Schüler¹

Resumo: Este trabalho ao conferir palavra aos personagens-mitos desvela, nestas interlocuções, as inúmeras máscaras daqueles atores, os quais assim caracterizados adentram o cenário da realidade contemporânea denunciando, assim, que todos andamos mascarados. Joyce brinca com a palavra dog (cão) a qual, invertida pelo espelho, vira god (deus), desafiando personagem e expectador. Elaboramos o rosto que recebemos, não há ganhos sem perdas, esta premissa é, inquestionavelmente, a resistência de Narciso.

Palavras-Chave: Narciso. Édipo. Ruptura. Conflito. Morte.

Abstract: This paper, by giving voice to the myth's characters, reveals the many masks of those actors. They enter in the contemporary reality scenario, denouncing that we all have been masked. Joyce plays with the word dog which when reversed by the mirror becomes god, challenging character and viewer. We elaborate the face we received, there are no gains without losses. This premise is, unquestionably, the resistance of Narcissus.

Keywords: Narcissus. Oedipus. Disruption. Conflict. Death.

Numa torre em que outrora vigiavam soldados atentos ao ataque de possíveis navios de Napoleão, a Torre Martelo em Dublin, transformada em pensão, Buck Mulligan sobe munido dos apetrechos de barbear no primeiro capítulo do *Ulisses* de Joyce. Avança com dignidade sacerdotal. *Soberbo (Stately)*, com esta característica o apresenta o romance, infunde respeito. Ironia do narrador? Mulligan, estudante de medicina, eleva-se insolente, revestido de imponência satânica. À maneira de Solness, o Construtor, na peça de Ibsen, recontada em *Finnegans Wake*, Mulligan avança para desafiar Deus. O estudante arrebatada dignidade real e sacerdotal. Parodia ambas. Ergue o vaso de barbear com a solenidade do oficiante que reverencia o sangue de Cristo. Mas no vaso, a substância branca representa o contrário. A esperança que por séculos alimentou o Ocidente virou espuma.

São oito horas da manhã. A missa marca o início do dia, do único dia dos protagonistas do romance, um dia que vale por mil anos, um dia que convoca a história da humanidade. Para Mulligan sacrifício é a sacralização do homem. Mulligan arrebatada o culto a Deus e o transfere à natureza: abençoa a torre, os arredores, as montanhas. Em Mulligan, o diabólico, o narcísico e o dionísio

¹Donaldo Schüler. Doutor em Letras. Professor em língua e literatura grega. Autor de *Narciso Errante, Origens do Discurso Democrático, Abismados em Amor entre tantos outros. Patrono da 50ª Feira do Livro de Porto Alegre.*
E-mail: donaldoschuler@yahoo.com

convergem. Buck (bode) é uma das máscaras dos sacerdotes de Dioniso. Etimologicamente, tragédia significa o canto do bode, os movimentos de Mulligan são teatrais. Enquanto *Malachi*, apelido de Mulligan, ele é mensageiro, anjo sem mensagem nem originalidade, divulgador e autoritário como Shaun, o carteiro do *Finnegans Wake*. Tirésias, consultado pelos pais de Narciso sobre o futuro do menino, respondeu que ele teria vida longa se não chegasse a se conhecer. Mulligan, sem consultar a imagem refletida no espelho, sem se orientar pela opinião de outros, cultivava um alto conceito de si mesmo, não o intimidam poderes. Se procuramos um modelo homérico para Mulligan, damos com Antínoo, o mais atrevido dos pretendentes de Penélope e que para se apoderar da casa real hostiliza Telêmaco. A ousadia de Mulligan supera a insolência do cabeça dos adversários do jovem príncipe. Mulligan escarnece, humilha.

Soa a denúncia de que Stephen teria apressado a morte da mãe. Por que Stephen não se ajoelhou ante o leito dela antes do último alento, mesmo que o gesto já não lhe significasse nada? A reprovação vem de Mulligan. O que não se faz pela mãe quando já não há o que esperar? Custava satisfazer esse último desejo? Se gestos religiosos tranquilizam quem se despede, por que reprová-los? A vida vale sacrifícios. Se a oração é remédio por que não administrá-la? A atitude piedosa prejudicaria a renúncia de suas antigas convicções? Buck Mulligan macaqueava sem conflitos atitudes sacerdotais porque lhe eram desprezíveis. A morte lhe era um desenlace só material. Personificações satânicas denunciam inocentes desde os tempos de Jó. Denunciam sem apontar redentor.

Mulligan é áspero. Afirma que Stephen não passa de um corpo de cão (*dogsboddy*). A paródia do ritual religioso, atmosfera em que a discussão acontece, evoca as palavras de Cristo ditas aos seus discípulos na última ceia: “este é meu corpo (*body*)”. A observação de Mulligan desperta a curiosidade de Stephen, diante do espelho, pergunta: “Quem escolheu este rosto para mim?” Joyce brinca com a palavra *dog* (cão) que, invertida pelo espelho, vira *god* (deus). Elaboramos o rosto que recebemos. Veja-se o cuidado com que Mulligan trata o pelo que reveste a pele facial. Mulligan diz que Stephen tem uma cara de cão (*dog*), mas o que Stephen vê no espelho é a imagem de um deus (*god*). Narciso, ao contemplar seu rosto refletido no lago viu a imagem de Dioniso e Apolo, deuses que protegem o teatro. Máscaras caracterizam os atores. No espetáculo da vida, todos andamos mascarados. O semblante refletido no espelho mostra a máscara de um cão, de um deus, de um herói, de um vilão, ao critério de quem se contempla.

A reação tímida de Stephen mostra personalidade conflituada. Espelha-se nele a insegurança do Telêmaco homérico. O filho de Ulisses trata asperamente Penélope, quando esta desce à sala dos banquetes para determinar o silêncio de Eufêmio que, ao rememorar episódios da guerra de Tróia, lhe enchia o coração de tristeza. Telêmaco entendia que chegara o momento de mostrar a todos, sem excetuar a mãe, que ele já tinha idade para dirigir o palácio na ausência do pai. Se o aparecimento do homem maduro contentava Penélope, a perda do adolescente dócil a entristecia. Não há ganhos sem perdas. Penélope retirou-se ferida. Doía-lhe a aspereza. A ação materna, doadora de vida tem limites. No momento

em que a presença da mãe inibe atos livres, torna-se letal. Chega um momento em que as mães saem de cena para que os filhos passem a atuar. Toda ruptura é dolorosa. Algo morre na mãe quando o filho cessa de buscar auxílio. A reação de Orestes foi ainda mais severa. Clitemnestra, a progenitora, tomba golpeada pela espada do filho que retornara para vingar o pai, assassinado com a cumplicidade de quem lhe deu a vida. Hamlet, com traços de Édipo e de Orestes, não descansa enquanto a morte não castiga a rainha, sua mãe, cúmplice da morte do rei, seu pai.

Mulligan tem razão: Stephen prolonga a linhagem dos filhos que colaboraram com a morte da mãe. Quem pode declarar-se inocente? Toda rebeldia fere. Mas não se mata a mãe impunemente. Na falta das Eríneas, antigas deusas da vingança, é a imagem da morta que se desenha ante os olhos do culpado. Stephen fala ao fantasma da mãe: *-No, mother. Let me be and let me live.* O “deixa-me ser, deixa-me viver” atesta que a mãe, mesmo depois de morta, vive. A visão da mãe responde ao materialismo crasso de Mulligan. Como poderia Stephen ter aniquilado a mãe, se o fantasma dela o persegue implacavelmente? Matéria não é tudo. Abre-se no peito um abismo em que vivem as sombras, concretizadas em visões e sonhos. Na vizinhança desses abismos, recentemente explorados por Freud e Jung, forma-se a prosa de Joyce.

Mulligan toma o lenço usado do bolso de Stephen e observa a cor da excrescência nasal, presa no tecido, *snotgreen* – *verdemuco*. Stephen lembra que verde era a cor da bile guardada num vaso à cabeceira do leito da mãe. Verde é a cor da decadência, da morte. A mãe, fonte da vida, pode causar também a morte, inclua-se o mar, o ventre de tudo. *Escrotoconstritor* (*scrotumtightening*) é o gesto da mãe castradora.

Stephen sente o peso da história e se revolta, mostre-se ela no corpo da mãe ou nos acontecimentos mundiais. Stephen aponta dois determinismos: o império britânico e a igreja católica. A opressão, venha donde vier, está estampada na imagem da mãe. Ele recorda a alucinação com frases em que as formas finitas dos verbos se retraem como para abolir o tempo. A mãe que foi é. Ele não consegue libertar-se desse peso onírico que não o deixa viver.

Não se pense que a vida e a morte se limitam a fenômenos químicos, físicos e biológicos – como queria Mulligan. Sobe à lembrança *oinopa ponton*. No mar cor de vinho da *Odisséia* refletia-se a vegetação da ilha sonhada de Calipso. *Snotgreen* une natureza, morte e arte. A arte não se reduz a sangue, bile, água e pedra. Stephen tinha acordado sonolento, perturbado pelos pesadelos de Haines. Mais graves que esses são os seus. Como não é possível livrar-se dos sonhos, convém elaborá-los, tarefa da arte. Como substância de obras artísticas, os sonhos são indispensáveis. Assim, o que era morte põe-se a serviço da vida. Stephen contesta o autoritarismo de Mulligan com sonhos e arte.

O pensamento livre (*free thought*) seduz Stephen. A palavra *freethinker*, filha do Iluminismo, foi usada pela primeira vez por Molineux numa carta a Locke em 1697. Define aqueles que professam uma mundividência liberta de qualquer restrição. Stephen se declara livre-pensador ante a pergunta de Haines:

“Você não é crente (*believer*), é?” O companheiro entende por crente um que aceita a criação desde o nada, milagres, um deus pessoal. Dedalus move-se entre duas posições autoritárias: o materialismo severo de Mulligan e o determinismo histórico de Haines: parece que a culpa é da história. Tudo indica que devemos culpar a história (*it seems history is to blame*), assim interpreta ele os conflitos anglo-irlandeses. Posição cômoda, se a responsabilidade é da história, estamos isentos de culpa. Livre de imposições, abrem-se ao livre-pensador muitos caminhos. Essa é sua angústia, esse é o desafio. Stephen, avesso a exclusões, quer aprender a locomover-se com segurança em território de muitos caminhos.

O nome de Stephen Dedalus evoca o Dédalo antigo, nome derivado do verbo *daidallo*, fazer com arte. Dédalo é o construtor mítico das primeiras estátuas e do labirinto (Il. 18, 592). Ateniense exilado em Creta, acolhido por Minos, Dédalo ergueu o labirinto e engenhou o simulacro de novilha, que encobriu a rainha, esposa de Minos, quando esta concebeu o Minotauro, filho de um touro saído do mar. Irritado, o rei prendeu o artista em sua própria construção. Dédalo conquistou a liberdade com a força das asas, engenhosamente presas ao corpo. Misto de engenheiro e mártir, Stephen Dedalus vive num labirinto, Dublin, cidade em que os caminhos se enredam.

Observe-se o labirinto nas alusões à história eclesiástica. Recebemos um feixe de nomes que vão do II ao IX séculos. Contra toda opressão, venha ela da mãe, da história ou da prepotência de outros, Stephen diz: *let me live*. Desamparado, busca forças em si mesmo, no passado recente e remoto para construir o futuro. Vale-se, para tanto, de sua formação cristã. Recorda acaloradas discussões sobre a trindade que agitaram a Igreja desde as origens. Elas importam porque envolvem a relação pai-filho. Tome-se a heresia ariana. Severamente monoteísta, Ário negava a consubstancialidade do Pai e do Filho. Autogerado, inefável, imutável, perfeito era só o pai. O Filho, embora criado antes do tempo, era inferior ao pai a quem incessantemente buscava. Stephen, filho de um pai desprezível, não podia transferir o arianismo para a sua própria vida. Mais simpática lhe era a doutrina de Sabélio para quem as pessoas da trindade não são mais que máscaras (*prósopa*) da mesma substância divina. Sendo assim, Stephen carregava em si mesmo o pai a quem buscava. Até para compreender o autoritarismo de Mulligan, a história eclesiástica lhe fornecia modelo, Fótio. Este tornara-se patriarca de Constantinopla, mesmo sendo leigo, valendo-se de favores da corte. Fótio tomara o lugar de Inácio, o patriarca legítimo, embora este não tivesse renunciado ao cargo. Mulligan lhe parecia um usurpador como Fótio. Embora a história (sagrada ou profana) não seja espelho, ela guarda materiais para a construção da nossa própria imagem.

Arte não é remédio para pensar feridas. Arte é escalpelo (*lancet*) para abrir tumores. Stephen denuncia a arte produzida pelos irlandeses de seu tempo, “espelho partido.” Stephen quer a arte revolucionária, agressiva, renovadora, não subserviente a majestades autoritárias. O que importa que Caliban, filho de um demônio e de uma feiticeira, não se veja no espelho? A arte que renova não nasce de espelhos. O instrumento com que Stephen, o artista, intervém na vida é afiada como a lâmina de barbear, agressiva como o bisturi. O espelho duplica

ARTIGO

a imagem construída sem dizer nada sobre o processo de construção. Arte é mais que imagem refletida.

O helenismo de Mulligan... Não é esse o helenismo que seduz Stephen Dedalus, companheiro dele na torre. Stephen quer um helenismo sem subserviência, aberto, indagativo, compreensivo, acolhedor. Rejeita submissões, seja à mãe, ao pai, ao usurpador, ao passado ou à história. A rebeldia à função paterna – pensa Lacan – investe o jovem do poder de escrever. Os modelos helênicos oprimem autores sem imaginação. Entre o helenismo autoritário de Mulligan e a vontade de viver expressa por Stephen não há afinidade. Helenismo imposto é barreira, é negação ao acesso a outras culturas. Joyce está entre os que propunham um renascimento que fosse reinvenção sem limites.

ENLACES ENTRE NARCISISMO E DROGADIÇÃO: A CONDIÇÃO DE SERVIDÃO DO EU

LINKS BETWEEN NARCISSISM AND DRUG ADDICTION:
THE EGO'S SERVITUDE CONDITION

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn¹

Mônica Medeiros Kother Macedo²

Resumo: A Psicanálise está, inevitavelmente, convocada a refletir acerca da adição de forma a buscar suas vias de compreensão e intervenção sobre esse dramático fenômeno. Aborda-se no artigo a relação entre drogadição e narcisismo considerando a condição de servidão e apresentam-se duas ilustrações clínicas, oriundas de espaços de escuta de sujeitos drogaditos. O exercício da Escuta operou-se via Estratégia Clínico-Interpretativa, forma de trabalho de pesquisa sustentado no Método Psicanalítico. Constatou-se, a partir das modalidades de relação do Eu com o objeto, duas estratégias defensivas distintas, denominadas servidão narcísica e servidão autoerótica. A conceituação dessas duas modalidades diz respeito não somente às estratégias de preservação e de enfrentamento disponíveis ao Eu na condição de drogadição, bem como aos seus entraves na relação com a alteridade.

Palavras-chave: Narcisismo. Drogadição. Servidão. Psicanálise.

Abstract: Psychoanalysis is inevitably called upon to reflect on the drug addiction, in order to seek understanding axes and intervening possibilities in this dramatic phenomenon. This article discusses the links among narcissism, drug addiction and the servitude condition by presenting two clinical illustrations from listening spaces offered to drug addicts. The listening exercise was operated using the Clinical-Interpretative Strategy, a research modality sustained on the Psychoanalytical Method. It was found two different ways of ego investment in objects, two different defensive strategies of the ego, called narcissic servitude and autoerotic servitude. The conceptualization of these two strategies refers not only to ego preservation and its coping strategies, but also to the barriers between Ego and alterity.

Keywords: Narcissism. Drug Addiction. Servitude. Psychoanalysis.

¹Psicóloga. Psicanalista.
Doutora em Psicologia.
Professora da Faculdade de
Psicologia da PUCRS.
Membro da Sigmund Freud
Associação Psicanalítica.

E-mail:

carolfalcao@yahoo.com

²Psicanalista. Doutora em
Psicologia. Professora da
Graduação e da Pós-
graduação da Faculdade
de Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica do
Rio Grande do Sul
(PUCRS). E-mail:
monicakm@puccrs.br

drogadição. Destaca-se, neste artigo, a relação entre drogadição e narcisismo, contemplando, mediante estes conceitos, a dimensão do **estado de servidão** presente na relação do sujeito com o objeto droga.

De fato, no curso da elaboração da Tese de Doutorado, intitulada “O Sujeito Psíquico e a Condição de Servidão ao Objeto Droga: do Rigor da Psicanálise à Pesquisa na Escuta” (DOCKHORN, 2014), realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), destacou-se, a partir da Escuta de sujeitos drogaditos e de um singular trabalho de pesquisa com esse material, a existência de histórias de vida marcadas por importantes traumatismos, no que diz respeito à precariedade dos investimentos dos objetos primordiais. Pode-se constatar a estruturação de um pacto mortífero com os objetos primordiais, o qual aniquilou o potencial de autonomia desses sujeitos. Assim, na luta pela sobrevivência psíquica, acabou por estabelecer-se uma condição de servidão a estes objetos primordiais. Tal condição de servidão passou a ser repetida no investimento do sujeito no objeto droga e colocou em evidência no processo da investigação importante faceta do narcisismo.

A Escuta dos sujeitos drogaditos foi seguida do trabalho de pesquisa com os dados por meio da Estratégia Clínico-Interpretativa (DOCKHORN; MACEDO, 2014), modalidade de investigação sustentada no Método Psicanalítico e, portanto, baseada nos pressupostos da Escuta, da Abstinência e da Transferência. Tal estratégia investigativa permitiu que fossem desvelados aspectos da drogadição de cada um dos sujeitos escutados de tal forma a colocar em evidência a complexa relação entre o narcisismo e o fenômeno drogadito. Sabe-se que tal relação possui inúmeros contornos e, justamente por isso, deve ser entendida em sua complexidade e singularidade.

Neste artigo, opta-se por destacar a relação de **servidão** do sujeito com os objetos de investimento, incluindo o objeto-droga. Nesta opção, objetiva-se evidenciar a perda das capacidades de autonomia e liberdade do Eu, o qual aprisiona-se nesta condição de servidão, delegando, assim, ao objeto um papel central em seus investimentos.

Desde Freud (1914/1976), sabe-se da importância do narcisismo para o desenvolvimento psíquico e para a construção de um Eu capaz de investir amorosamente em si, nos objetos e nos ideais. Considerar a importância do narcisismo na vida psíquica refere-se, além de levar em conta a organização e os recursos do si mesmo, também a lançar luz sobre o tema das fronteiras entre o Eu e o outro. Como destaca Savietto (2010), é no seio dos investimentos primários que residem as condições de construção de uma base narcísica, a qual é responsável pela delimitação de um território próprio a ser investido pelo sujeito. É na qualidade dos vínculos primários que se estabelece, assim, a progressiva diferenciação sujeito/objeto.

Tomando-se as proposições de Cardoso (2005) acerca da importância das fronteiras dentre o Eu e o outro, compreende-se que as precariedades do estabelecimento da “nova ação psíquica” resultam num insuficiente delineamento do

espaço que marca o limite entre sujeito e objeto. Tal condição resulta em características singulares no espaço de trânsito entre o externo e o interno. Mantêm-se, assim, vigentes as características de fragmentação e de parcialidade da pulsão sexual que marcam os investimentos do autoerotismo, tempo anterior ao narcisismo primário. Destaca a autora que, se o autoerotismo caracteriza-se pela ausência do reconhecimento de objeto total – quer seja o próprio Eu, quer seja um outro – isso não significa a inexistência de um “objeto parcial fantasístico” (p.68). Logo, segundo Cardoso (2005), nesse primeiro tempo da constituição psíquica, marcado pelo aspecto parcial da pulsão, tem-se um corpo, o qual “estando desviado de suas funções de autoconservação, constitui-se como um eu-corpo, ainda sem fronteiras, aberto ao outro” (p.68).

Por isso, uma das vicissitudes da precariedade da estruturação narcísica refere-se à produção de angústias de invasão e de separação. Nesse sentido, explica Saviotto (2010, p.25), a partir das contribuições teóricas de Chabert (2006), que a insuficiente diferenciação sujeito/objeto ameaça o sujeito quanto à garantia de sua continuidade ante a ausência do objeto; ao mesmo tempo e, paradoxalmente, ela ameaça o sujeito quanto à sua integridade ante a presença do objeto.

Como consequência, estabelece-se um antagonismo entre sujeito e objeto. Pode-se, ainda, resgatar as ideias de McDougall (1997) acerca de ser o comportamento adictivo um desafio ao objeto materno internalizado, uma vez que, ao acreditar, onipotentemente, que controla o objeto-droga, o sujeito acredita, também, que pode garantir a fronteira entre o Eu e o outro, livrando-se, assim, do risco à intrusão e à dependência do objeto primário.

A fim de apresentar proposições sobre os singulares enlaces entre o narcisismo e a drogadição, apresentam-se duas ilustrações clínicas, oriundas de espaços de escuta de sujeitos drogaditos. Estes espaços tinham como objetivo não o tratamento psicanalítico, mas, sim, a oferta de uma Escuta abstinentemente e que privilegiasse a associação livre do sujeito, a partir do estímulo inicial de que falassem de si mesmos. Na exploração de duas dessas histórias destacam-se os efeitos no Eu de uma história marcada pelo parco investimento das figuras primordiais.

Cristina, além de filha caçula, é a filha temporona, tendo uma diferença de 18 e de 13 anos com as irmãs. A mãe, com 40 anos à época da gravidez, teve uma gestação de risco, “e quando deu entrada na maternidade pra me ter, o médico avisou que talvez só conseguisse salvar uma”. Cristina conta que nunca gostou de ouvir sua mãe contar histórias sobre sua infância; por isso, sabe muito pouco do tempo em que era pequena. Nunca deixou que lhe contassem, por exemplo, qual foi a reação e a resposta da mãe frente à fala do médico na maternidade. Sabe que, diante da surpresa da terceira gravidez, os pais torceram para que fosse um menino, mas não sabe a reação deles frente ao seu nascimento. Todavia, se, por um lado, não permitia que lhe contassem histórias, por outro, as criava e recriava a partir das muitas fotos familiares para as quais tinha o costume de olhar. Refere, por exemplo, que sempre lhe chamou a atenção a diferença da sua fisionomia para a das irmãs, o que a levou a pensar muitas vezes que o que a mãe contava sobre a gestação era mentira e que, de fato, havia sido adotada. Isso ocorria devido à justificativa dada pelas irmãs de que os

pais já estavam velhos e, por isso, não a acompanhavam em passeios em sua infância. Cristina conta que sofreu muito com a ausência deles: “não é só porque estão ficando velhos, porque os idosos também fazem passeios, viagens, piqueniques, tiram foto, e, pra mim, seria muito importante, sabe?”. A dor da ausência também se expressava a cada saída da mãe para o trabalho. Cristina acreditava que a mãe saía por não ter o desejo de estar com ela. Na escola, tinha muita vergonha de si mesma, pelas roupas que sua mãe escolhia e por ser uma criança gordinha. Ao longo da vida escolar, ganhou apelidos como “baleia, fofinha, etc. e também não usava biquíni nos passeios e uma vez eu não pude fazer uma atividade da escola em um museu por causa do meu peso”. Cristina passou toda a adolescência sofrendo em relação ao seu peso, o que, segundo ela, a impedia de ter amigos e de se aproximar dos meninos. Além disso, Cristina mostra-se muito ressentida com o fato de sua mãe nunca ter tido noção do quanto sofria com o peso e sente rancor porque ela nunca tentou ajudá-la, muito menos conversou com Cristina sobre isso. Quando estava no Ensino Médio, Cristina começou a utilizar sibutramina para emagrecer, porém, sofria o efeito rebote quando descontinuava a medicação: “eu emagreci 14 quilos e essa foi a época que eu mais fervei na minha vida de juventude... nem na minha drogadição eu não fervei tanto como nessa época. [...] E quando o remédio parou de fazer efeito aí eu comecei a botar tudo pra dentro de novo. Aí eu inchei, fiquei bem gordinha”.

Na tentativa de suprir seu vazio e a intolerância consigo mesma, Cristina investiu algumas vezes na sibutramina; porém, foi na cocaína que seu investimento se tornou permanente. Cristina experimentou a droga em uma festa: “eu vi as gurias que estavam lá, todas magras. E eu até cheguei a cogitar... eu sabia que uma delas usava droga. E aí eu fiquei pensando... não que eu quisesse usar droga para emagrecer, mas passou a hipótese de ‘será que elas usam cocaína para emagrecer?’. De fato, a drogadição permitiu a Cristina gozar daquilo que ela entendia ser um novo lugar no mundo e nas relações. Fez muitos “amigos” e estava sempre sendo convidada para sair na companhia deles. Conta que: “na época, é como se eu fosse a prefeita da cidade, assim, porque todo mundo me conhecia”. O detalhe de tal popularidade residia no fato de Cristina “botar substâncias para todo mundo.. Assim, em festas que eu ia, nas festas que eu fiz. Dai eu pegava o carro e ia em vários pontos da cidade para saber onde estava a galera. E, aí, aparecia sempre com substâncias. Então, eu fiquei super conhecida, assim, todo mundo sabia que se eu chegasse, eu ia chegar com um monte de substâncias... E de carro”.

A história de vida de Cristina evidencia os efeitos de uma mãe que não se ocupa da filha, realizando um movimento de banalização em relação ao que ocorria com a filha. Cristina era uma menina solitária. No vazio deixado pela ausência dos objetos primordiais (o pai mal aparece no relato da filha), Cristina refere-se à necessidade do comer para apaziguar uma angústia sem nome. Quando fala do ganho de peso, após o uso da medicação, relata – ainda que tangencialmente – a necessidade sempre presente em seu agir de “pôr tudo pra dentro”. A partir de sua história, pode-se pensar que o ganho de peso e a deformação corporal decorrente dele estão a serviço, entre outros fatores, de anular sua feminilidade, cumprindo, com isso, o desejo dos pais de ter um menino.

Além disso, nas versões construídas por Cristina quanto à sua origem, aparece em seu relato sempre a presença à menção a um enigma, despertado pela percepção da menina de sua diferença em relação às irmãs. Todavia, este enigma segue silenciado pelo pacto estabelecido com a mãe: Cristina onipotentemente acredita que não sabe porque não *quer* saber. Qual será o verdadeiro enigma existente em relação à origem de Cristina? O que a sua percepção da diferença em relação a ela aponta que precisa ser silenciado? Por fim, pode-se perceber, também, na fala da participante sua crença de que existe um objeto (cocaína) capaz de dar a ela o que não tem. Enquanto Cristina acredita que o objeto-droga deu às mulheres a condição de sujeitos desejados – eram magras e felizes –, ela mantém-se presa do ressentimento por aquilo que o objeto mãe não deu a ela. Cristina buscou na droga a promessa da felicidade. Contudo, tal promessa se organizou, desde o início, numa via de alteração: de gorda e infeliz em magra, desejada e cheia de amigos. Consolidou-se uma servidão ao objeto-droga, a qual era o único caminho possível para a manutenção dessa alteração.

A intrínseca relação entre a toxicomania e o narcisismo é evidente. Todavia, a partir do trabalho de Escuta desenvolvido na Tese de Doutorado, constatou-se a presença de diferentes nuances na relação entre a organização e os recursos do Eu e a via toxicômana de descarga pulsional no que diz respeito à consideração do objeto e seu investimento na vida psíquica. Estas nuances se fizeram presentes a partir da contratransferência despertada nos trabalhos de Escuta e interpretação das histórias de vida dos participantes da pesquisa. Dessa forma, nas etapas da Estratégia Clínico-Interpretativa, criada como um método psicanalítico de pesquisa, pode-se, paulatinamente, construir hipóteses acerca de tais nuances nas modalidades de investimento do Eu nos objetos, incluindo, conseqüentemente, o investimento no objeto-droga.

Douglas sempre foi considerado uma criança incontrolável. Refere que sua infância foi muito difícil, pois a família tinha poucos recursos e ele sempre teve “poucas coisas”. Diante disso, apresentou desde criança um movimento de apropriação do que era do outro: “Eu roubava por roubar, pra ter aquele negócio, porque nós tínhamos uma condição ruim mesmo, não tinha o que eu queria... no meu caso era pouca coisa, era brinquedos, roupa, tênis que eu pegava dos vizinhos, de primos. Aí acontecia do pai me bater e eu acabava fugindo de casa. Me revoltava”. Douglas roubava porque o outro tinha e ele não, e ele queria ter. Revoltava-se quando o pai batia, pois, além da violência, não via sentido na discordância do pai: “É que eu via as outras crianças ganhando as coisas e eu não podia ter”. De fato, considerava que o pai tinha de lhe dar o que ele quisesse. Provinha da mãe o sustento de casa, enquanto o pai alcoólatra, não tinha trabalho fixo e forçava (com violência) a mulher a financiar seu vício. Douglas era sistematicamente excluído das brincadeiras com os irmãos e as demais crianças. Não tem claro o que vinha primeiro: se sua tristeza perante a exclusão ou se sua violência em destruir os brinquedos e as brincadeiras dos outros. Em alguns programas, como aniversários, por exemplo, Douglas só podia comparecer na presença do pai, pois “ninguém dava conta” dele. Se o pai do rapaz reagia com violência frente às ações do filho, a mãe de Douglas “passava a mão na cabeça”, conseguindo, inclusive, impedir que o filho apanhasse

algumas vezes. Quando Douglas já estava adicto às drogas, sua mãe também passou a financiar o consumo de Douglas.

Mais tarde, Douglas passou a roubar para ter dinheiro para usar drogas: “Saía de manhã cedo, mesmo morando com a mãe, saía pra roubar. Arrumava um troquinho e ia direto pra boca comprar a droga. Fumava aquilo ali que tinha. Saía de novo, roubava... Eu roubava casas. Pegava TV, o que eu pudesse carregar, joias, dinheiro, DVD, aparelho da NET. A gente tinha onde vender. Pra mim ficava bem mais fácil, pegava um táxi e levava direto. O que desse pra mim carregar eu tava levando”. A droga comprada era consumida só por Douglas: “Eu ia sozinho pro campo, pegava uma garrafinha dessas aí de cachaça, botava refri, pegava a minha maconha, a minha farinha, meu pó, e ia pro campo e ficava lá... Sozinho, cheirando e bebendo. Depois saía, ia em busca de mais”. Logo no início, o uso foi em grupo: “Depois comecei a usar sozinho. Foi só pra aprender, mesmo, aquele momento ali, como é que fazia, como é que não fazia. Depois que eu aprendi, eu pegava e fazia sozinho... pra não dividir com ninguém”.

Douglas, ao ser colocado no lugar de criança incontrolável, teve seu destino sentenciado desde muito cedo. Reclamava das poucas coisas que tinha, mas estaria mesmo se referindo à pobreza de roupas e brinquedos? O que o fazia roubar desde tão cedo? A que mesmo se referia sua certeza de que tinha tão pouco? A exclusão sistematicamente experimentada quando do encontro com outras crianças, inclusive com os irmãos, aponta para uma incapacidade de *estar com* o outro. Esteve o pequeno Douglas efetivamente com alguém? O que o fazia, ainda criança, não saber brincar, como mais tarde o próprio Douglas avaliou, durante as entrevistas? A impossibilidade materna de dar conta do menino repetiu-se ao longo de toda a história de Douglas, pois, quando dava dinheiro para o filho comprar drogas, assumia, uma vez mais, a falência de sua função frente ao sintoma do filho.

Na fala de Douglas, presentifica-se o modo como o narcisismo, diante da constatação da falta e da diferença, recorre às estratégias que visam desmentir o efeito dessas percepções no sujeito. A história de Douglas permite constatar a importância de problematizar a contribuição do modelo de constituição do Eu no qual se faz presente importante recurso a usurpar de outro aquilo que lhe falta.

Ao tratar da estruturação e da dinâmica psíquica singular da Perversão, Moraes (2012) pontua como, diante do veredicto da castração, o sujeito perverso reage com indiferença e, para tanto, recorre à intensificação do narcisismo. Ao se utilizar do recurso defensivo do desmentido, o sujeito altera os registros, tanto da percepção da diferença, como do vazio em relação ao si mesmo. Dessa forma, pode-se afirmar que o recurso ao desmentido da realidade está sustentado no narcisismo. Destaca a autora, então, que o perverso ao desmentir, “não reconhece a diferença que a presença do outro impõe e fragmenta, nesta clivagem, a possibilidade de reconhecer-se em si mesmo” (MORAES, 2012, p. 97).

Na etiologia da estruturação perversa, Moraes (2012) apresenta a existência de um trauma-abuso, o qual diz respeito à vivência de desamparo psíquico e à incapacidade de atribuição de sentido por parte do sujeito daquilo que,

passivamente, ele vive em suas relações primordiais. Assim, instala-se um traumático, cuja intensidade aprisiona o sujeito em repetições via ato. Nesse sentido, para a autora, a manifestação em ato refere-se a uma *presença-ausência*: “o sujeito está presente na *expressão* do ato, mas ausente em relação ao que *produz seu ato*” (MORAES, 2012, p. 100).

Para além da intenção de realizar um diagnóstico estrutural dos participantes da investigação realizada, a problematização apresentada acerca do papel do trauma-abuso alude à demarcação do papel do narcisismo no recurso ao desmentido. Assim, destacam-se as intensidades das vivências de Cristina e Douglas em seus encontros primordiais, as fraturas narcísicas por elas produzidas e, também, a impossibilidade psíquica de reconhecimento e significação da diferença entre o Eu e o outro que predominam nas vidas desses sujeitos.

Propõe-se, então, a existência de diferentes nuances no que diz respeito à capacidade de investimento do Eu e aos seus recursos defensivos. Enquanto, por um lado, pode-se perceber a ocorrência de um antagonismo entre o sujeito e o objeto, tal como propôs Savietto (2010), isto é, um duelo entre o sujeito e o objeto interno, o qual ele tanto teme, por outro lado, percebem-se relações nas quais o objetivo da relação com o outro é o de usurpá-lo, retirando dele algo que o sujeito deseja ser ou ter. A primeira dessas modalidades de investimento trata de uma relação na qual existem dois a serem considerados, ainda que possam estar borrados os limites entre eles e predomine a condição de servidão. Já a segunda modalidade diz respeito ao predomínio de um enclausuramento do sujeito em si mesmo, em uma dimensão autoerótica. Cabe destacar, porém, que tal enclausuramento não se refere a um fechamento psicótico, operado a partir de uma ruptura da realidade, mas, sim, a um movimento de alteração da realidade de tal forma que a diferença entre o Eu e o outro seja desmentida e mantida ao custo de toda e qualquer alteração. O movimento de usurpação do outro busca a manutenção de um funcionamento próprio ao autoerotismo. Por isso, propõe-se, como retrato dessa usurpação do objeto, a referência de Douglas ao afirmar que usava drogas com outras pessoas apenas para aprender a como usá-las e que, tão logo aprendeu, passou a consumi-las sozinho para “*não dividir com ninguém*”.

Considerando as diferentes nuances observadas, propõe-se a existência de duas modalidades defensivas distintas, as quais denunciam, a partir de seu uso, a intensidade e extensão da fratura narcísica existente no sujeito drogadito. Parte-se de um ponto comum, a saber, a condição de servidão psíquica aos objetos primários, condição essa que passa a se repetir nos “novos” investimentos do sujeito. São as impactantes vivências traumáticas, as quais engendraram pactos mortíferos aniquiladores da condição de ser e estar no mundo, ou seja, aniquilasse a condição de existir como um sujeito psíquico, reconhecido e investido como tal no campo da alteridade. Pode-se pensar que o *servo* é aquele que entrega para um outro a sua condição de sujeito, gerando e reproduzindo, conseqüentemente, um *estar aprisionado* ao mandato narcísico dos objetos primordiais, o qual, por sua vez, impõe uma repetição compulsiva e, portanto, incessante do estar assenhoreando-se do outro. É a servidão psíquica o testemu-

nho mais inquestionável do prejuízo ao si mesmo e à alteridade.

Dessa forma, tomando a condição de servidão psíquica como própria à drogadição, propõe-se, mais especificamente, como **servidão narcísica** a estratégia de enfrentamento (e, portanto, defensiva) da problemática da fronteira entre o Eu e o outro, através de uma modalidade de investimento no objeto que onipotentemente dá ao sujeito a ilusão de controle sobre si mesmo, subtraindo as ameaças de invasão do objeto e do conseqüente aniquilamento do Eu. Propõe-se, por outro lado, denominar **servidão autoerótica** à estratégia de enfrentamento que desvela uma indiferença para com o objeto e, portanto, de um fechamento do Eu à sua própria parcialidade pulsional. Nessa modalidade de investimento, tem-se a presença do ato que usurpa ao outro sua condição de sujeito para garantir que não se opere sobre o Eu um abalo à sua condição de prazer parcial e à visão onipotente de si mesmo. Opta-se pelo resgate da ideia de autoerotismo para destacar que, desde a perspectiva do sujeito que faz uma servidão autoerótica, a alteração da percepção da falta desmente o valor e os efeitos provocados pelo outro.

Histórias de parte de alguns participantes da pesquisa, tal como de Douglas evidenciam, assim, o dramático recurso à **servidão autoerótica**, na tentativa de sobrevivência psíquica por meio de um fechamento em si mesmo e conseqüente indiferença e usurpação do outro, com o intuito de impedir que a dor psíquica seja experimentada e posteriormente representada pelo Eu. À luz das proposições teóricas de Moraes (2012) sobre a singular dinâmica psíquica da perversão, pode-se caracterizar o que neste artigo apresenta-se como servidão autoerótica para identificar esse movimento psíquico defensivo que não apenas visa, em última instância, à preservação do Eu, mas também denuncia as fraturas no si mesmo e a necessidade de *alterar* os possíveis efeitos decorrentes dos investimentos nos objetos.

Por outro lado, pode-se constatar nas histórias dos demais participantes, tal como Cristina, uma nuance diferente do movimento psíquico defensivo, proposto, aqui, como **servidão narcísica**. Mesmo que se consiga constatar a busca pela preservação do Eu, frente ao impedimento da invasão do objeto, a modalidade de investimento no outro apresenta-se um pouco mais preservada e, por isso, o reconhecimento do outro e os efeitos desse reconhecimento não precisam ser completamente alterados. A alteração necessária, nesses casos, diante da precariedade do si mesmo, diz respeito mais a “administrar” as fraturas provocadas pelo encontro com ele (servidão narcísica) do que alterar o parco investimento no objeto, de forma a predominar a usurpação de sua condição de outro (servidão autoerótica). Em ambas é evidente o prejuízo da relação do Eu com os objetos e a danosa capacidade de provocar quaisquer vicissitudes ao Eu.

Dessa forma, considerar as duas nuances de modalidades de investimento do Eu, bem como problematizá-las como recursos de enfrentamento da dor psíquica, permite aprofundar o tema do importante prejuízo ao Eu toda vez que o aprisionamento à condição de servidão se exemplifica via drogadição. Ainda, cabe ressaltar a especificidade dos aportes de abordagem dessa temática: trata-se de problematizar o sujeito na condição da drogadição e não colocar ênfase

na substância que consome mas, sim, no que o consome como sujeito.

Certamente, o exercício da Escuta de sujeitos como Cristina e Douglas abrem inúmeras vias de problematização. Além disso, o enlace entre narcisismo e o fenômeno drogadito se desdobra em múltiplos eixos de investigação e de estudo. Assim, sem desconsiderar a multifatoriedade do sintoma drogadito, mas em oposição à lógica de compreensão dominante da temática que acentua a “dependência química”, buscou-se, neste artigo, dar foco principal ao sujeito e à sua condição de assujeitamento frente à relação que estabelece com o objeto-droga. Para tanto, considera-se a Psicanálise uma ferramenta *princeps*, uma vez que permite não somente uma profunda análise do sujeito em seu processo de subjetivação e constituição psíquica, mas, também, uma análise não causal das modalidades de seus investimentos.

De modo mais específico, considerando-se a pesquisa que deu origem a este artigo, a Escuta dos participantes e o decorrente trabalho metodológico buscaram resgatar e atentar à forma da Psicanálise posicionar-se diante dos fenômenos humanos. Neste artigo, ao investigar a problemática da drogadição por meio de uma estratégia de pesquisa com o método psicanalítico, via Estratégia Clínico-Interpretativa, são o sujeito e a singularidade dos efeitos de sua história que se destacam.

O conceito de narcisismo se impôs durante o trabalho como o fio condutor indispensável para as diferentes e complexas tessituras entre o sujeito psíquico e suas modalidades de investimento em si mesmo e nos objetos. Destacou-se, de forma contundente, ser a via do narcisismo um eixo de problematização na drogadição, uma vez que na história e nos efeitos de sua constituição subjetiva vão se delineando as vias de repetição que encarceram o sujeito na condição de servo ao objeto, impedindo-o de construir-se nas dimensões da autonomia, da liberdade e da alteridade.

Assim, ao problematizar as vicissitudes do narcisismo, foi possível realizar um movimento de aprofundamento e de ampliação das histórias de vida de cada participante da pesquisa, o que culminou na proposição teórica do conceito de **servidão** enlaçado com o aprofundamento das dinâmicas psíquicas presentes na toxicomania. Tal conceito denuncia uma condição de repetição compulsiva e se manifesta em diferentes nuances. Dessa forma, pode-se constatar diferenças nas modalidades de relação do Eu com o objeto, o que levou à apresentação no artigo de duas estratégias defensivas distintas, denominadas **servidão narcísica** e **servidão autoerótica**. De fato, a conceituação dessas duas modalidades de investimento no objeto dizem respeito não somente às estratégias de preservação e de enfrentamento disponíveis ao Eu, bem como aos entraves na relação com a alteridade.

Em relação ao tema da Drogadição, acredita-se que, na fidelidade ao legado freudiano de interrogação permanente, pode-se ampliar e dar luz a nuances que colaboram como elementos de escuta e na intervenção diante das singulares expressões de dor psíquica do sujeito drogadito. Dentre esses essenciais elementos, aliam-se, sem dúvida, o fundamental conceito do narcisismo e o lugar

do Eu nos encontros com seus objetos de investimento.

Diante do caráter inesgotável dessa temática e reconhecendo a inevitável circunscrição que um pesquisador precisa fazer em relação ao fenômeno que investiga, afirma-se ser fundamental que outros estudos, outros olhares, outras escutas e possíveis intervenções possam adentrar esse singular território de dor psíquica. Quando se adentra um espaço de dor psíquica amparado nos aportes psicanalítico, não poderá ser minimizado o valor da palavra daquele que sofre.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, M. **A servidão ao “outro” nos estados limites.** *Psychê*, n .9, v.16, p. 65-75, 2005.

CHABERT, C. **Actes et dépendances.** Paris : Dunod, 2006.

DOCKHORN, C. **O sujeito psíquico e a condição de servidão ao objeto-droga: do rigor da psicanálise à pesquisa na escuta.** Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS], Porto Alegre, 2014.

DOCKHORN, C. N. B. F.; MACEDO, M. M. K. (2014). Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, no prelo.

FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução.** Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24v. V. 14.

MCDUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORAES, E. Perversão: analisabilidade de um destino em cena. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother; WERLANG, Blanca Susana Guevara (Orgs.). **Psicanálise & Universidade: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p.92-109.

SAVIETTO, B. **Drogadição na juventude contemporânea: a “intoxicação” pelo outro.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Porchat Pereira da Silva Knudsen, P. (2010), Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler, em *Revista Estudos Feministas*, 18(1), pp. 161-170.

O NARCISISMO DOS PSICANALISTAS: FREUD, WINNICOTT, MASUD KHAN

THE PSYCHOANALYSTS' NARCISSISM:
FREUD, WINNICOTT, MASUD KHAN

Luiz Eduardo Prado de Oliveira¹

Resumo: Este ensaio é uma reflexão sobre o circuito narcisista que tensiona a transmissão da psicanálise, tanto no campo teórico como no espaço transferencial. Alude também aos desdobramentos da herança em ecos narcísicos nas próximas gerações.

Palavras-chave: Narcisismo. Herança. Filiação. Transmissão

Abstract: This paper proposes a reflection on the narcissistic circuit which tenses the transmission of psychoanalysis, in both theoretical field and transference space. It also considers the developments of heritage, regarding the narcissistic echoes for the generations to come.

Keywords: Narcissisms. Inheritance. Filiation. Transmission

O narcisismo é, antes de tudo, uma formulação teórica. Conhecemos o seu alcance e os seus fundamentos: reunificação dos impulsos parciais, uso do próprio corpo. Esta concepção pode adquirir formas muito sofisticadas. Através de uma concepção complexa, podemos conectar o narcisismo primário com o instinto de morte e sexualidade, enquanto o narcisismo secundário refere-se ao instinto de vida e da constituição do eu¹. Essa sofisticação teórica, no entanto, tem pouco significado clínico e continua negando que tem um interesse metapsicológico particular.

A curiosidade sobre o mito é mais bem-sucedida, já que o conceito refere-se a um personagem da lenda grega, Narciso, que admira a água de um lago e apaixonou-se perdidamente por tanta beleza. No entanto, sabemos que as coisas não são bem assim. Atrás de Narciso, está Eco. Perdido em sua própria imagem, Narciso procura a voz de Eco, que não pode ser ouvida, e perde-se na impossibilidade de dizer qualquer palavra. Pior ainda: Eco e Narciso devem seus destinos a origens extremamente violentas: A condenação de Eco de nunca ser capaz de completar suas frases é o resultado de um castigo; em outras versões da lenda, seu corpo é desmembrado e seus pedaços espalhados; Narciso é o filho concebido após um estupro de sua mãe. Assim, na área clínica, o narcisismo refere-se à posição do sujeito em uma cadeia significativa transgeracional. O narcisismo é instalado aí, ou a fantasia do casal parental não aparece como unidade no coito, mas, em vez disso, como um casal mortal, unido pelo ódio.

¹Professor Emérito de Psicopatologia. Diretor de Pesquisa do Centro de Pesquisas em Psicanálise, Medicina e Sociedades. Universidade de Paris 7 - Denis Diderot. Universidade da Bretanha Ocidental. Psicanalista - Sociedade Psicanalítica de Freud.

Contrariamente às nossas crenças mais comumente aceitas, Narciso, ao se contemplar, não o faz tanto para admirar sua beleza, mas, ao contrário, ele foge da fragmentação da sua imagem anunciada anteriormente pela divisão da voz de Eco.

MASUD KHAN

As gerações mais jovens podem não conhecer Masud Khan. Por um longo tempo, mesmo quando a minha formação analítica era muito avançada, eu não conhecia Donald Winnicott, muito menos Masud Khan. Devem-se salientar algumas linhas de sua carreira, antes de entrar no ponto que nos interessa aqui.

APRESENTAÇÃO GERAL DE UM PSICANALISTA

Masud Khan foi originalmente um psicanalista de Pendjab, Penjab, ou, ainda, Punjab, Estado do noroeste da Índia, fronteira com o Paquistão, onde é hoje sua região de origem. Durante a partição da Índia em 1947, o Punjab foi dividido entre esses dois países. Em 1966, a parte da Índia foi novamente dividida em três outros Estados². Geralmente, nessas regiões, tanto no Paquistão como na Índia, coexistem hindus, muçulmanos, *sikhs* e outras minorias. Basta dizer que Masud Khan veio de um mundo que já não existe e que estava começando a deixar de existir quando ele decidiu deixar seu país para ir para a Inglaterra. Este ponto é muito importante e parece esquecido pelos autores nele interessados, embora o fim do seu universo, provavelmente, tivesse todo tipo de consequências para ele.

Por exemplo, às vezes, existem discussões sobre se Masud Khan era muito rico ou não. Na verdade, provavelmente, ele foi e, depois, deixou de ser. As fortunas baseadas principalmente na agricultura em países de desenvolvimento capitalista precário foram feitas e perdas muito depressa. No espaço de uma geração, a pessoa podia se tornar um bilionário e acabar na miséria. Essas são coisas que eu já presenciei. Punjab não era diferente de certas regiões do Brasil, considerando-se este ponto de vista.

Masud Khan cresceu em uma família ampla, muito grande, segundo a tradição muçulmana. Diversas gerações se encontraram e, muitas vezes, coabitaram. Dos muitos laços familiares diferenciados e indiferenciados, coexistiram, por vezes, laços muito indiferenciados. As muitas mulheres de diferentes gerações, muitas vezes, compartilhavam as tarefas relacionadas à maternidade. O pai ocupava um lugar remoto, abstrato, muitas vezes acompanhado de tios e avós. Nessa organização, um filho poderia ser eleito representante absoluto do pai e executar todos os seus ideais e ambições (BOROSOVA, 1997). Lembremos do belo filme *O salão de música*, de Satyajit Ray.

Se eu me refiro a ele, é porque Masud Khan parece ter experimentado algo semelhante, de acordo com suas próprias declarações. Filho mais novo de um quarto casamento de seu pai, de 76 anos, e uma jovem mãe, de 17 anos, ele tinha uma irmã mais nova, três anos mais jovem que ele. Seu pai era um fazendeiro muito rico, sem qualquer educação formal, que tinha servido o exército britânico. Sua mãe também não teve educação formal. Ela era uma cantora e dançarina, provavelmente de origem persa, que já tinha um filho de outro casamento.

Masud nasceu na casa da família de sua mãe no dia 21 de julho de 1924, em Jhelum, no Paquistão. Ele morou lá as primeiras seis semanas de sua existência. Em seguida, foi levado para Montgomery, ainda no Paquistão, terras de seu pai (COOPER, 1993)³³ Este título da obra de Cooper (1993) é inspirado por

O pai nunca permitiu que mãe e filho tivessem muito contato. Depois de sua morte, no entanto, o filho voltou para o lado de sua mãe. A razão para este aparente fracasso é simples: a mãe não queria abandonar seu primeiro filho; se decidiu por uma relativa negligência do segundo, que, no entanto, ela cuidou, depois de tê-lo recuperado. Todavia, são situações mais complicadas que aquelas que os biógrafos de Khan parecem acreditar⁴. Certamente não é o mesmo ser pai em uma idade jovem que numa idade muito avançada, nem ser uma jovem mãe junto a um homem muito velho é o mesmo que se estivesse com um homem jovem. Em minha experiência clínica, os ancestrais e os velhos não estão representados de maneira sexual no inconsciente. As crianças do grupo se dirigem a mim, às vezes, como “senhor” e, por vezes, como “Madame”, às vezes como “avô”, por vezes, como “avó”. O pai da horda primitiva era tão bom quanto a mãe. O tempo borra a diferença entre os sexos.

Masud Khan fez fortuna e seus feitos escandalosos o levaram à desgraça. Ele viveu e trabalhou em Londres por cerca de quarenta anos. Era editor da Nova Biblioteca Psicanalítica e participou do conselho editorial da *Nova Revista de Psicanálise*; ele era editor de todos os livros de Winnicott, exceto dos publicados postumamente. Sem Khan, Winnicott não existiria porque o estilo bruto de Winnicott, antes do trabalho de Khan, é extremamente pobre, confuso, triste, chato, em resumo, ilegível; Khan era um analista didata da Sociedade Psicanalítica britânica, onde ocupou cargos importantes. Foi protegido por Anna Freud durante a conferência de Jacques Lacan, em Londres, depois de horas de um discurso chato e incompreensível em inglês e para o público inglês. Khan foi o homem que se atreveu a se levantar, tomar a palavra, dizer a Lacan que ele se fazia entender muito mal e, muitas vezes, de maneira errada, e começa a explicar sua teoria, deleitando o público e fazendo com que o orador ficasse maravilhado. Podemos dizer que Masud Khan foi um dos poucos que chegou à fama na psicanálise.

Masud Khan, sozinho, afirmou ser capaz de

ver claramente os diferentes elementos paradoxais de sua herança. Minha sensibilidade herdei de minha mãe: muito tímida, mais que sensível, bastante fóbica e extremamente emocional. Do meu pai, herdei uma capacidade de trabalho incrível e um temperamento terrível. Dos dois, herdei uma profunda compaixão para com o indivíduo humano e um orgulho sem compromisso. Minha própria contribuição é um espírito agudo e incansável. Tudo isso não forma em mim uma unidade de caráter. Ter sido tão bem dotado é uma responsabilidade terrível. E a luta de toda uma vida (GUARTON, 1999).

É verdade que onde escrevo “orgulho” eu também poderia traduzir como “arrogância”, *haughtiness*, pois a descrição que ele dá de si mesmo poderia atender aos pequenos anúncios de sites de encontro.

No entanto, em 2007, quase vinte anos depois de sua morte, o relatório de uma de suas biografias publicadas nos Estados Unidos, começa dizendo: “Se fosse um esnobe, um mentiroso, um bêbado, um mulherengo, um antissemita, um provocador violento, um terrorista e um perigo para as pessoas mais vulneráveis, eu gostaria que minha biografia fosse escrita por Linda Hopkins”. Será que Masud Khan poderia ser descrito assim? Acho que não! Sua vaidade grandiosa, seu orgulho abalado, sua hipocrisia insidiosa o teriam impedido.

O ÓDIO PELA CONTRATRANSFERÊNCIA

Ao chegar a Londres no verão de 1946, Masud Khan começou sua análise em 1947 com Ella Sharpe, que morreu depois de alguns meses. Masud Khan mudou o tipo de análise e começou um novo tratamento em 1948, com John Rickman, analisado por Sigmund Freud, primeiro, e depois por Sándor Ferenczi. Rickman morreu em 1951, quando Masud ainda não havia completado três anos de análise. Uma nova mudança de analista teve que acontecer.

Só então é que Masud Khan iniciou sua análise com Donald Woods Winnicott. A duração da análise é desconhecida. Masud afirma que ela durou quinze anos. Calculou um total de análises em 20 anos. No entanto, sabemos que, após 1954, Masud “empresta” suas horas a uma de suas primeiras mulheres, sendo que ele mesmo precisava de análise. Winnicott não hesitou em assumir o controle. Sabemos também que muitas vezes Masud perdia suas sessões, quando ele as tinha, porque acordava tarde demais. Ele preferia ir, no final do dia, ao escritório de Winnicott, a quem confiou o trabalho editorial de seus textos. Em vez de paciente, Winnicott prefere ter um secretário competente.

Único menino em uma família de três filhos, e irmão mais novo de duas irmãs mais velhas, é notável que nenhuma delas teve filhos e que as duas irmãs nunca trabalharam, vivendo todos na mesma casa de família.

Winnicott, por sua vez, permaneceu casado por 27 anos com uma mulher que lhe recusava qualquer tipo de contato sexual. Morava com ela, porém, dormiam em quartos separados. Foi necessário que Winnicott esperasse pela morte de seu pai para se atrever a se separar da esposa e se casar pela segunda vez com a mulher que foi sua amante por sete anos. Essa longa espera mostra como Winnicott tinha medo de desagradar a seu pai ou fazer qualquer outra coisa que pudesse irritá-lo. Winnicott e suas duas irmãs viveram suas vidas em grande dependência de seu pai.

Quanto à sua mãe, acusada de ter sido uma mulher muito deprimida, a tal ponto incapaz de conter sua excitação sexual, que se recusou a continuar amamentando o pequeno Donald por ficar também excitada. A alegação de sua depressão vem de uma análise de dois poemas que Winnicott lhe havia dedicado. Mas, se uma mulher se excita a tal ponto, no momento em que amamenta seu filho, é porque o seu marido não a satisfaz o suficiente. Assim, a atribuição de uma depressão à mãe de Winnicott não pode ser separada do questionamento acerca da presença do pai de Winnicott na intimidade de sua mulher.

Winnicott procurou na pessoa de Masud Khan o filho que ele jamais pôde ter de uma mulher. Quando ele aceita que Masud Khan seja seu secretário em

vez de paciente, o coloca numa posição de filho inscrita no imaginário ou de forma simbólica, em vez de continuar sendo um filho-fantasia.

Mas há mais coisas a contar: Winnicott fez análise com o próprio James Strachey analisado por Freud. No entanto, em vez de fazer análise, Freud imediatamente o registrou como tradutor de inglês de suas obras junto a sua esposa, Alix Strachey, que ele recebia ao mesmo tempo em que recebia o seu marido. Freud induz o sintoma de “Secretariado”. James Strachey, conforme solicitação de Freud, solicitou a Winnicott que realizasse pesquisas bibliográficas para completar suas traduções. Evidentemente, Alix e James Strachey não tinham filhos.

Winnicott solicitou, portanto, Masud Khan, grande bibliógrafo e editor. A qualidade literária dos textos de Winnicott editados por Masud Khan são infinitamente superiores aos textos editados por sua segunda esposa, Clara Winnicott. Podemos dizer que Winnicott nunca teria tido o sucesso que teve se seus textos não tivessem sido editados por Masud Khan.

Não é apenas Masud Khan que marca a vida de Winnicott. Este também marca a vida daquele. Consideremos apenas que a distinção feita por Winnicott entre um “falso eu” e um “verdadeiro eu” não se aplica a ninguém melhor do que ao mesmo Masud Khan. O “verdadeiro Masud Khan”, do ponto de vista de Winnicott, seriam os paquistaneses; “o falso Masud Khan” seria aquele que tenta se apresentar como britânico e ainda mais monarquista que a rainha. Além de qualquer distinção imaginária entre um falso eu e um verdadeiro eu, está o ódio silencioso na contratransferência de Winnicott perante Masud Khan que explode após a morte de Winnicott e, após a descoberta de que não será ele, Masud Khan, seu editor testamentário, e sim Claire Winnicott, que, embora tivesse feito muito pelo marido na cama, não fez absolutamente nada pelos seus textos até a sua morte. Além disso, Masud Khan teve de esperar por muito tempo pela morte de Winnicott, a fim de começar a escrever seus livros.

RAÍZES DO NARCISISMO E DO MASOQUISMO

As várias pontes existentes entre fantasia, teoria e existência não surpreendem o psicanalista. Uma leitura paralela de “Fantasias de flagelação e devaneios diurnos”, de Anna Freud, e o texto de seu pai em “O problema econômico do masoquismo”, ambos do mesmo ano de 1924, mostram que aquilo que era a fantasia de uma jovem garota, Anna Freud, no início do século 20, tornou-se neurose masoquista de uma jovem mulher que foi analisada por seu pai entre 1918 e 1922, antes de se tornar um (mau) texto teórico desta mesma jovem, em 1924, e a elaboração teórica fantasiosa de seu pai, Sigmund Freud, ao mesmo tempo.

Por que fantasiosa? Porque Freud traduziu, nos termos do chamado masoquismo feminino, o que ele afirma nunca ter visto em outros lugares que não fosse nos homens. Agora, se ele realmente ouviu, ele ouviu pela voz de uma jovem mulher, sua filha: Anna Freud, eco do narcisismo de seu pai, que se admirava nas águas de sua teoria.

Tradução: Anabella Valeria Weismann's

NOTAS

¹ Ver o meu estudo *Freud e Schreber, as fontes escritas do delírio, entre a paranóia e a cultura*. Toulouse: Eres 1997, p. 107.

² Todas essas informações provêm da Wikipédia.

³ Este título da obra de Cooper (1993) é inspirado por *Othello*, de Shakespeare. Aqui está o que Cooper cita:

“I have done the state some service, and they know’t./
No more of that. I pray you, in your letters,/

When you shall these unlucky deeds relate,
Speak of me as I am; nothing extenuate,
Nor set down aught in malice...”

Shakespeare, na segunda cena do quinto ato de seu drama, escreve outra coisa. Na quarta e quinta linha de seu verso, ele escreve:

“When you shall these unlucky deeds relate,
Speak of them as they are; nothing extenuate.”

Os caracteres em negrito vêm deste autor. Assim, existe a questão premente, uma vez que as coisas acontecem para que o texto de Shakespeare seja subvertido, aqueles que citam o transformam. De onde vem esta subversão? Mistérios de tradução e leituras, como um “eles”, *them*. Ele confunde Khan ou ela confunde Cooper?

Temos duas grandes traduções de Shakespeare para o francês. A primeira de Victor Hugo; a segunda de Yves Bonnefoy. Isto dito, no entanto, sempre para os mesmos versos:

“E quando você vai ver em suas cartas
estes eventos infelizes, por favor
Retrate-me como sou: sem mitigar
Qualquer coisa, nem agravar pela malícia.”

Contudo, nem Khan nem Cooper poderiam saber da tradução de Yves Bonnefoy, possivelmente idiossincrática, que obedece a alguma preocupação desconhecida, pela simples razão de que ela está bem após de seus escritos.

⁴ Ver, como exemplo, no artigo de Gladys Branly Guarton, “Transgression and Reconciliation. A Psychoanalytic Reading of Masud Khan’s Last Book”, **Contemporary Psychoanalysis**, 1999, n. 35, p. 301-310, a discussão entre Linda Hopkins e Guarton sobre as páginas desta mesma revista n. 35, p. 733-741 e 741-747. Hopkins é o autor da importante biografia de Khan já mencionada, *False Self. The Life of Masud Khan*.

REFERÊNCIAS

BOROSOVA, J. The migration of psychoanalysis and the psychoanalyst as migrant. **Oxford Literary Review**, v. 19, p.79-104, 1997.

COOPER, J. **Speak of me as I am. The Life and the Work of Masud Khan**. Londres: Karnac Books, 1993.

GUARTON, G. B. Transgression and reconciliation: a Psychoanalytic Reading of Masud Khan’s Last Book. **Contemp. Psychoanal.**, n. 35, p.301-310.

NARCISISMO E SEXUALIDADE NO ENVELHECIMENTO

NARCISSISM AND SEXUALITY IN AGING

Simone Engbrecht¹

Resumo: Retomaremos a relação entre narcisismo e sexualidade a fim de fundamentar a compreensão sobre a organização da sexualidade no corpo de uma pessoa que tenha ultrapassado a idade reprodutiva. Para tanto, iremos associar a última fase através da qual passa a organização da sexualidade com a hipocondria e com a identificação ao final do Complexo de Édipo. No sujeito que ultrapassou a idade reprodutiva o conflito entre os interesses narcisistas e a catexia libidinal é revivido. É preciso que o sujeito possa sair de uma reprodução marcada pela repetição para uma reprodução marcada pela criação. A identificação necessária neste momento é com os pais castrados, ou seja, aqueles que um dia, apesar da sua finitude, tornaram-se eternos através de sua herança. A identificação com pais castrados não é a identificação com pais mortos, mas a identificação com pais satisfeitos com seu corpo castrado, ou seja, com sexualidade genital adulta e não apenas fálica.

Palavras-chave: Narcisismo. Sexualidade. Hipocondria. Identificação. Reprodução.

Abstract: We will retake the relation between narcissism and sexuality in order to substantiate the understanding of the organization of sexuality in the body of a person who has passed the reproductive age. In order to do that so, we will associate the last stage through which passes the organization of sexuality with hypochondria and with the identification at the end of the Oedipus Complex. The subject who has passed the reproductive age has the conflict between the narcissistic interests and the libidinal cathexis revived. It is needed that that subject may become able to leave a reproduction that has been marked by repetition for a reproduction set by creation. The required identification for him/her, at this time, is with the castrated parents, ie, those that someday, despite their finitude, became eternal through their inheritance. Identification with castrated parents is not identification with dead parents, but the identification with parents who are happy with their castrated body, ie, with adult genital sexuality and not just with phallic sexuality.

Keywords: Psychosis, transference love, construction under analysis, symbolization.

A vida é breve, mas nela cabe muito mais do que somos capazes de viver. (José Saramago)

O texto de Freud (1914/1980) *Sobre o narcisismo: Uma introdução*, neste ano completa cem anos de sua publicação. Refletindo sobre a passagem do

¹Psicóloga e psicanalista. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, na qual realizou sua formação em Psicanálise e foi diretora de ensino na gestão 2004/2006 e atualmente também exerce essa função. É também supervisora e coordenadora de seminários desta instituição. Trabalha na área clínica com adolescentes e adultos. Autora dos livros *Aprendendo a lidar com a depressão* (2001) e *O amor não é surdo. Reflexões sobre o amor* (2008), ambos da Editora Sinodal. Email: engbrech@terra.com.br

tempo deste texto e a passagem do tempo na vida de cada indivíduo, retomaremos a relação entre o narcisismo e a sexualidade, a partir de algumas situações específicas no envelhecimento do sujeito.

Freud (1914/1980) propõe duas questões no texto sobre o Narcisismo. Ambas dizem respeito a essa relação que pretendemos clarear, entre estes temas fundamentais na obra de Freud: a sexualidade e o narcisismo. A primeira diz respeito à distinção entre autoerotismo e narcisismo. A segunda, que nos interessa especialmente para esta reflexão, abre uma discussão sobre a distinção entre libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do ego. Essa distinção está relacionada à afirmação de Freud de que “somente quando há catexia objetual é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia dos instintos do ego” (p. 92).

Freud (1914/1980) faz tanto a distinção entre fome e amor como também considera que o indivíduo leva uma existência dúplice: uma para servir às suas próprias finalidades e a outra como um elo em uma corrente, que ele serve contra sua vontade, ou, pelo menos, involuntariamente: a da reprodução da espécie. O indivíduo é um veículo mortal de uma substância imortal. Freud adverte, ainda, que as ideias em psicologia são provisórias e, presumivelmente, basear-se-ão em uma subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Foi levando esta probabilidade em consideração que Freud substituiu as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.

É sobre esse viés teórico, de considerar a mortalidade individual e a imortalidade na reprodução da espécie, que associamos aqui o texto de Freud escrito seis anos depois. Encontramos nesse ensaio de 1920, *Além do princípio do prazer*, que ele trabalha o tema da vida e da morte e fundamenta o conceito de compulsão à repetição. Dentro desse texto encontramos a ideia de que o caráter multicelular dos organismos se tornou um meio capaz de prolongar a sua vida. Freud (1920/1980) declara uma desconfiança: “mesmo antes de dispormos de qualquer compreensão clara do narcisismo, a psicanálise já desconfiava que os ‘instintos do ego’ tinham componentes libidinais a eles ligados” (p. 73).

Freud, na dualidade de 1920, portanto, torna mais complexo o tema da sexualidade, com a discussão sobre o tema da vida e da morte. Numa nota de rodapé ao final do sexto capítulo de *Além do Princípio do Prazer* acrescenta que os instintos sexuais foram compreendidos a partir de sua relação com os sexos e a sua função reprodutora. Com a hipótese da libido narcisista e com a extensão do conceito de libido às células individuais, o instinto sexual foi transformado em Eros, que procura manter juntas as partes da substância viva. Os instintos sexuais são a parte de Eros voltada para os objetos. Eros opera desde o princípio da vida e aparece como um “instinto da vida”, em oposição ao “instinto de morte”, criado pela animação da substância orgânica. No início, Freud distinguiu instintos do ego como sendo o oposto dos instintos sexuais. Mais adiante (com o texto sobre o narcisismo, de 1914), os instintos narcisistas e

autoconservadores foram incluídos entre os instintos sexuais libidinais. E a oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais transformou-se entre os instintos do ego e os instintos de objetos, ambos de natureza libidinal. No lugar desta oposição, em 1920, surgiu uma nova entre os instintos libidinais (do ego e do objeto) e outros instintos, aos quais há de se supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser observados como instintos destrutivos: a oposição entre instintos de vida e instintos de morte.

A relação entre narcisismo e sexualidade pode aqui fundamentar a compreensão sobre o tabu à sexualidade no corpo de uma pessoa que tenha ultrapassado a idade reprodutiva. Podemos encontrar um tabu relacionado à sexualidade após o luto da sexualidade vinculada ao caráter reprodutivo, e um tabu aos mortos relacionado à proximidade do corpo envelhecido. Antes, porém, de relacionarmos o narcisismo envolvido nesta questão, retomaremos brevemente aqui a história da sexualidade.

Foucault (1985/2002), no terceiro volume da *História da Sexualidade*, alerta que devemos ter em mente que os princípios da austeridade sexual não foram definidos pela primeira vez na filosofia da época imperial:

Foi possível reencontrar no pensamento grego do século IV formulações que não eram nem um pouco menos exigentes. No final das contas, vimos que o ato sexual parece ter sido considerado desde há muito tempo como perigoso, difícil de ser dominado e custoso; a medida exata de sua prática possível e sua inserção num regime atento foram exigidas desde há muito tempo. (FOUCAULT, 1985/2002, p. 233).

Foucault (1985/2002) sublinha também, com frequência, quão intenso e difundido era o gosto pela coisa médica na época dos flavianos e dos antoninos. A medicina era amplamente reconhecida como prática de interesse público. Era também reconhecida como uma forma elevada de cultura, próxima da retórica e da filosofia.

As análises de Galeno a propósito dos *aphrodisia* se situam no interior da temática antiga das relações entre morte, imortalidade e reprodução; para ele, como para toda uma tradição filosófica, é na falta de eternidade que se enraíza a necessidade da separação dos sexos, a intensidade de sua atração recíproca e a possibilidade da geração. (FOUCAULT, 1985/2002, p. 110).

Existe, portanto, todo um governo dos *aphrodisia* cujos princípios e razões de ser se situam na preparação da descendência. Não é que exista obrigação de praticar as relações sexuais somente para ter filhos: lembra as condições da fecundidade provável sejam determinadas com cuidado, não é para fixar por meio delas os limites do ato legítimo, mas como uma opinião útil para quem tem cuidados com a sua progenitura. E se esta constitui uma preocupação importante, é sob a forma de um dever que os genitores poderiam ter em relação a ela; trata-se, também, de uma preocupação em relação a eles mesmos já que lhes útil ter uma descendência dotada das melhores qualidades. (FOUCAULT, 1985/2002, p. 130).

Essas obrigações que envolvem a procriação definem todo um conjunto de erros possíveis que são ao mesmo tempo faltas, como, por exemplo, a idade do sujeito. O uso dos *aphrodisia* não deve se prolongar demasiado tarde, nem começar demasiado cedo.

Interessante é que a recomendação inicia pelo limite final. Galeno (FOUCAULT, 1985/2002, p. 131) argumenta que são perigosas as relações sexuais realizadas quando se é velho: elas esgotam um corpo incapaz de reconstituir os princípios que lhe foram retirados.

O estudo do narcisismo abriu nova compreensão sobre o tema da sexualidade infantil e da homossexualidade. Conforme Jones, mais ou menos na mesma época em que Freud declarou, na Sociedade Psicanalítica de Viena, que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal, ele preparava a segunda edição dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* onde parece provável que a primeira menção publicada do novo termo se encontra numa nota de rodapé acrescentada àquela edição:

É verdade que a psicanálise ainda não apresentou uma explicação completa da origem da inversão; entretanto, descobriu o mecanismo psíquico de seu desenvolvimento e prestou colaboração essencial à exposição dos problemas em questão. Em todos os casos que examinamos, expusemos o fato de que os futuros invertidos, nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher e se consideram, eles próprios, seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar como eram amados por sua mãe. (FREUD, 1910/1980, p. 145, nota de rodapé).

Sendo que essa nova edição apareceu no início de 1910 e neste mesmo ano Freud no livro sobre Leonardo faz uma referência extensa ao narcisismo. Nesta obra ele entende que, em alguns casos, o menino, ao reprimir o amor por sua mãe, coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a quem devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo, ele transforma-se em um homossexual. E o que de fato aconteceu foi um retorno ao autoerotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce são apenas figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram o seu objeto de amor segundo o modelo de narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia a sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome.

Reservemos esta ideia do narcisismo como um modelo de escolha sexual e alicercemos a compreensão da organização genital adulta.

Freud (1923/1980) reafirma em *A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)* que o estabelecimento da primazia dos genitais a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a organização da sexualidade.

A questão aqui se apresenta da seguinte maneira: Como ficaria a organização da sexualidade quando o período reprodutivo do corpo do indivíduo se encerrou?

Sabemos do tabu envolvido em toda a revelação da sexualidade infantil através da psicanálise. A resistência à sexualidade infantil não está alicerçada na observação da sexualidade nas crianças, mas na resistência à sexualidade propriamente dita.

Freud, em 1923, revela a sua insatisfação com a afirmação realizada em 1905 de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. Corrige afirmando que a aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação das pulsões parciais sob a primazia da genitalidade; o interesse nos genitais e em sua atividade adquire significação dominante. E, ao mesmo tempo, a característica principal dessa “organização genital infantil” e a sua diferença da organização genital final do adulto está na primazia do falo.

Freud reviu a diferença entre pênis e falo, a fim de ampliar a ideia da organização genital infantil. Reprodução, da mesma forma, não pode ser um conceito reduzido à repetição de si mesmo através da prole. Reprodução, na civilização, diferenciamos de procriação simplesmente. E, nesse sentido, refletimos aqui sobre a ideia de que o tabu em relação à sexualidade de adultos com idade superior ao período reprodutivo possa ser uma reedição do tabu em relação à sexualidade infantil.

Nesse texto centenário de Freud (1914/1980) encontramos a raiz e várias reflexões sobre a sexualidade do indivíduo. O narcisismo seria, conforme definição de Freud (1914/1980), um complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.

Nesse texto também ele avalia a influência da doença orgânica sobre a distribuição da libido. Quando uma pessoa é atormentada por um mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo e retira o interesse pelos objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. A libido e o interesse do ego partilham aqui do mesmo destino.

Gostaríamos de salientar aqui a relação entre a sexualidade e os interesses do ego no adoecimento, a fim de retomarmos a nossa questão sobre a sexualidade no envelhecimento. Um corpo envelhecido não é um corpo doente, porém, o psiquismo precisa lidar neste momento com a perda do corpo jovem, um luto, e, ao mesmo tempo, com o fato de sua sexualidade ultrapassar o período reprodutivo.

Há a necessidade deste duplo movimento neste período, um luto de um corpo jovem e uma redistribuição da libido nele. É no mesmo texto do *Narcisismo* que encontramos outra diferenciação que aqui nos interessa: a compreensão da hipocondria.

A hipocondria apresenta semelhanças com a doença orgânica: sensações

corpóreas aflitivas e penosas, o efeito de distribuição da libido concentrada no órgão que lhe prende atenção. Ao questionar-se sobre a diferença de as sensações orgânicas basearem-se ou não em mudanças orgânicas demonstráveis, Freud considera a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos e, a partir disso, para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela da catexia libidinal no ego.

O represamento da libido no ego é experimentado como desprazer, pois é a expressão de um grau mais elevado de tensão. É necessário, para a nossa vida mental, ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos quando a libido excede certa quantidade.

“Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.” (FREUD, 1914/1980, p. 101).

A libido do ego não se transforma apenas em catexia objetal ao longo do desenvolvimento do indivíduo. A partir do complexo de castração, o homem pode fixar um ideal a si mesmo pelo qual mede o seu ego atual.

Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e, quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ideal de ego. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1914/1980, p. 111).

Uma parte da auto-estima é primária – o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal. (FREUD, 1914/1980, p. 118).

Freud (1914/1980) aponta que a criança obtém a ideia de um dano narcísico mediante a perda corporal originária da experiência de perder o seio da mãe após o sugar, da entrega diária de suas fezes. Mas o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração. E a ameaça de castração é o que ocasiona a destruição da organização fálica da criança. No complexo de Édipo, se a satisfação do amor aos pais lhe custar a castração, surge um conflito entre o seu interesse narcísico e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo. As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações.

No envelhecimento do humano, esse conflito será reeditado entre os interesses narcísicos e a catexia objetal, pois a perda de um corpo jovem vai remetendo o sujeito ao seu complexo de castração. Se o narcisismo norteou a escolha da criança pela identificação em vez da catexia libidinal dos objetos parentais durante o complexo de Édipo, nos perguntamos agora: O que irá triunfar no envelhecimento?

Para estabelecer um luto de um corpo jovem, é preciso que não haja um recolhimento narcísico, mas uma nova identificação. Para tanto, é preciso que o sujeito possa sair de uma reprodução marcada pelo desejo de repetição de si mesmo para uma reprodução marcada pela criação. Ou seja, sair da compulsão à repetição e abrir espaço para o princípio do prazer consiste em ampliar e tornar complexa as representações da sexualidade e do corpo no psiquismo.

Freud, a partir de 1914, abriu o estudo de várias diferenças conceituais a partir do tema do narcisismo. Freud diferenciou pênis de falo. Complexizou-se assim o que significa organização sexual adulta. E, ainda, contemplou que erogenizar o corpo, sem necessariamente adoecer, compreende alimentar a autoestima através da realização dos ideais do ego. E, fundamentalmente, que ideal de ego e sublimação não podem ser confundidas.

Portanto, a sexualidade do indivíduo adulto precisa de uma satisfação além da sublimação, além do narcisismo infantil, mas não deve estar apenas além do princípio do prazer. Para tanto, faz-se necessário um novo movimento nesta fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal. O corpo do sujeito volta a ser erogenizado, com uma semelhança, portanto, ao que expusemos sobre a hipocondria. Porém, uma diferença fundamental: o sujeito não irá adoecer se, além desse movimento, ele puder rever seus ideais de ego.

Ao final do texto sobre o narcisismo, Freud (1914/1980) nos fala sobre os destinos do ideal de ego no sujeito:

Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor de punição dos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas. A freqüente causação da paranóia por um dano ao ego, por uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do ego, é tornada assim mais inteligível, bem como a convergência da formação do ideal e da sublimação no ideal do ego, e ainda a involução das sublimações e a possível transformação de ideais em perturbações parafrênicas. (FREUD, 1914/1980, p. 119).

A modificação dos ideais do ego ao envelhecer pode ser compreendida como um movimento na compreensão do que significa reprodução da espécie.

No artigo “Escolher sua Herança” inserido no livro *De que amanhã... Diálogo*, Jacques Derrida, em resposta a Elisabeth Roudinesco, abre uma associação: “Se a herança nos designa tarefas contraditórias (receber e, no entanto, escolher, acolher o que vem antes de nós e, no entanto, reinterpretá-lo, etc.), é

que ela atesta nossa finitude. Só o ser que é finito herda, a sua finitude o obriga a isso" (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 14).

Só o ser que é finito herda. Esta frase me pareceu "estranha". "Estranha"... *Unheimlich*. Sim, pois o que parecia conhecido é que a finitude estava em quem "deixava" a herança e não na figura do herdeiro. Mas o verbo "herdar" contempla tanto "receber por herança" quanto, segundo Aurélio, "deixar por herança".

Há dois lados que estão contidos no mesmo em função do movimento do verbo herdar. Há dois lados? Derrida (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p.239), mais uma vez: "É sempre reafirmando a herança que se pode evitar a condenação à morte... Ela ordena dois gestos ao mesmo tempo: deixar a vida viva, fazer reviver, saudar a vida, 'deixar viver'. Reafirma: "Saber 'deixar', e o que significa 'deixar' é uma das coisas mais belas, mais arriscadas, mais necessárias que conheço".

Assim como no complexo de Édipo, se a satisfação do amor aos pais lhe custar à castração, surge um conflito na criança entre o seu interesse narcísico e a catexia libidinal de seus objetos parentais. E o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo e as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. No sujeito que ultrapassou a idade reprodutiva, esse conflito é revivido, o conflito entre os interesses narcisistas e a catexia libidinal. É chegada a hora de saber deixar, ou seja, saber herdar no sentido desta palavra. A identificação necessária neste momento é com os pais castrados, ou seja, aqueles que um dia, apesar da sua finitude, tornaram-se eternos através de sua herança. A identificação com pais castrados não é a identificação com pais mortos, mas a identificação com pais satisfeitos com seu corpo castrado, ou seja, com sexualidade genital adulta e não apenas fálica.

Portanto, a pessoa, com idade superior à idade do corpo reprodutivo, alia novamente a sexualidade ao seu narcisismo através da identificação com aqueles que lhe deixaram herdar a sexualidade adulta, ou seja, a sexualidade genital castrada, diferenciada da sexualidade fálica onde apenas o fato de ter ou não ter pênis marcava a sua identidade sexual. Essa identificação remete à possibilidade do prazer em saber deixar, o prazer que está além da reprodução pela repetição de si mesmo: está na reprodução dos ideais de ego. A sexualidade envelhece, ou melhor, não amadurece além da sexualidade infantil para quem não cultiva os seus ideais.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã: diálogo**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 239 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. O cuidado de si. 37. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985/2002. 246 p.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1905]. v. 7, p. 123-252.

ARTIGO

_____. Totem e tabu. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1913]. v. 13, p. 13-194.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1914]. v. 14, p. 85-119.

_____. Luto e melancolia. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1915]. v. 14, p. 271-291.

_____. Além do princípio do prazer. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1920]. v. 18, p. 13-85.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1923]. v. 19, p. 177-184.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1925]. v. 19, p. 303-320.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

A ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR E AS PERTURBAÇÕES NARCISISTAS: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A HISTÓRIA, O CASAL, O NARCISISMO E A CULTURA

THE FAMILY STRUCTURE AND THE NARCISSISTIC DISORDERS:
A PSYCHOANALITICAL REFLECTION ON HISTORY, COUPLE,
NARCISSISM AND CULTURE

Dr. Norberto Carlos Marucco¹

Resumo: Desde a introdução o autor manifesta seu interesse no problema narcisista, com as quais tem estado ocupado faz bastante tempo, e que contempla neste trabalho a partir de uma conceituação psicanalítica do casal e da família, incluindo sua inserção no marco da cultura. Propõe neste contexto, a possibilidade de pensar que a cultura, transformada em instância psíquica, esteja expressa pela representação intrapsíquica da família e do casal, e reitera, neste contexto, a necessidade expressa por ele há muito tempo, para conceituar uma terceira tópica.

Palavras-chave: Narcisismo. Amor. Paixão. Édipo.

Abstract: The paper expresses the interest on the narcissistic problem, by working with a psychoanalytic conceptualization of couple and family and their insertion in culture. It's proposed that culture, transformed into a psychic instance, is expressed by the psychic representation of the family and of the couple. Regarding this context, the author sustains the necessity to conceptualize the third topical in psychoanalysis.

Keywords: Narcissism. Love. Passion. Subject.

INTRODUÇÃO¹

Este ensaio surge como uma tentativa de atualizar alguns problemas com os quais tenho me ocupado faz algum tempo. Talvez a novidade desta abordagem seja fazê-la através da abertura que proporciona a conceituação psicanalítica do casal e da família. Por esse motivo, o subtítulo do meu trabalho enquadra temas teóricos da psicanálise dentro dessas estruturas que foram recentemente incluídas na psicanálise. Obviamente, essas reflexões surgem de minha prática diária como psicanalista, não só em relação às consultas de casais (cada vez mais frequentes), mas especialmente para o desenvolvimento de processos psicanalíticos individuais que, na minha experiência pessoal, ou como supervisor, têm me levado a indicar a inclusão de entrevistas com casais ou com famílias. Embora isso tenha ocorrido em pacientes com transtornos narcisistas de personalidade, na verdade também está presente no processo de outras patologias.

¹Psicanalista. Membro e Professor da Association Psicoanalítica Argentina (APA). Entre suas publicações destaca-se o livro "Cura Analítica e Transferência". Dirección: San Luis 3364, Capital Federal (1186), República Argentina.

Considero casal como a união de dois indivíduos, sendo que em cada um deles coexistem uma estrutura narcisista e uma estrutura edipiana (MARUCCO, 1978a, 1985, 1993, 1994), e de cuja interação dependerá a conformação do casal, na qual os seus membros, ao serem discriminados, podem exteriorizar sua libido em uma vida sexual ampla e livre da qual a família surgirá como um passo natural; ou um casal unido na busca da integralidade mútua cujo objetivo seria o de “terminar” de cumprir com os “ideais parentais” (FREUD, 1914/1990). Nesta última, a libido de seus membros sofrerá desgaste em função de sua tarefa, sua sexualidade objeto será empobrecida, e dará lugar a expressões habitualmente silenciosas de pulsão de morte.

Penso que a tarefa analítica seria a de criar um histórico desses vínculos narcisistas para que exista mais Édipo e, portanto, mais sexualidade e amor, denunciando os acordos narcisistas inconscientes para obter uma imortalidade ilusória, ao custo de não viver a vida. Não é por acaso uma experiência bastante comum depararmos-nos com pessoas que, acreditando viver a vida, são meros expectadores da mesma? Indivíduos que, para sustentar sua existência, vão deixando morrer lentamente suas pulsões. Não é cada vez mais claro que os ideais da cultura, tanto em suas promessas de bem-estar quanto em suas demandas de sublimação, deserotizam o indivíduo liberando suas tendências destrutivas, como Freud já pensava outrora em “O mal-estar na civilização”? Considero que a família e o casal serviriam como ponte entre a psicologia individual e a psicologia “cultural”. Seria, então, possível pensar que a cultura, transformada em instância psíquica, esteja expressa pela representação intrapsíquica da família e do casal? Esta poderia ser uma resposta à necessidade que venho propondo faz muitos anos, a de conceitualizar uma terceira forma tópica que permita avançar um pouco mais sobre o limite do leito rochoso (MARUCCO, 1980, 1985, 1994).

DO INDIVÍDUO E SUA HISTÓRIA FAMILIAR ATÉ A ESTRUTURAÇÃO DA HISTÓRIA DO CASAL

Entendo a família como um processo em estruturação, baseado, por sua vez, na estruturação do casal. Considerando esta como a base da estrutura familiar, é necessário destacar alguns pontos-chave na sua constituição.

Com certa leveza é dito, como se fosse um simples fato: “o filho deixa a casa de seus pais...”. Mas este “deixar” foi, é e será sempre um conflito. E se pensarmos também, em geral, que “abandonar a casa dos pais” ocorre quando um casal é formalizado, qual lugar ocupa na história da família de um indivíduo o seu parceiro que permite transformar um abandono conflitivo em uma “feliz re-união”?

Normalmente, na origem de um casal acontece um estado de paixão. E o que é a paixão senão colocar no “outro” as perfeições que a mesma pessoa não tem? (FREUD, 1921/1990). Como se o indivíduo, a fim de se separar de seus pais, precisasse idealizar outro que lhe permita cumprir o ideal de plenitude narcisista do desejo de seus pais. Em seguida, esses “casais apaixonados” formarão para a história familiar de cada um dos seus membros uma oferta ao narcisismo parental, com o objetivo de recuperar aquela ilusão de um amor perdido e, assim, evitar o escuro temor de ser odiado por seus pais ao ferir seu narcisismo

por não cumprir com o dever de realizar seus desejos não satisfeitos².

DA PAIXÃO NARCISISTA AO AMOR OBJETAL: UMA CONCEITUAÇÃO SOBRE O FETICHE³

Dizíamos: “Normalmente, na origem de um casal se produz um estado de paixão, que depois virará amor. Mas o que é o amor sensual?” É o encontro, na resolução do Édipo, de “alguma coisa” no outro, particular privado, íntimo. Isso que Freud (1927/1990) descobriu inesperadamente na clínica e, em seguida, desenvolveu conceitualmente como “uma reformulação da metapsicologia” (Nota introdutória de Strachey ao “Fetichismo” de Freud). Refiro-me, naturalmente, ao **fetiche**, em sua condição de estrutura na resolução do Édipo, e como “condição fetichista”, que se refere às características exigidas ao indivíduo para sua eleição como objeto de amor (PONTALIS, 1978; MARUCCO, 1983, 1993).

A existência do fetiche no estado de amor invoca o objeto e a pulsão. A satisfação da vida amorosa através do fetiche permitirá que a pulsão tenha o estímulo do **desejo** incestuoso, enquanto dará ao objeto as características que lhe permitam mover-se e substituir o **objeto** incestuoso. Ou seja, é o fetiche o que permitirá a passagem de paixão ao amor. Um amor sexualizado, livre, privado, permitirá um movimento criativo no casal e a conformação natural, espontânea, da família.

Isso levaria a prestar atenção ao chamado *período de namoro*, a fim de ver se ocorre a passagem da paixão ao amor⁴, através da condição amorosa que possibilita o fetiche com o conseqüente desenvolvimento de uma sexualidade plena. Por outro lado, é essencial considerar o namoro em relação ao problema dos ideais. Quanto mais o casal amoroso se oferta como ideal, menor será sua capacidade de evoluir para o amor.

Seria fácil pensar que do predomínio de um ou outro desses processos dependeria que o processo de conformação de uma família se desenvolvesse desde os níveis mais *normais* até os mais patológicos em seus membros. Contudo, acontece de que “as coisas não são tão fáceis”.

Abro um parêntese. O terceiro, um filho, apenas pode surgir como tal quando a paixão se transforma em amor. Então volto a formular uma pergunta: Como se produz essa mudança? Através da aceitação, diante da “exortação da realidade”, de que o outro – objeto de idealização narcisista – é alguém diferente diante do qual surge a atração sexual (vinculada ao fetiche) junto com um sentimento de ternura (vinculado à inibição do objetivo da pulsão sexual). Esta combinação é a que expressa o amor em sua totalidade; e nessas condições é quando o casal adquire projetos de identificação para seu futuro⁵. Fecho o parêntese.

Dizíamos que “as coisas não são tão fáceis”. Olhares que se cruzam..., certa inquietude..., uma proposta. E a partir daí toda uma série de minuciosos passos que terminam armando a dança do acasalamento, o ritual da sedução.

E então cresce um sentimento de que dá ao olhar um novo brilho que ilumina em outro brilho um reflexo particular, colocando um pouco de música à dança, e produz uma vertigem que leva a prender a respiração esperando uma

reciprocidade. Quer dizer, a partir desse cruzamento de olhares original, até a instalação desse sentimento de amor, é desenvolvido todo um processo de duração variável, mas de enorme significado. Paixão, narcisismo, fetiche, manutenção da pulsão, sedução, amor... Uma cena de amor com luzes fracas e uma atmosfera envolvente... E um camarim onde a maquiagem dos atores é removida e colocam suas roupas de rua. Duas faces da sedução. O ideal e o real. E o desejo permanente de colocar novamente os atores no palco... A tentativa de negar a realidade de que a outra pessoa que tinha sido tomada como ideal, na verdade, não é. Por que quebrar a magia do teatro e submeter-se à decepção de saber que quem está na varanda é apenas uma atriz fazendo o papel de Julieta?

É que em alguns casais acontece um processo em que, por um lado, a paixão torna-se amor, através do fetiche virtual e sua sedução, que é possível; enquanto, por outro lado, e convivendo com isso, é desmentida a dolorosa realidade de que o outro que tinha sido tomado como esse ideal tão necessitado, nunca existiu. Mas essa defesa especial, o desmentido, leva o sujeito a ter que pagar um preço: o ego é dividido (FREUD, 1927/1990, 1940 [1938]/1990). E são esses indivíduos divididos que conseguem formalizar o casal com a assinatura de uma dupla aliança. Aliança de amor, o que é possível e uma aliança impossível de que o outro irá cumprir, como sempre ser o ideal que o indivíduo não pode se tornar. Dada a evidência de que a promessa de perfeição e plenitude não é concreta, um sintoma específico surge: a censura, mas as censuras que são feitas ao amor, para continuar a manter a promessa de perfeição e plenitude (GREEN, 1990; MISSENARD et al., 1991).

A aparição das acusações, em um determinado momento, se tornam sintomas e podem gerar no casal a necessidade de análise. Se essas acusações crescessem excessivamente minariam progressivamente o vínculo, atingindo quase a dissolução da sexualidade; porque o que exige primazia, ocupando a consciência, é um sentimento perturbador e estranho pelo qual o familiar (aquele ideal de perfeição segundo o qual foi assinado aquele pacto) torna-se um mensageiro sinistro da morte (FREUD, 1919/1990; MARUCCO, 1980, 1999).

Assim, para que haja amor, é necessário manter e defender uma sexualidade criativa e livre, ao abrigo desse fetiche virtual que faz com que as pulsões mantenham a força da sua origem incestuosa, mas também desconheçam essa origem.

As crianças dessa família, que foi constituída segundo esse vínculo amoroso, serão filhos de uma sexualidade não exclusivamente ligada à procriação. Não são os filhos os que comprovam a sexualidade, mas os desejos de sexualidade que fazem possível a existência dos filhos.

Uma vez instalado esse amor que discrimina que no reconhecimento de sua impenitência acha a possibilidade de satisfação, que ao renunciar a ilusão de perfeição (Deus) acha a sua própria liberdade, poderíamos pensar que de uma vez por todas e para sempre foi enterrado aquele velho desejo de imortalidade narcisista, que é expressado na realização dos ideais parentais? Se não for, o casal deve estar disposto a matar dia após dia a volta da promessa da ilusão narcisista de imortalidade (LECLAIRE, 1976).

ENTRE OS IDEAIS FAMILIARES E OS IDEAIS CULTURAIS

Sabemos que, dependendo do seu progresso, a cultura tende a reprimir o mundo pulsional, com os conseqüentes mal-estares na cultura. Se em certos momentos culturais a sexualidade humana é concebida apenas como um elo na transmissão da espécie, a única sexualidade permitida será aquela ligada à procriação. Então, o amor em casais, a legalização do desejo em sua satisfação sexual, e a possível culminação na formação de uma família através do nascimento dos filhos, serão transformados de acordo com as exigências culturais necessitadas. Desejo que se torna em necessidade reativando os aspectos narcisistas colocados em um filho, cuja missão será alcançar a perfeição que não alcançaram seus pais, os aspectos narcisistas exigidos pela cultura para garantir a inclusão na mesma.

Dito de outra forma, então surge em ambos os membros um “desejo” expresso sem palavras de “recuperar”, através do filho aquela plenitude nunca alcançada. Nostalgia daqueles momentos felizes, daquele estado de paixão que agora reencontra nesse ser passivo que arremeda o próprio desamparo, condenado também ele a ser investido e alienado pelos desejos parentais e da cultura. Essa criança que nasce terá a missão de ser o sonho que seus pais não fizeram, e também de se incluir na cultura cumprindo seus ideais. Ideais familiares e culturais que às vezes correm caminhos paralelos e, às vezes, são separados e que exigem que o indivíduo fique no meio da encruzilhada se sentindo vinculado a cumprir ambos. Indivíduo, indivíduos que, confundidos no cruzamento de caminhos, criarão relacionamentos de casal e de família, que, aliás, não estarão isentos de perturbações. Ocorre que, inevitavelmente, com um pouco de caminhada, essa “criança perfeita” já não será capaz de cumprir o dever de ser. E isso causa uma comoção na criança, na família e na cultura (por exemplo, na escola). A comoção da criança vibra a cada dia em nossos consultórios na análise de adultos, com a descoberta de que o indivíduo não deixa de existir quando não cumpre com o seu dever (deles), e sofre diante da desilusão por não se sentir amado como alguma vez acreditou sê-lo. Comoção nos pais não apenas porque seu filho não cumpre com os seus desejos de imortalidade narcisista, mas porque em seu crescimento, inevitavelmente, os condena a aceitar a velhice e a morte⁶. Diante dessa perturbação narcísica dos pais, uma tentativa de que uma nova criança seja uma nova reedição geracional (FAINBERG, 1985) que deverá estar de acordo com este ideal que eles não alcançaram com seus pais como casal. E assim por diante, poderá acontecer com os filhos dos filhos. Embora o casal tivesse uma ou muitas crianças, constitui apenas uma estrutura familiar no manifesto, porque, no latente, continuará sendo aquele casal narcisista buscando atender seus ideais familiares.

Em geral, quando um casal consulta é porque esse sentimento do sinistro vinculado às vicissitudes dos ideais invadiu o campo da sexualidade, e isso é vivido pelos membros do casal como perda do sentimento de amor.

SOBRE A FAMÍLIA, O CASAL E O ATUAL CONTEXTO CULTURAL

Quero sublinhar aqui um problema que cada vez mais se torna mais inqui-

etante para nossos psicanalistas: os efeitos que a crise sociocultural provoca não apenas como mal-estar individual, mas como alterações nos vínculos e papéis de estruturas sociais fundamentais para a proteção do indivíduo e a cultura de como são o casal e a família. A psicanálise pode permanecer alheia a este problema? Além de se preocupar ela vai encontrar uma maneira de lidar com isso? Por agora vamos abordar este problema com os elementos que a psicanálise nos oferece para entendermos como vão se distorcendo as estruturas das quais a psicanálise vem tratando famílias e casais.

Quando os fenômenos socioculturais se tornam traumáticos para as pessoas, isso gera, em nível intrapsíquico e em nível intersubjetivo, todo um conjunto de perturbações, que vão desde problemas de autoestima vinculados à perda da libido, que geram um aumento progressivo do sadismo dos ideais, ao desconhecimento do sistema de valores, que levam à sua degradação em um processo que vai desde o questionamento de vínculos fundamentais para o ser humano, até chegar, em alguns casos, à sua dissolução.

Essa pessoa em crise será capaz de descobrir seu verdadeiro inimigo? Ou, confundido, atacará seus aliados? Isso não explicaria tanto os ataques a seu próprio Eu, expressados como autorreprovação quanto às censuras que surgirão aos vínculos do casal e da família? Os jovens que veem seus projetos limitados tenderão a vivê-los como produto do fracasso dos pais. Por sua vez, os pais tenderão a responsabilizar pelo fracasso de seus projetos a apatia da geração seguinte. Os casais que se veem obrigados a adiar indefinidamente seus projetos até quase esquecer-los, não se confundirão, terminando por questionar o valor do amor? Essas situações ocorrem quando os ideais culturais se tornam tão imperativos que os indivíduos, para se manterem dentro do âmbito cultural, vão renunciando progressivamente ao seu mundo pulsional, chegando inclusive à conclusão de que a linguagem, como expressão simbólica, amplie progressivamente o campo da consciência, diminuindo o espaço da fantasia e dos sonhos. Isso gerará uma progressiva ausência de desejos, gerando o que eu tenho chamado de “enfermidade da consciência” (MARUCCO, 1985, p. 2).

Creio que esses são pontos de suma importância que têm ocupado a numerosos autores, entre eles Joyce Mc Dougall (1982), em seu *Argumento por alguma anormalidade* ou àqueles que destacaram o perigo da adaptação exagerada, etc. (BOLLAS, 1994).

Creio que a estrutura da família e do casal seja, talvez, onde melhor possamos atuar analisando a desilusão provocada pelos ideais culturais e, ao mesmo tempo, recuperando aquilo que foi destruído (a vida amorosa, os desejos, os projetos, os sonhos, etc.). Sem dúvida, uma resistência que encontraremos é a que Otto Kernberg (1987) descreveu como a “tentação ao convencionalismo”, que não é outra coisa que o temor a ficar à margem da cultura e perder a suposta proteção que essa lhe ofereceria.

Volto aqui a me referir ao título desse trabalho, ao considerar a origem das perturbações narcisistas na estruturação familiar, à medida que essa se dilui na ordem cultural. Então seus membros correrão o risco de enfrentar a depressão

(que considero a patologia do nosso tempo), expressada basicamente por uma paulatina e crescente perda da autoestima, do sentimento sobre si mesmo, da capacidade de amar, junto com um desfalecimento do impulso vital. Por que isso ocorre? Porque quando se idealiza a cultura, isso leva a uma inibição da agressividade através da interiorização do sentimento de culpa (FREUD, 1930 [1929]/1990), que leva o indivíduo a expressões masoquistas em vez de poder denunciar o objeto idealizado ao qual se submete.

AS IDENTIFICAÇÕES NO CENÁRIO FAMILIAR

Um aspecto do caráter é considerado como o resíduo de identificações de antigas cargas de objeto perdidas. Sem dúvida, quando se examina a vida amorosa de uma pessoa se descobre em seu caráter a história daqueles vínculos amorosos perdidos que ocorreram na identificação. A identificação então traz consigo uma apropriação de traços do objeto diante de sua perda. Então se dá a habitual diferenciação entre “carga do objeto” e “identificação”.

Freud (1921/1990) nos alertou sobre fenômenos onde coexiste a relação do objeto com a identificação com o objeto. Isso não teria uma importância relevante no tocante ao casal e à família?

Pensemos em um casal. Aproximemo-nos dele e espiemos pelo buraco da fechadura. Não será frequente ver um processo pelo qual, por meio da identificação, os membros do casal vão assimilando os traços de caráter do outro sem que percebam? E caso sigamos observando, não veríamos com assombro como conclusão desse processo que um termine se transformando em uma espécie de cópia do outro? Ao chegar a este ponto, é provável que não tenhamos nenhuma possibilidade de acesso a uma modificação terapêutica.

Mas se em vez entendermos a identificação **coexistindo** com a carga do objeto, não teria essa a missão de evitar a idealização e a dependência que pressupõe a carga de objeto? Se houvesse apenas a carga de objeto, não seria inevitável a dependência de outro para se sentir amado, e o sentimento de morte quando esse ameaça com o abandono? E, por outro lado, se apenas existisse uma identificação com o objeto, o feito de evitar a dependência deste não seria ao preço de se transformar a própria pessoa em objeto?

Mediante a identificação, o indivíduo pode se separar do outro sem sentir que morre por ele, ao mesmo tempo em que manter o desejo pelo outro põe um limite à possibilidade de que por meio da identificação se aproprie do outro, ou seja, apropriado por ele. Em outras palavras, o desejo tem seu limite na identificação, do mesmo modo que a identificação encontra seu limite na persistência do desejo. Por acaso não é frequente nas análises de casais enfrentarmos tanto com uma identificação que costuma ser totalizada e acaba anulando o desejo, como com um desejo que, ao não incluir a identificação, se torna dependente do objeto? Então, a identificação seria aquilo que preserva o objeto de amor (já que em parte esse teria sido interiorizado) da dependência, assim como a carga de objeto é o que previne de que um se transforme em outro preservando o indivíduo sua sexualidade e sua liberdade.

SOBRE A CLÍNICA: AS ENTREVISTAS DE CASAIS

Um casal pode fazer consultas em momentos diferentes. Quando não se tolera o amor, no sentido de discriminação do outro, da presença da sexualidade, etc., os indivíduos buscam novas paixões (ciclo da compulsão a repetição, do narcisismo fanático [GREEN, 1986], da imortalidade sem vida que é Narciso). Mas como nada na estrutura psíquica humana é puro, a estrutura edípica de ambos os inclinará ao amor tentando renunciar a atração de Narciso. E é no conflito entre desfrutar do amor como possível e a renúncia a fascinação hipnótica (que é a tentação de Deus [LECLAIRE, 1976], mas também a dependência humilhante) onde pode se gerar a consulta a um analista. A análise lhes oferecerá a oportunidade de entender que seus atos estão determinados pelas vicissitudes de suas próprias histórias familiares, e a compreender que nos conflitos com o amor será reeditada a história das identificações resultantes do complexo de Édipo; assim como o apaixonar que desejam ansiosamente reencontrar implica em querer manter vivo o mito daquela infância idealizada perdida há tempos no passado de sua própria história familiar. Em última instância, o conflito entre o possível, que é a limitação do humano, e o impossível, que é a eliminação de Deus.

Por tudo isso, entendo a emergência da patologia narcisista em uma estrutura familiar vinculada aos ideais de plenitude do indivíduo com sua história familiar, com a de seus próprios pais e com os ideais culturais que também exigem perfeição e plenitude. O pior e grave dessa situação é que na tentativa por cumprir com todos esses ideais tende-se a passar como inadvertido, transformando-se em algo tediosamente cotidiano o aspecto mais vital da experiência do que significa o casal: o vínculo amoroso.

Outro motivo de consulta para um casal são os conflitos com a sexualidade. Para sintetizar direi que este problema gira em torno da distância entre o objeto de desejo com respeito ao objeto incestuoso primário. Dito metaforicamente, se está muito longe, em última análise, se o Édipo é aniquilado, faltará ou estará reduzido o componente erótico sexual no casal. Penso que isso ocorre, curiosamente, quando a adaptação à cultura de seus membros obteve seus maiores resultados. E se, pelo contrário, estivesse muito próximo o objeto de desejo do objeto incestuoso, o perigo de fechamento em uma espécie de exílio narcisista com o outro implicaria certamente em um perigo. É aqui onde devo dizer que entendo a sexualidade humana como essencialmente endogâmica, porque é o caráter incestuoso da pulsão o único que pode pulsionar no aparelho psíquico na constante busca do objeto. Então, o encontro dessa distância adequada permitiria que essa pulsão, que nasce endogâmica, se torne, através do universo de substituições do objeto, em exogâmico, portador de um prazer permitido, ao mesmo tempo em que preserva a cultura.

Respeito à experiência clínica de processos psicanalíticos individuais é um fato que, em alguns deles, nos deparamos com que a análise se detém. Uma vez analisadas as resistências de repressão, de benefício secundário, as resistências do ego, do super eu, etc., apesar de tudo, a análise não se mobiliza. Creio entender que em alguns casos estamos na presença de uma resistência particular, que é a identificação do paciente com o outro do casal, de maneira quase totalizadora.

Nesse caso, as entrevistas do casal tenderiam a se especializar nessa identificação com o outro e levar novamente à relação objetal essa identificação totalizadora com o outro provocada pelo temor a perda.

Em alguns casos, emerge outro tipo de resistência que quero chamar de “entropia libidinosa”, que se expressa na análise como uma forma de impasse. Vejo nessa resistência o que, em nível de casal, coincidiria com essa ligação que popularmente é chamada de “aceitar a convivência”, o que implica em uma diminuição da mobilidade da libido. As entrevistas de casal, nesse caso, envolveriam entender, por meio da interrogação analítica, o processo pelo qual é gerada essa particular combinatória relacional de libidos que adquirem esse caráter entrópico. Nesse caso, a presença de um terceiro produz por si mesmo uma mobilidade da libido delineando uma solução para o caráter entrópico.

Em última instância, a necessidade de terapia de família ou de casais surge quando emerge em um paciente a incerteza de não saber se aquilo que se deseja é impossível, ou algo impede sua realização. Assim, encontramos a um passo com acordos conscientes e com pactos inconscientes, que são os que o paciente em algum momento assinou, mesmo sem conhecê-lo, mas procura que alguém o ajude na difícil tarefa de abrir mão disso e assinar um novo acordo que respeite seus desejos.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A TÉCNICA NA PSICANÁLISE DA FAMÍLIA E DO CASAL

Acredito que, especificamente no âmbito das entrevistas com casais e famílias, o elemento mais valioso para explorar sua intrincada trama é a aplicação da psicanálise aos diálogos entre seus membros. Esta permitirá caracterizar as ligações que os unem e desunem, as determinações históricas singulares de cada um, e as de sua história em comum. Esse diálogo é movido e influenciado pela não neutralidade do outro, e permite ver em ação esse “eu” que são declarados ou declarantes, e entender o relacionamento e as perturbações de seu relacionamento que Freud descreveu tão brilhantemente em “Psicologia das massas e análise do eu” ao tentar “Paixão e hipnose” ou “Uma fase para o interior do eu”.

Além disso, esse diálogo pode exibir, praticamente como em uma imagem fotográfica, outras dimensões identificatórias que permitem entender quando um indivíduo do casal “é falado” por alguém que não é ele; identificação se faz entender quando um parceiro por alguém que não seja ele; e isso promove uma resposta diferente do outro que denuncia isso. Para isso, o analista deverá estar comprometido, não pode ser um mero observador. Terá a tarefa crítica de ajudar com perguntas para criar um histórico dessas relações e dessas identificações, para que tenham um verdadeiro sentido. Criar um histórico dessas situações traumáticas, nas quais se estabelecem as identificações patogênicas (AULAGNIER, 1986).

Isto me faz pensar sobre a possibilidade de utilizar como modelo da estrutura familiar o modelo teatral. A família é estruturada como uma espécie de “posta em cena”, onde vários personagens se desdobram através de suas palavras e suas ações, suas configurações relacionais, que correspondem às relações do ego com objetos externos e objetos virtuais. Além disso, esse modelo teatral

permite compreender o tratamento da família como uma representação de uma história contada em um roteiro escrito previamente, em que cada um dos atores se apropria para encarnar seu personagem. Mas, por sua vez, cada um tem um estilo, um gesto, uma forma de caracterização (personagem) própria e lhe dá um “jeito de dizer particular” ao texto; e isto é o que os diferencia e dá sentido à interação (Quem são os espectadores desta cena? Não é o teatro a expressão de uma cultura com cânones específicos e regras de funcionamento? Não é, neste caso, o espectador um observador participante através de sua particular codificação do que ele vê, ouve, sente e vive, através dos personagens desta história?).

É por isso que eu não chamo de “tratamento” a minha experiência terapêutica com casais, mas de “entrevistas”, porque “entrevista” se refere a um “visualizar entre”, a ver o relacionamento. Essas entrevistas não têm um tempo limitado e têm muitas das características do que seria uma sessão psicanalítica habitual. O ato analítico, nesse caso, seria dado ao indicar as alterações desta relação exibida nas entrevistas, de modo que o tratamento possa ser realizado em seguida, individualmente.

Quanto à técnica, eu trabalho com entrevistas semanais, sem estabelecer previamente um número de entrevistas. Na medida em que o enquadramento que eu uso não tende a facilitar a regressão, e o encontro em entrevistas configura um limite espaço-temporal, a instalação de neurose de transferência de intensidade excessiva é evitada.

Eu acho que, nesse contexto, as interpretações têm um limite que diferencia a psicanálise individual da psicanálise do casal ou familiar. Acho que este último permite, apenas até certo ponto, a inclusão de aspectos que pertencem à história única de cada um dos membros e entendo que eles apenas podem encontrar o seu significado no tratamento psicanalítico individual.

Costumo usar muito as perguntas, mas também acredito que no aconselhamento de casais é especialmente importante compreender outros sistemas simbólicos que usem não apenas a palavra, mas também o olhar, gestos, etc.

Por fim, volto ao começo. Até aqui chegam estas “reflexões que são decorrentes de minha prática diária como psicanalista...”, e das muitas questões que me ocupam e preocupam, teórica e clinicamente. Estou ciente de que o desenvolvimento dessas questões apenas pode ter sido limitado em relação à complexidade e riqueza do tópico. De qualquer forma, talvez o mais valioso seja o interesse, ainda de pé, de continuar pensando a psicanálise a partir do aprofundamento e da multiplicidade de formas que permite a inclusão do campo de aplicação na estruturação da família e do casal.

Tradução: Anabella Valeria Weismann

NOTAS

¹ Trabalho revisado e atualizado para esta publicação.

² A paixão retrata o encontro de dois olhares, cada um dos quais vê nos olhos do outro o reflexo daquela imagem que ele mesmo foi em algum momento de sua vida, e que a “exortação para a realidade” o fez descobrir que era falso. Esses dois “outros” seriam a recriação de uma espécie de “dois em um” unidos na missão de satisfazer o desejo de se converter finalmente em esse ser ideal que satisfaça o narcisismo parental. Daí vem o “conforto” popular entre os pais que quando um filho se casa “não perdem um filho, mas ganham uma filha”, e vice-versa.

³ Minhas conceituações sobre o fetiche têm sido amplamente desenvolvidas nos seminários ministrados por mim no Instituto da Associação Psicanalítica Argentina em 1988, 1991 e 2003, e são o foco do meu trabalho “Édipo: castração e fetiche. Uma revisão da teoria psicanalítica da sexualidade” que apresentei no Painel Plenário da abertura do 40º Congresso Psicanalítico Internacional sobre “Psicanálise e sexualidade”, realizado no mês de julho de 1997.

⁴ A este tópico tenho dedicado uma seção inteira do meu trabalho “A identidade de Édipo” (1978), e tem sido também desenvolvido em vários dos textos que eu escrevi.

⁵ É a sexualidade que destrói o fascínio e a idealização, e por esta razão é o motor da passagem da paixão para amor. E é a partir do amor que é construída a possibilidade de filhos desejados como filhos que possam ser donos de si mesmos. A satisfação da pulsão sexual permite tolerar a ideia de finitude de ser uma pessoa que tende a tirar do narcisismo do outro através do qual tenta recompor o próprio que vai perdendo.

⁶ Uma família que supervisionei tinha crianças em duas sequências: duas crianças que nasceram com um intervalo de dois anos, e um terceiro que nasceu depois de oito anos. Nesta família, eu formulei a hipótese de que as primeiras crianças foram mais desejadas como filhos, mesmo quando carregaram com o “dever ser”. É como se a presença mais próxima do segundo filho permitisse ser mais tolerante com o primeiro quando ele não consegue cumprir o seu dever. Depois de alguns anos, e devido a uma grave crise do casal, nasceu o terceiro filho. Crise na idade média de vida. Reflexo no espelho e de repente uma nova e súbita ruga. Os pais teriam já advertido que os seus filhos não cumpririam os seus desejos não realizados? Dada essa situação diminui a autoestima, o sentimento de culpa torna-se intenso. A perturbação narcisista nos pais provocaria “uma última tentativa” de começar de novo. [...] Volta-se a recriar a fantasia e a ilusão de que aqueles sonhos se cumpriram com o nascimento do novo filho, a quem será exigido cada vez mais o cumprimento inexorável dos desejos pendentes. E esta criança, isolada da fraternidade dos primeiros, sentindo-se sozinho (como apenas as crianças se sentem) terá a tarefa de ser um herói e mártir, tomando sobre si a difícil missão de salvar aos pais da morte, sentindo que cada conquista em sua vida torna-o responsável pela deterioração deles. Soma-se a isto a exigência dos irmãos mais velhos que esperarão que ele cumpra com seus pais o que eles não conseguiram cumprir.

REFERÊNCIAS

BOLLAS, Christopher. **Ser um personagem**. Psicanálise e a experiência de si mesmo. Buenos Aires: Paidós, 1994.

FAINBERG, Haydeé. A telescopagem das gerações: a genealogia de certas identificações. **Revista de Psicanálise**, p. 5, 1985.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 14. (Obra originalmente publicada em 1914).

_____. O sinistro. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 17. (Obra originalmente publicada em 1919).

_____. Psicologia das massas e análise do eu. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 18. (Obra originalmente publicada em 1921).

_____. Fetichismo. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 21. (Obra originalmente publicada em 1927).

_____. O mal-estar na cultura. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 21. (Obra originalmente publicada em 1930[1929]).

_____. A cisão do ego no processo defensivo. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 23. (Obra originalmente publicada em 1940[1938]).

GREEN, André. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

_____. **A nova clínica psicanalítica e a teoria de Freud**. Aspectos fundamentais da loucura privada. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

KERNBERG, Otto. As tentações do convencionalismo. **Revista de Psicanálise**, p. 5, 1987.

LECLAIRE, Serge. **Matam uma criança**. Ensaio sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte. Buenos Aires: Amorrortu, 1976.

MARUCCO, Norberto. Narcisismo, cisão do ego e Édipo. Uma introdução à forma de epílogo. **Rev. de Psicanálise**, p. 2, 1978a.

_____. A identidade de Édipo. Sobre a cisão do ego, da compulsão a repetição e da pulsão de morte. **Rev. de Psicanálise**, p. 5, 1978b.

_____. Introdução do {sinistro} no ego. **Rev. de Psicanálise**, p. 2, 1980.

_____. Transferência idealizada e transferência erótica. (Sua dialética no processo da cura analítica). **Rev. de Psicanálise**, p. 1, 1982.

_____. Sobre Narciso e Édipo na teoria e prática psicanalítica. Leitura desde a inclusão da cultura. **Rev. de Psicanálise**, p. 1, 1985.

_____. Sobre a cura na psicanálise. (Reflexões sobre um legado psicanalítico.) **Rev. de Psicanálise**, p. 2, 1993.

_____. Nas bordas da psicanálise: borderline, psicossomática, narcisismo. Novas patologias. **Zona erógena**, n. 21, 1994.

_____. Édipo, castração e fetiches. **Rev. de Psicanálise**, 1996.

_____. **Cura analítica e transferência**. Buenos Aires: Amorrortu, 1999.

_____. Atualização do conceito de trauma. **Rev. de Psicanálise**, 2004.

MC. DOUGALL, Joyce. **Alegação por alguma anormalidade**. Barcelona: Petrel, 1982.

MISSENARD, Rosolatto; GUILLAUMIN, Kristeva; GUTIERREZ, Baranes et al. **O negativo**. Figuras e modalidades. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

NASSIO, Juan D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Barcelona: Gedisa, 1993.

PONTALIS, J. B. **Entre o sonho e a dor**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1978.

SZPILKA, Jaime. **Sobre a cura psicanalítica**. Uma palavra de amor. Madrid: Tecnipublicaciones, 1989.

OS PSICANALISTAS ALEXANDRE ABRANCHES JORDÃO E BÁRBARA CONTE, CONVIDADOS PARA A SEÇÃO *EM PAUTA*, RECEBERAM COMO DISPOSITIVO ÀS SUAS REFLEXÕES, A SEGUINTE CONSIGNA: NARCISISMO E MAL-ESTAR – PONTOS DE TENSÃO NOS DESDOBRAMENTOS DA CULTURA E NAS CONFIGURAÇÕES DA CLÍNICA.

A FRAGILIDADE NARCÍSICA NAS CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS ATUAIS E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E CLÍNICAS

THE NARCISSISTIC FRAGILITY IN NOWADAYS SUBJECTIVE CONFIGURATIONS AND ITS SOCIAL AND CLINICAL IMPLICATIONS

Alexandre Abranches Jordão¹

Muitas vezes, parece-me, posso passar longo tempo sem sentir a necessidade de esclarecer um ponto obscuro, e então, um belo dia, sou compelido a isso pela pressão dos fatos ou pela influência das ideias de outra pessoa.

(Sigmund Freud)¹

Este ano comemoramos o centenário de publicação do impressionante “Introdução ao narcisismo”, artigo de Freud que abalava as estruturas de um edifício teórico já bastante sólido então, mas que, como este mesmo artigo vem comprovar, ainda se encontrava em construção e apresentaria desdobramentos futuros igualmente promissores e inovadores – como a nova teoria pulsional e a segunda tópica. Seria, portanto, oportuno averiguar o papel deste particular texto e dos conceitos ali apresentados nos desdobramentos futuros da metapsicologia freudiana, o que não faremos aqui da forma extensiva, que seria a mais adequada. Com o objetivo restrito de introduzir o tema do narcisismo para posteriormente articulá-lo com as configurações subjetivas atuais, retomaremos rapidamente um pouco da trajetória das propostas metapsicológicas relativas ao conceito de narcisismo no pensamento freudiano para – como cabe a uma digna celebração do centenário de conceitos tão seminais que comprovam-se cada vez mais atuais – dimensionarmos com mais cuidado seu papel fundamental no construto teórico da Psicanálise e sua pertinência contemporânea.

Por um lado, temos o testemunho do próprio Freud que, logo nos primeiros parágrafos do artigo, explicita o papel fundamental dos questionamentos e considerações de Jung quanto ao papel do eu e da sexualidade nas patologias psíquicas mais graves, as parafrenias como propunha Freud. Para Jung, a concepção freudiana de sexualidade, com o recalçamento do desejo sexual que retornava em forma de sintoma, aplicava-se bem aos casos de histeria, mas não alcançava os arranjos psíquicos do espectro da psicose.

Por outro lado, o que aparece em 1914 como uma grande inovação teórica corresponde ao desenvolvimento de ideias já presentes no pensamento freudiano

¹Doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ).
Professor da Universidade Federal Fluminense.
Autor de "Narcisismo: do ressentimento à certeza de si"
(Ed. Juruá, 2009).
Email: aajordao@uol.com.br

anteriormente, que ainda não haviam encontrado sua forma final, e também como consequência da elucidação de questões ou pendências teóricas que foram se tornando mais evidentes e urgentes nos anos imediatamente anteriores. O papel de Jung como competente interlocutor crítico e propositivo é, sob este aspecto específico, ainda mais importante. É isto que se depreende do exame cuidadoso do percurso teórico que vai em particular desde os “Três ensaios” até o texto do narcisismo quando contextualizado a partir da correspondência particular que Freud mantinha com seus dois principais colaboradores à época, Jung e Ferenzci (ver JORDÃO; PINHEIRO, 2000; JORDÃO, 2009).

O termo narcisismo entra definitivamente no jargão psicanalítico a partir de 1909 com as discussões nas Reuniões das Quartas-feiras da Sociedade Psicanalítica de Viena em torno da homossexualidade. O problema aqui é que, como ainda não se tratava de um conceito com definição rigorosa, seu uso pelos frequentadores deste círculo restrito de simpatizantes da Psicanálise era ainda muito pouco uniforme, prestando-se a empregos em acepções bastante distintas. Cabe a Freud, em 10/11/1909, ao final de uma longa discussão em torno de um texto de Isidor Sadger, esclarecer um ponto de vista que se tornara evidente nas discussões empreendidas com Jung a esse respeito em 1907, e que encontrará sua forma definitiva em 1914: “O narcisismo não é um fenômeno isolado, mas um estágio do desenvolvimento necessário na passagem do autoerotismo ao amor objetal” (SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE VIENA, 1978, p. 307 *apud* JORDÃO, 2009, p. 51 n).

Esta é uma questão fundamental porque, a partir do que ficara estabelecido em 1905 nos “Três ensaios”, entre autoerotismo e amor objetal não haveria fases intermediárias e, seguindo-se fielmente esse modelo, era possível identificar todo e qualquer movimento libidinal que não visasse a um objeto externo como de cunho autoerótico. Este foi um entendimento que se propagou amplamente entre os primeiros seguidores da obra freudiana nos anos imediatamente anteriores à publicação de “Introdução ao narcisismo”. Dessa forma, a masturbação era imediatamente, e sem grandes reservas ou considerações, tida como prática sexual autoerótica. A correção deste equívoco só se dará em 1914 quando Freud esclarece o papel das fantasias nos investimentos objetais – o que, no fundo e a rigor, apenas confirma e reafirma o caráter perverso-polimorfo da sexualidade, como discutiremos mais adiante.

Não se mede a diferença entre neurose e psicose pela existência ou não de distanciamento em relação à realidade efetiva, nem pelo grau deste distanciamento, mas pela permanência ou não de vínculo objetal, assim entende Freud em 1914. Este é ponto que sustenta a oposição freudiana à aplicabilidade da psicanálise como método terapêutico nas neuroses narcísicas: no seu entendimento – a partir deste modelo – se não há vínculo objetal, não haveria transferência. A clínica se veria desprovida daquilo exatamente que a move e não teria poder de influir sobre indivíduos que procedessem a tal introversão da libido (termo junguiano que Freud incorpora para descrever o movimento particular que retira libido dos objetos, reenviando-a ao eu e que, no caso das neuroses narcísicas, não mantém investimentos libidinais nem mesmo em objetos imaginários).

O cerne dos esclarecimentos que Freud apresenta a Jung ao expor sua visão da dinâmica psíquica particular às psicoses também passa por esta questão. É esta discussão com Jung que explicita a necessidade do novo conceito de narcisismo e deixa claro quão inadequado era o uso do termo autoerotismo em determinadas acepções. É também na exposição de suas posições teóricas a Jung, ainda em 1907, que Freud formaliza e estrutura a maior parte do que será exposto somente sete anos mais tarde com o conceito de narcisismo. Mas nestes sete anos assiste-se a uma crescente aparição do termo narcisismo nos textos freudianos em considerações cada vez mais profundas e alongadas em que ocupava gradativamente o papel de elemento terminológico central – que, reiteremos, ainda carecia da formalização conceitual que só ocorrerá em 1914.

Assim, temos, já em 1910, tanto o texto sobre Leonardo da Vinci quanto o ensaio sobre Schreber, este último um verdadeiro mergulho conceitual que parece ter o importante papel de colocar Freud diante dos alcances, aplicações e consequências teóricas do que viria a se configurar definitivamente em “Introdução ao narcisismo”. E depois “Totem e tabu”, conjunto de quatro textos escritos ao longo de dois anos em que o tema central – de cunho eminentemente junguiano como forma de atestar ainda mais claramente sua influência sobre Freud – alcança sua máxima expressão nos exames das relações entre a onipotência do pensamento e o narcisismo. Neurose e narcisismo, portanto.

A este respeito – e concomitantemente o que isto vem ilustrar claramente – deve-se notar uma importante mudança na clientela de Freud. Como os demais textos da época o atestam, a clínica freudiana vive, no período inicial do século XX, uma importante mudança e assiste a um afluxo cada vez maior de pacientes obsessivos, com consequências imediatas sobre sua produção teórica². É possível ver claramente uma relação intrínseca entre essa nova clientela e as preocupações crescentes de Freud com as questões egoicas, em particular aquelas que só se consolidarão definitivamente com “Introdução ao narcisismo”, de 1914, e “O eu e o isso”, de 1923 –, como as instâncias ideais e o eu como passível de investimento libidinal, no primeiro; e que o eu é majoritariamente inconsciente, juntamente com a retomada do tema das instâncias ideais e a proposição do supereu, no segundo.

Há, ainda, no artigo do narcisismo, uma terceira questão que merece menção ao considerarmos seu papel no conjunto da obra freudiana, aquela ligada à teoria pulsional. O conceito de narcisismo não convive bem com a primeira teoria pulsional e, ao longo de “Introdução ao narcisismo”, são perceptíveis as dificuldades de Freud em tentar adequar sua teoria pulsional à sua nova proposição teórica. Pode-se mesmo dizer que se trata, em 1914, de uma teoria pulsional intermediária e que já prepara o terreno para a que virá em 1920.

Se em 1905, nos “Três ensaios”, o conflito pulsional se dá pela clara divisão entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, o conceito de narcisismo – em que o eu é, ele também, um objeto investido de libido – torna esta divisão nebulosa. A engenhosidade de Freud permite-lhe propor uma nova oposição, agora (1914) entre pulsões objetais e pulsões do eu, mas não resolve o problema inicial: Se o eu é, ele também, um objeto passível de investimento libidinal, não

teríamos necessariamente que tomar ambas as classes de pulsão agora apresentadas, a objetal e a narcísica, como modalidades ou subdivisões das pulsões sexuais? Mas se considerarmos que a autoconservação seria, por definição, uma preocupação e um objetivo narcísicos – dizendo com mais rigor, seu alvo ou meta – haveria aí uma contradição em termos com a conseqüente anulação da própria dualidade pulsional. Estaríamos diante de uma pulsão sexual onipresente, que só se diferenciaria em relação aos seus objetos prioritários de investimento.

Além disso, há um complicador adicional que não escapará a Freud: não é sempre possível aproximar os interesses narcísicos da autoconservação. Por vezes, inclusive, eles serão antagônicos. Não por acaso, Freud só retomará verdadeiramente o tema do narcisismo – em extensão e profundidade – depois de 1914, em duas ocasiões marcantes, em “Luto e Melancolia”, de 1917, e no “Mal-estar”, de 1929. No primeiro caso, para examinar esse complicador e os alcances do conceito de narcisismo na compreensão das patologias narcísicas; no segundo, já de posse da nova teoria pulsional, ampliando consideravelmente sua aplicação teórica, e retornando a um tema já abordado em “Totem e tabu”, na sua mais instigante investigação dos impasses e benefícios oriundos das relações entre o indivíduo e a cultura.

Este rápido esboço histórico, que buscou situar o texto de 1914 sobre o narcisismo em uma perspectiva longitudinal em relação à obra e ao pensamento freudianos, tem uma utilidade adicional porque permite lançar mão das mesmas estratégias e dos mesmos alicerces expositivos para se discutir a atualidade do conceito de narcisismo e seu recente resgate – bem como daqueles autores que se notabilizaram por trabalhar, tanto na clínica quanto em suas contribuições teóricas, sob um espectro prioritariamente narcísico, ou seja, tomando o narcisismo como referencial metapsicológico preferencial em seus artigos e no entendimento e condução de seus casos clínicos, como Ferenczi, Winnicott e Balint. Também Klein tem sido de muito auxílio e por isto mesmo revisitada.

Partamos da clínica para emprendermos a mais uma consideração de alcance histórico limitado, mas bastante ilustrativo e esclarecedor para as considerações que se seguirão: o que se assistiu nos últimos 20 a 30 anos foi ao quase desaparecimento do velho neurótico freudiano – o que motivou numerosas reflexões oriundas tanto dos próprios meios psicanalíticos quanto daqueles mais voltados às configurações e funcionamentos das sociedades nos dias atuais, como sociólogos, antropólogos e filósofos. Uma única fonte bibliográfica será suficiente para ilustrar este argumento, a de D.-R. Dufour, “A arte de reduzir as cabeças”, publicada originalmente em 2003. Dufour (2003) sentencia logo no prefácio: “presentemente assistimos à destruição do duplo sujeito da modernidade, o sujeito crítico (kantiano) e o sujeito neurótico (freudiano)” para concluir, logo a seguir, que “estamos passando para uma nova forma de sujeito” (p. 10-1).

Essa última afirmação, que também encontramos em Melman e Lebrun, sustenta toda uma investigação que, nos campos mais distintos das Ciências Humanas, buscará lançar alguma luz sobre esse novo sujeito, seu funcionamento psíquico e suas formas de organização e convívio social. Cada autor preferirá uma dada alcunha para essas subjetividades do novo milênio, escolha sempre

influenciada pelo percurso a afinidades teórico-conceituais particulares a cada um. Assim, encontramos designações das mais variadas, tais como “sujeitos pós-modernos”, “sujeito pós-pós-modernos”, “sujeito do capitalismo tardio”, “do capitalismo tardio”, “subjetividades líquidas” e “sujeito da modernidade líquida”, etc. Preferimos “novas subjetividades”, por ser mais abrangente e menos conotado, menos compromissado com contribuições anteriores e suas necessárias limitações conceituais.

Trazendo a discussão novamente para nossa seara, assistimos, nos últimos trinta anos, à eclosão de uma série de obras inovadoras que, tanto em nível doméstico quanto internacional, apontam para novas modalidades de sofrimento psíquico e novas formas de subjetivação. As discussões sobre psicossomática tornaram-se presença quase obrigatória nos meios psicanalíticos, refletindo o enorme incremento no número e na modalidade de afecções corporais que teriam origem ou causa psíquicas – em particular as doenças autoimunes e do colágeno – mas que estariam fora do espectro da conversão.

Na clínica, o final do século passado e início deste apresentou um quadro que tanto desnorteava quanto assustava: de uma maneira cada vez mais corriqueira, os pacientes que chegavam aos consultórios eram significativamente diferentes dos de épocas passadas e parecia que os neuróticos haviam desaparecido. Havia temor que a própria Psicanálise desaparecesse enquanto alternativa psicoterápica – ou ficasse restrita a pequenos redutos centrados ao redor de alguns poucos nomes de referência, num tipo de resistência revolucionária constantemente criticada como aferrada a preceitos e práticas ultrapassadas – diante da ofensiva maciça da cada vez mais poderosa indústria farmacológica e do que é pertinente chamar de terapias do esclarecimento e da programação do comportamento.

Os pacientes, de maneira preponderante, buscavam soluções rápidas, chegavam aos consultórios com demandas muitas vezes esdrúxulas e esperando uma intervenção quase mágica do analista para resolver suas questões e amenizar sua angústia. Era difícil trabalhar. Os pacientes não associavam, os comentários eram monossilábicos ou, no máximo feitos em períodos curtíssimos. Ao invés da associação livre, os pacientes passaram a uma modalidade de fala no consultório que foi se tornando cada vez mais comum: o relato desafetizado das atividades cotidianas e ocorrências corriqueiras da vida sem grandes reflexões e, na maioria das vezes, extremamente empobrecida de componentes subjetivos próprios. Às intervenções do analista, respondem de forma evasiva e monossilábica. Depois de um relato, por exemplo, de uma experiência de violência extrema da qual teriam sido vítimas, dizem “Mas tudo bem”, ou “Fazer o quê?”. E, sobretudo, parecia que eram pacientes em que as formações do inconsciente não se apresentavam: não cometiam lapsos de linguagem, não relatavam sonhos ou faziam chistes e, acima de tudo, era extremamente raro conseguirmos identificar, no trabalho clínico, qualquer coisa da ordem do retorno do recalcado ou do afloramento de memórias recalçadas.

Não era incomum o longo silêncio se seguir ao apontamento, por parte do analista, de um mal escamoteado desejo do paciente. Por sua vez, silêncios mais prolongados do analista pareciam se tornar insuportáveis. A capacidade de

as pessoas lidarem com suas angústias mostrava-se consideravelmente diminuída e o próprio trabalho clínico passa por mudanças significativas. Na clínica, passa a ser cada vez maior o número de pacientes que não deitam, que precisam ter o analista no campo de visão e que demandam respostas objetivas do analista para problemas e questões arrumadas de forma também objetiva. A capacidade reflexiva encontrava-se extremamente diminuída ou inexistente.

Como a confirmar a colocação de Dufour, a capacidade de um exame pormenorizado da própria personalidade e da sua vida particular parece gradualmente desaparecer e, com ela, nota-se marcadamente a ausência de plano pessoal ou de futuro. As modalidades de investigação subjetiva – sejam as psicoterápicas ou as ligadas às variadas técnicas de meditação e consciência corporal – perdem seu atrativo enquanto instrumentos de aperfeiçoamento pessoal e tornam-se técnicas que, como todas as demais, têm marcadamente o objetivo de incrementar a *performance* individual, seja em que campo for. Como consequência da urgência cada vez maior do incremento de performance, advinda da constante avaliação negativa de si mesmo, surge um sentimento perene de insuficiência e insatisfação pessoal que acabam inexoravelmente encaminhando o indivíduo para a depressão (EHRENBERG, 2000).

O analista passa ao papel de técnico, de especialista em afetos; melhor dizendo, de mecânico de sentimentos – bem no sentido que Bauman (2000) identificará em “O amor líquido”. O motivo que leva tais pessoas ao consultório psicanalítico já não tem mais relação com a resolução de conflitos internos que geram angústia e sofrimento, mas sim com a eliminação desse mesmo sofrimento tomado preferencialmente como um corpo estranho a ser extirpado pela análise num procedimento que idealmente teria sua maior eficácia quanto mais se assemelhasse a uma cirurgia precisa. Há uma clara objetivação do sofrimento. A demanda nos consultórios passa a ser quase a de uma terapia focal, em que tais objetivos cirúrgicos pudessem ser alcançados ao se retirar o tumor afetivo sem precisar lidar com os demais tecidos psíquicos. Conserte-se o que não funciona sem mexer no resto. Não por acaso, as terapias menos investigativas se popularizaram.

O número de sessões semanais diminui drasticamente e as análises feitas uma vez por semana tornam-se quase universais, com suas inúmeras limitações. E passamos, nós analistas, de uma maneira geral, a falar mais nas sessões. Além disso, as sessões com tempo de duração fixo – ou, pelo menos, mais uniformes – tornam-se quase uma obrigação diante da percepção clara, por parte dos analistas – sejam esses adeptos ou não desta técnica – da crescente impossibilidade dos pacientes de suportarem o nível artificialmente elevado de angústia a que conduzem as sessões interrompidas com base no “tempo lógico” lacaniano.

Para não prosseguir indefinidamente numa retomada de temas e questões já trabalhadas alhures e que tornariam esta exposição demasiado repetitiva e pedante, passemos às considerações mais importantes para as discussões que serão empreendidas a seguir. A primeira delas é apenas uma simples observação, que tem o igualmente singelo objetivo de apontar uma importante evidência: as alterações ocorridas nos atendimentos nos consultórios acompanharam e acompanham as mudanças subjetivas trazidas pelas pessoas que nos procura-

vam e procuram, num exemplo deveras contundente da atualidade preciosa da articulação buscada por Freud entre a clínica, a teoria e a técnica. É a clínica a inspirar e exigir revisões teóricas e considerações de ordem técnica para lidar com individualidades específicas. O resgate de autores e conceitos, ocasionado pela crescente tentativa de adequar a metapsicologia ao que a clínica apresenta é somente o complemento deste movimento, que vem acompanhado de uma também crescente produção teórica atual que tanto buscava, e assim continua, denunciar e explicitar tais mudanças subjetivas como produzir novas ferramentas teóricas que possam se aproximar dessas novas conformações subjetivas com mais propriedade e poder de esclarecimento e compreensão.

Quem são esses sujeitos, as “novas subjetividades”? Questão importante para dirirmos de vez as impressões iniciais que tal alcunha possa deixar de que se trata, prioritariamente, das novas gerações, dos jovens. As novas subjetividades somos todos nós, os habitantes do século XXI, independentemente da idade. O principal argumento que sustenta tal afirmação é a constatação que nosso funcionamento e organização psíquicos encontram-se modificados de forma a possibilitar – e às vezes privilegiar – modos de funcionamento e defesa raros ou inexistentes num paradigma prioritariamente neurótico. É por isso que assistimos a uma retomada de Ferenczi e Winnicott com tanto fervor a partir do final do século passado, na busca de referenciais teóricos e clínicos para lidarmos com pacientes que cada vez mais se parecem com os casos difíceis que povoaram a clínica do primeiro, ou os casos de personalidades do tipo falso-self tão bem caracterizados pelo segundo. Pois, diante de pacientes que não associavam ou se implicavam em seus relatos desafetizados e cujos relacionamentos íntimos tornaram-se descartáveis e superficiais, era fácil reconhecer algo marcadamente da ordem de estados limites entre a neurose e a psicose, as personalidades do tipo *borderline*.

São extremamente numerosos, no meio psicanalítico, os artigos e palestras que apontam tal mudança subjetiva. Em geral, centram-se em três temas principais: 1) a apresentação dessas novas subjetividades tanto a partir dos impasses que geram na clínica quanto do aspecto metapsicológico particular de sua constituição e funcionamento psíquicos; 2) uma abordagem que parte da clínica para produzir reflexões sobre o social e que não se cansará de apontar a clara “derrocada do nome do pai” como característica marcante dos dias atuais – questão particularmente delicada em razão de ter de lidar com um complicador maior para os adeptos da abordagem estruturalista porque, sob este prisma, esta interação funciona bem no sentido indivíduo-sociedade, mas encontra sérios problemas teórico-conceituais para se fazer valer no sentido oposto; 3) a proposição, que se torna quase hegemônica, da perversão, preferencialmente à neurose, como modelo estrutural de organização e funcionamento psíquicos adequado ao novo século e característico das novas subjetividades.

Pois bem, chegamos ao ponto nodal desta argumentação: o que está na própria base de tal mudança de paradigmas tanto técnicos quanto teóricos e constitui-se em eixo central de onde emanam todas essas dificuldades práticas e intelectuais é a constatação clínica de uma evidente e majoritária fragilidade

narcísica trazida pelas pessoas que buscam atendimento clínico. É sob esse estigma que, devido à sua quase universalidade, acaba ganhando os ares de verdadeiro paradigma, uma nova clínica começa a se fazer. E nesta, recalçamento, associação livre, sonhos –, mas, mais importante, a castração e o complexo de Édipo – já não se apresentam mais nem com tanta frequência nem com tanta intensidade.

Essa clínica tem algumas características importantes. Retomemos algumas já mencionadas e acrescentemos novas: o número de sessões por semana diminui drasticamente a ponto de tornar-se quase indiscutível a frequência semanal; tornam-se raros os pacientes que deitam, preferem sentar-se de frente para o analista; por paradoxal que pareça para alguém que busca análise, os pacientes já não falam tanto de si, alguns se sentindo mesmo extremamente desconfortáveis diante da demanda de esclarecimentos por parte do analista sobre alguma passagem relatada na sessão (a que respondem com silêncio ou frases evasivas); o analista passa a ser colocado num lugar de técnico competente mas descartável ou substituível, com implicações diretas sobre a transferência; os analistas falam mais durante as sessões, num claro indício de sua percepção do quanto a fragilidade narcísica do paciente torna insuportável a angústia enfatizada pelo silêncio; a transferência torna-se igualmente insuportável e ameaçadora, sua intensidade afetiva vivida como perigo narcísico, sendo ela própria objeto de manobras defensivas inconscientes que dificultam sobremaneira o trabalho clínico, etc.

Outras constatações oriundas da clínica se impõem. Citemos mais algumas, como a explosão do número de sintomas corporais relatados pelos pacientes; a frequente ocorrência de discursos preferencialmente biológicos (com elementos preponderantes marcadamente das áreas da genética, neurologia e da endocrinologia) empregados na exposição e no entendimento das próprias mazelas; a força com que surgem no consultório as explicações místico-religiosas para os sofrimentos da vida e a presença insistente do pensamento mágico na crença de soluções igualmente sobrenaturais para suas dificuldades; em contraponto direto com a ocorrência anterior, uma demanda frequente por explicações objetivas, que o analista diga o que está acontecendo com o paciente e, por vezes, que o analista proceda a algum tipo de treinamento de viés adaptativo que pudesse capacitar o paciente para lidar com as situações aflitivas e ambientes sociais diversos; por fim, por um lado, o recurso banalizado aos medicamentos psicotrópicos, na maioria absoluta das vezes sem o devido acompanhamento psiquiátrico e usados de forma absolutamente aleatória e de acordo com as preferências, crenças e temores pessoais (o Rivotril quase onipresente) e, por outro lado, o uso indiscriminado das “drogas de *performance*”, que são usadas não para corrigir uma disfunção regulando-a, mas com o intuito declarado de incremento de resposta específica, como a Ritalina e o Viagra. Há, ainda, várias outras, mas essas são suficientes.

O que fazer diante desta nova realidade se não recorrer àqueles que, de alguma forma, desbravaram os caminhos de uma psicanálise do primitivo, como Ferenczi, Klein e Winnicott? A riqueza das sessões recheadas de formulações e associações neuróticas, repletas de lapsos e sentidos que acabavam preparando

o terreno para o eventual afloramento de lembranças recalcadas igualmente reveladoras, é substituída pelo olho-no-olho, pela nítida fragilidade psíquica de pacientes que convivem muito mal com o desvelamento íntimo característico de um processo psicanalítico. A percepção, ainda que inconsciente, desta fragilidade narcísica que coloca o paciente em constante posição de alerta diante de uma sensação inarredável de ameaça do meio é o que nos coloca, a nós analistas, numa postura de acolhimento necessária para se buscar criar as condições fundamentais para a continuidade dos atendimentos. Nem sempre se consegue, mas a própria sobrevivência da Psicanálise e sua revalorização atual demonstram que algum sucesso foi, sim, alcançado.

Em termos teóricos, a perversão passa a ocupar o lugar de paradigma central nas abordagens psicanalíticas da atualidade e encontra utilidade imediata tanto na compreensão da organização e do funcionamento psíquicos de tais casos quanto na elucidação do claro esgarçamento do tecido social que acompanhamos neste período recente da história. Mas é preciso cuidado com esta manobra porque, se por um lado ela representa recurso comprovadamente frutífero e promissor diante dos impasses teóricos colocados pelas novas subjetividades e suas formas de organização social, por outro, pode ter o efeito contrário de restrição de esboços teóricos alternativos que podem se provar igualmente pertinentes e produtivos.

Esta observação é importante porque, a partir do lançamento de “O homem sem gravidade”, livro de entrevistas de Charles Melman realizadas por ninguém menos que Jean-Pierre Lebrun, ao final de 2002, o tema da perversão na atualidade se popularizou de tal forma no meio psicanalítico que pôde escamotear o perigo apontado por Nelson Rodrigues quanto ao pensamento hegemônico. Se tal popularização se deu, diga-se de imediato é porque a questão e seu encaminhamento procedem e são capazes de produzir considerações, proposições e modelos teóricos extremamente ricos e ilustrativos. Basta, para comprová-lo, mencionar a extensa lista das excelentes obras recentes de Melman, Lebrun e Dufour sobre este assunto. Mas é insuficiente.

É imprescindível admitir que, por mais pertinentes e reveladoras que sejam as considerações tornadas possíveis a partir da elevação da metapsicologia da perversão a paradigma para uma abordagem psicanalítica da atualidade e das novas subjetividades, tal manobra, como discutiremos a seguir, não consegue abarcar todo o espectro existencial subjetivo dos dias atuais. E nem seria possível a um único modelo teórico, é evidente. Mas, além disso, já está demasiadamente claro que características e operações subjetivas de outras modalidades de organização psíquica, que não a perversa, são igualmente identificáveis em nossos pacientes e na sociedade como um todo. A melancolia, por exemplo, mais especificamente no que se refere ao esvaziamento afetivo das relações.

Isto não quer, em absoluto, dizer que se deva rejeitar um modelo teórico, o da perversão, em detrimento do outro, da melancolia, ou de qualquer outro. Mas que, se deixarmos de lado a artificial rigidez classificatória e privilegiarmos uma abordagem dinâmica do psiquismo, que o entende mais como coletânea ou mosaico particular de formas diferentes de subjetivação e operação psíquica,

poderemos, então, e de forma muito mais adequada aos sujeitos atuais, falar preferencialmente em termos de traços perversos, melancólicos, paranoicos e neuróticos que nos caracterizam, a todos nós, sujeitos do novo século.

As subjetividades na atualidade remetem muito mais ao que Freud tratava como neuroses mistas nos textos ditos pré-psicanalíticos que a arranjos psíquicos mais rígidos e fundamentalmente pouco mutáveis característicos da abordagem estruturalista. Mas não deve, equivocadamente, levar a uma refutação desarrazoada das contribuições oriundas do modelo estruturalista, numerosas e valiosas. Ao contrário. O enfoque estruturalista ilustra e enriquece o debate em torno dos traços perversos nos sujeitos e sociedades atuais devido ao rigor na sistematização e descrição da organização e do funcionamento psíquicos na perversão. É o que se depreende do texto seminal de Aulagnier (1967), em que ela lança as bases para a proposição da perversão enquanto estrutura. É também o que se extrai das contribuições fundamentais de Teresa Pinheiro e Marie-Claude Lambotte no sentido de apresentar uma metapsicologia específica da melancolia como quarta estrutura³.

Dito de maneira excessivamente sucinta e rápida, o que há de melancólico no modo de funcionamento psíquico atual é a modalidade desafetizada de investimento objetual em que nenhum objeto ganha relevo especial. É como se, como encontramos em Bauman e Lipovetsky, o modelo consumista de relação com a mercadoria – cujas características essenciais são sua imediata obsolescência e a descartabilidade intrínseca – se impusesse aos investimentos libidinais do sujeito. Todo objeto é substituível e nenhum faz falta especificamente.

Ao mesmo tempo, o que configura o padrão perverso nos investimentos objetais tem uma dupla vertente, sendo a mais importante seu componente de confirmação da onipotência narcísica. Acompanhando Aulagnier (1967), a primeira é a destituição do objeto do posto de sujeito, de semelhante e, acrescentemos, sua redução a simples instrumento para obtenção de gozo. A segunda é que este gozo, ainda que contemple elementos oriundos ou vinculados à sexualidade, é fundamentalmente narcísico. Um gozo que depende inexoravelmente da confirmação da onipotência narcísica, por isto tão dependente da explícita e necessária negação da castração.

Numa equação em que esses elementos estão vinculados, depara-se com algo que só aparentemente é paradoxal: a depressão. Se por um lado ela é alimentada por um sentimento de fracasso narcísico, bem identificada por Ehrenberg como sentimento de insuficiência diante de padrões ideais de performance, por outro pode estar relacionada à perda do objeto como na melancolia. Mas, neste último caso, o que caracteriza este tipo de investimento objetual é mais algo da sorte do fetichismo que propriamente da melancolia. Temos então o seguinte quadro, que mistura perversão e melancolia em um arranjo extremamente frágil e angustiante: os objetos são intercambiáveis e descartáveis assim como os investimentos objetais; o que confere alguma especialidade ao objeto – que o torna especial ou mesmo imprescindível – não condiz tanto com o desejo sexual, mas sim com o modelo fetichista de negação da diferença; o objeto é dessubjetivado e transformado em simples ferramenta para obtenção do gozo

narcísico advindo da confirmação da onipotência própria e da não sujeição à lei ou aos limites da castração. Mas não é só isto.

A clínica atual nos traz alguns dados adicionais para compormos um panorama geral dos nossos dias. A questão aqui é advogar que já não é suficiente tratar as características específicas das subjetividades atuais em termos de perversão e melancolia, mas que precisamos considerar os componentes neuróticos que participam de um arranjo psíquico dinâmico e multifacetado como o característico das subjetividades dos nossos dias. Isto não significa descartar a perversão e a melancolia do debate, mas sim incluir a neurose. E isto leva à questão central que elucida uma evidência gritante, a que nossa própria clínica de hoje já não é mais a mesma da virada do século. O corolário imediato desta afirmação é que a organização e o funcionamento psíquicos dos sujeitos atuais já não cabem mais em um modelo estrutural perverso; mais importante, não se encaixam em nenhum modelo classificatório único, seja o da perversão, da melancolia ou da neurose – sem mencionar os manuais de Psicopatologia. O que a clínica atual nos diz é que a afirmação de Dufour deve ser atualizada para, em vez de afirmar seu caráter excludente, enfatizar seu caráter parcial: ao lançarmos mão de perspectivas teóricas no trato das subjetividades atuais, os modelos crítico (Kant) e neurótico (Freud) já não são suficientes. Devem ser complementados – em especial no que toca a Freud – pelas perspectivas mais propriamente narcísicas presentes no próprio pensamento freudiano, mas não devem descartar como inadequadas as vinculadas às noções de recalamento e complexo de Édipo.

São vários os indícios clínicos que comprovam esta colocação. Uma, em particular, merece especial atenção: se é verdade – como bem identificou Ehrenberg, apesar de não ser psicanalista – que depressão e cansaço configuravam quase que universalmente os sintomas individuais na virada do século (ainda que porventura associados a outros); a queixa quase unânime dos pacientes nos dias de hoje são baixa autoestima e impaciência ou, em outras (nossas) palavras, limiar muito baixo de tolerância à frustração. É importante porque, nos dois casos, o narcisismo é o elemento central; a precariedade da organização narcísica e sua fragilidade sempre exacerbada pelas experiências que apontem para a castração.

Essa extrema suscetibilidade a experiências mínimas de frustração, via de regra, conduz as pessoas a reações violentas desproporcionais e marcadamente assustadoras para si próprios, mas que se tornaram corriqueiras no dia a dia das cidades brasileiras. Tudo é ultrajante e qualquer mínima desatenção alheia é tomada como um ataque ferino à sua integridade moral. O trânsito é o melhor exemplo. Uma paciente buscou análise porque, nas suas palavras, tornava-se outra pessoa ao volante, extremamente violenta e vingativa. Outro paciente vendeu o carro e mudou-se para perto do trabalho, para onde, agora, vai a pé. Um terceiro, extremamente cordato, relata episódios de fúria ao volante e, igualmente, passou a evitar o carro. Outro, mesmo morando numa cidade das dimensões do Rio de Janeiro, abandonou o carro, não renovou a carteira de motorista quando esta venceu e passou a ir a pé para todos os lugares. Leva uma hora para vir para a análise. Quando muito – particularmente quando precisa ir ao centro da cidade – usa o metrô; mesmo assim tenta evitar ao máximo.

Tomar a impaciência como indicador do nível de comprometimento da organização narcísica do indivíduo significa entender como, na economia narcísica, qualquer pretensa ameaça significa uma real possibilidade de aniquilação. A dialética narcísica oscila entre dois polos extremos, onipotência e desamparo, que não comportam posições intermediárias; são sempre absolutas. Em outras palavras, a perspectiva narcísica é sempre a do tudo ou nada. Em termos narcísicos, o único juízo pertinente é o de existência, que não contempla diferentes níveis ou gradações; existe ou não existe, é ou não é, onipotência ou desamparo. Graus diferentes de uma ou do outro são requintes edípicos que somente podem se erigir a partir de uma organização narcísica mais estável e bem alicerçada, que não se vê ameaçada diante de qualquer contrariedade, que não depende da constante comprovação de onipotência como estratégia desesperada de fuga do desamparo aniquilador. Não surpreende, portanto, que o diagnóstico de Transtorno do Pânico se torne tão comum, pânico e impaciência compartilham a mesma origem comum, a urgência onipotente.

O componente narcísico e perverso fica também particularmente evidente no uso disseminado das redes sociais com objetivos claramente exibicionistas. Este é um componente importante no exame das questões referentes à atualidade devido à ambivalência explícita que os próprios usuários demonstram ter em relação ao que acontece neste mundo virtual. De uma maneira geral – eis o conflito de ordem neurótica – as pessoas têm claramente a noção de que as postagens nesses veículos cibernéticos são sempre enviesadas e idealizadas; mentirosas, portanto⁴. Mesmo assim, mesmo com a crítica ferrenha, veem-se enredados num processo de consumo constante do exibicionismo alheio enquanto se exibem também. São esses arranjos subjetivos que fazem coexistir mecanismos e defesas referentes a organizações psíquicas discrepantes num mesmo indivíduo, sem aparentemente haver preponderância necessária de um tipo aos demais. A culpa neurótica, presente em situações específicas, não se apresenta quando de aventuras extraconjugais ou do término de um relacionamento amoroso. A estratégia aqui, perversa a princípio, nega ao objeto seu estatuto subjetivo e permite a sua descartabilidade e sua consequente inclusão num tedioso universo, de viés melancólico, em que nada é particularmente especial ou importante, em que tudo pode ser substituído. Sofrer por amor, Bauman (2000) o identificou bem, torna-se inadmissível e cabe ao sujeito fazer tudo para não se submeter a algum tipo de impedimento afetivo: “a fila anda”, dizemos em linguagem popular.

Ao mesmo tempo, os relacionamentos afetivamente mais intensos tornam-se narcisicamente ameaçadores e são ativamente evitados, às vezes a todo custo. É claro que a transferência com o analista sofre os efeitos desta manobra e não é à toa que as interpretações calcadas na transferência tornam-se cada vez mais raras nos consultórios, é o simples reconhecimento, por parte do analista, do quanto elas podem ser perturbadoras e gerar muito mais resistências que alavancar associações. Do mesmo modo, torna-se cada vez mais comum que pessoas busquem a análise em função de um hiperintenso amor aflitivo, causa de enorme sofrimento e do qual não conseguem se desvencilhar. A própria intensidade afetiva identificada como elemento central no cenário angustiante que busca reconfigurar.

É, por exemplo, o caso do rapaz de 35 anos que busca a análise em momento de absoluta depressão – beirando o desespero – porque se percebe apaixonado e sofrendo enormemente por uma ex-namorada com a qual ele próprio havia terminado. Ele não queria resolver suas questões emocionais para tentar viver um relacionamento duradouro com a ex – não havia a busca neurótica da felicidade pela posse do objeto – o que queria mesmo era retornar ao seu velho padrão de comportamento nos relacionamentos afetivo-sexuais caracterizados pela descartabilidade e absoluta equivalência dos objetos. Ele se orgulhava de não ser seletivo em relação às parceiras e fazia questão de afirmar que já se relacionara com vizinhas, colegas de trabalho, frentista de posto de gasolina, caixa de supermercado, modelos de campanhas publicitárias, etc. Sua preocupação era a performance romântica; não apenas viril, também importante, mas a do perfeito cavalheiro, aquele que vai fazer tudo pela felicidade da amada de momento – tudo menos amá-la.

Ao mesmo tempo, vemos acorrer aos consultórios pessoas que, apesar de compartilharem tais posturas e buscarem implementar em suas vidas a vigência das leis de mercado também para seus relacionamentos afetivos e questões psíquicas particulares⁵, são capazes de estabelecer vínculos emocionais significativos e duradouros com pessoas e coisas e que reconhecem o seu valor especial. Reconhecê-lo significa ter que lidar com as dificuldades e dispor-se a enfrentar os obstáculos inerentes a qualquer convivência amorosa de pessoas diferentes, ou seja, ter que aceitar e lidar com limites – o que significa descolar-se, ainda que de maneira hesitante, do imediatismo totalizante narcísico. A constatação evidente, que não desenvolveremos aqui, mas que merece menção por estar implicitamente colocada em todas essas considerações, é que parece que já não somos mais “sua majestade, o bebê”, como propôs Freud. Examinar quais as variantes atuais concorrem na invenção narcísica dos sujeitos dos nossos dias e como elas atuam e se organizam enquanto esboço subjetivo no psiquismo dos sujeitos atuais parece um caminho frutífero no esclarecimento sobre quem somos na atualidade. É onde o conceito freudiano de narcisismo é mais promissor e interessante no seu centenário, onde demonstra seu imenso potencial enquanto paradigma teórico na abordagem das subjetividades atuais e prova-se fundamental no percurso que vai da clínica à metapsicologia.

Há ainda mais uma mudança que os nossos dias nos apresentam – e que já se anunciou nas vinhetas clínicas apresentadas anteriormente – mas que constato na minha clínica particular: o crescente número de homens que buscam análise. Uma clínica cuja clientela é composta por homens em sua esmagadora maioria – numa proporção de 10 homens para cada uma ou duas mulheres – chama a atenção. É um fenômeno novo, que merece um exame mais cuidadoso devido ao seu ineditismo e que demanda reflexão sobre suas origens e desdobramentos. É mais um indício de que as transformações sociais e subjetivas que acompanhamos na atualidade trazem também alguns aspectos muito positivos que não podem ser desconsiderados – ainda que acompanhados de outros igualmente abundantes e bem menos nobres.

Por fim, cabe ao menos apontar rapidamente – sem o devido desenvolvi-

mento que esta questão merece, mas que não receberá aqui – o que norteia o trabalho clínico e como ele se dá hoje em dia. Tendo em vista todas as considerações anteriores, dois textos seminais podem ser tomados como inspiração e ilustração das artimanhas técnicas que os atendimentos psicanalíticos exigem de nós, analistas, atualmente: “Construções em análise”, de Freud, e “Fantasmas provocados”, de Ferenczi. As recomendações técnicas ali contidas também terão de ser tratadas com parcimonioso rigor devido às características peculiares aos nossos pacientes hoje, mas o que se configura em técnica eficaz em nosso trabalho clínico atual pode ser descrito como uma certa mescla das recomendações contidas nos dois textos: por um lado, e diante de pacientes que não associam e cuja vida fantasmática parece muito empobrecida ou quase inexistente, o analista poder emprestar seu próprio manancial fantasmático ao paciente na formulação de metáforas possíveis sobre si, seu funcionamento afetivo e suas angústias.

Por outro, que este recurso se faça nos moldes de uma construção que já não busca mais preencher aquelas lacunas presentes nos relatos, lembranças e histórias de vida trazidas pelos pacientes – lacunas devidas ao recalçamento – mas que sejam tomadas como recursos metafóricos que visam a ilustrar (dar nome, cor, densidade, textura, contexto, etc.) passagens específicas de sua vida ou aspectos particulares do seu psiquismo. Mais que a função de prótese arqueológica que supre a ausência de um fragmento ainda demasiadamente enterrado no psiquismo, na analogia tão cara a Freud agiria simplesmente como recurso técnico restrito à análise com o objetivo também delimitado de possibilitar o surgimento de alguma associação ou, igualmente eficaz, de fomentar o surgimento de novas metáforas, estas produzidas pelo próprio paciente.

NOTAS

¹ Carta a Jung de 17/12/1911.

² Freud o declara abertamente em duas cartas a Jung, a primeira de 25/01/1908 (64 F): “Do jeito que estão as coisas, sinto-me perdendo de vista todo o problema da histeria; as neuroses obsessivas me interessam mais no momento”. A segunda de 05/03/1908 (77 F) “... tenho a cabeça cansada e quando isso acontece *ela* não se dobra, só trabalha no que bem quer; ainda agora, por exemplo, limita-se à neurose obsessiva, quando eu ficaria feliz se me entregasse a outra coisa. O senhor há de ter notado isso em minhas observações sobre a paranoia, que não contém nada de realmente novo, exceto em relação à neurose obsessiva”. As “observações sobre a paranoia” (cartas 22 F, de abril de 1907, e seguintes) foram a primeira tentativa de Freud de esboçar, de maneira mais rigorosa e consistente, as ideias que culminariam com a formulação do conceito de narcisismo em 1914.

³ Os pontos de vista relativos à melancolia e à perversão mencionados há pouco foram mais demoradamente desenvolvidos em dois artigos recentes e, por isso, só estão sendo retomadas aqui suas conclusões. Para um exame mais pormenorizado do encaminhamento destas questões e da fundamentação teórica que sustenta tais proposições ver “Da perversão e da melancolia de todos nós neuróticos atuais” (JORDÃO, 2013) e “O Lenhador – algumas facetas cotidianas da perversão” (JORDÃO, no prelo). O segundo artigo discute, em particular, quanto as reflexões de Aulagnier sobre a perversão, enquanto estrutura, ilustram e enriquecem o debate atual e permitem explorar sua relação com o narcisismo. O primeiro parte de uma perspectiva histórica para discutir o reconhecimento de traços perversos e melancólicos nas subjetividades e interações sociais dos dias atuais e busca declaradamente combater o tom catastrofista desta constatação

apontando tanto a existência de aspectos positivos de tal economia psíquica como a impossibilidade de tratar adequadamente, em termos metapsicológicos, o ineditismo do evento no calor dos acontecimentos, a imprevidência do prognóstico e a necessidade de que as avaliações também sempre aconteçam a posteriori (*Nachträglich*).

⁴ Um paciente citou a “felicidade de Facebook” numa sessão. Perguntei do que se tratava e ele explicou que não há tristeza no Facebook, ali estão todos felizes, bem resolvidos, bem-sucedidos, etc.

⁵ Aqui seria pertinente perguntar até que ponto todos nós, hoje em dia, não buscamos ativamente isto mesmo. É o que permite reconhecer em todos nós as novas subjetividades.

REFERÊNCIAS

AULAGNIER-SPAIRANI, P. La perversion comme structure. **L'inconscient – Revue de Psychanalyse**, v. 1, n. 2, abr. 1967.

BAUMAN, Z. **O amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

DUFOUR, D.-R. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005.

EHRENBERG, A. **La fatigue d'être soi**: dépression et société. Paris: Odile Poche, 2000.

FERENCZI, S. Os fantasmas provocados. In: **Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Taurus/Timbre, (1988)[1924].

_____. Princípio de relaxação e neocatarse. In: **Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Taurus/Timbre, (1988)[1930].

_____. Análise de crianças com adultos. In: **Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Taurus/Timbre, (1988)[1931].

_____. Confusão de língua entre os adultos e as crianças. In: **Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Taurus/Timbre, (1988)[1933].

FREUD, S. Tres ensayos de teoría sexual. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996[1905]. v. 7, p. 109-224.

_____. Introducción al narcisismo. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996[1914]. v. 14, p. 65-98.

_____. Construcciones em análisis. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996[1937]. v. 23, p. 255-270.

JORDÃO, A. A. **O Lenhador – algumas facetas cotidianas da perversão**. No prelo.

_____. **Narcisismo**: do ressentimento à certeza de si. Curitiba: Juruá, 2009.

_____. Da perversão e da melancolia de todos nós neuróticos atuais. **Cadernos de Psicanálise – SPCRJ**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 32, p. 97-115, 2013.

JORDÃO, A. A.; PINHEIRO, T. Antecedentes históricos da construção do conceito de narcisismo. In: HERZOG, R. (org.). **A psicanálise e o pensamento moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 11-27.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade**: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2003.

PINHEIRO, T. **Ferenczi**: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1995.

A CLÍNICA DO TESTEMUNHO. A EXPERIÊNCIA DE REPARAÇÃO PSÍQUICA

THE "TESTIMONY CLINIC". THE EXPERIENCE OF PSYCHIC REPAIR

Bárbara de Souza Conte¹

A morte é o sem resposta [...] a linguagem é justiça.
(Emmanuel Levinas)

A inspiração para participar deste “Em Pauta” advém da experiência clínica com o trabalho desenvolvido através do projeto SIG/Clínicas do Testemunho, convênio da Sigmund Freud Associação Psicanalítica com a Comissão de Anistia/Ministério da Justiça. Ouvimos o testemunho de anistiados e de seus familiares da segunda geração. Interrogamo-nos sobre o valor do testemunho e sua diferença do depoimento. A narrativa de quem viveu a experiência de ser preso, interrogado, torturado, cassado, humilhado e quais as marcas nos familiares. De que maneira incide nos sujeitos as experiências de violência e quais os destinos possíveis de elaboração ou recomposição do traumático vivido, a partir da recuperação do ideal, da transformação do narcisismo na forma de um substituto. Dessa forma, a violência e o narcisismo aparecem como pontos de tensão nos desdobramentos da cultura e nas configurações da clínica, neste caso, na especificidade do Clínicas do Testemunho.

Vivemos no grupo de trabalho criado através do Projeto aquilo que foi inaugural para pensarmos sobre a importância do testemunho como quebra do silenciamento, como o aparecimento do sujeito, como a coletivização da experiência. No grupo, um dos participantes relata a história de um familiar “desaparecido” em outro país, este fato silenciado permanecia em estado “não sabido” que ficava como uma vida/morte não falada, envolvendo tanto os sujeitos como as relações deste grupo familiar. À medida que o grupo de trabalho foi se constituindo este desconhecimento ganhou uma configuração de história, e, nesta direção, criou-se a mobilização para “ir atrás” do acontecimento, ao mesmo tempo em que as relações familiares e os segredos foram dando lugar a um conhecimento sobre a vida e sobre a morte, enfim desmembradas. Um ideal se descortina: recuperar a história a partir do perdido até então nunca encontrado – um corpo desaparecido.

Enquanto isso, começamos a escuta de outras histórias. Partimos do princípio de que todas as situações relatadas têm a intensidade de um trauma e causam efeito traumático em quem as viveu. Não há como passar ileso por elas. A experiência é individual e coletiva, por isso abrange os aspectos psíquicos, subjetivos, mas também em sua transmissão aponta as marcas na geração seguinte e coletiviza a experiência transformando-a em memória. Temporalizar a história

¹Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Coordenadora do Projeto SIG/Clínicas do Testemunho. Email: barbara.conte@globo.com

individual é se dar a conhecer. Os relatos testemunhais são narrativas, falas, pois têm como condição a implicação do narrador nos fatos e seu relato e, como verdade interna, não persegue uma verdade externa no momento que é enunciada.

O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que, até três décadas atrás, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco acessíveis à simples introspecção. Não há Verdade, mas os sujeitos, paradoxalmente, tornaram-se cognoscíveis. (SARLO, 2007, p. 39).

Esta fala da escritora argentina, que ao escrever sobre a época da ditadura em seu país introduz o tema de como o tempo passado se faz presente e quais as formas de trazer de volta uma história que não foi narrada e/ou que não foi investigada. Relata que quando a academia passa a se ocupar de fontes testemunhais orais, abriu-se o lugar da dimensão subjetiva no estudo da história e da memória individual e coletiva. Inaugura-se o campo dos estudos culturais e dos modos de subjetivação do narrado, o que nos anos 1970/1980 foi chamado de “guinada linguística”, que acompanhou a “guinada subjetiva”. Tal concepção, assim como a psicanálise na virada do século XX, instaurou o subjetivo como lugar da fala, onde o sujeito pode fazer seu aparecimento, se revelar.

Colocamos em análise duas questões. A primeira tem sido a experiência que vivenciamos cada um de nós e como grupo enquanto testemunhas das falas que ouvimos. Testemunhas do testemunho que, através da escuta, vivenciamos, ao mesmo tempo, a intensidade da repetição traumática e nos tornamos substituto possível de investimento objetal. Ao tornar possível a experiência de proporcionar sentido e transformar o investimento narcísico até então retido no corpo, ou no delírio, ou no silêncio solitário do até então nunca narrado, em investimento objetal colocamo-nos como testemunha do testemunho, objeto do endereçamento do sofrimento psíquico.

A segunda questão é a verdade dos fatos. A verdade dos fatos está dirigida para que o outro a desvende, e este é o lugar fundamental do psicanalista em sua escuta no âmbito subjetivo, assim como é a do historiador e do jurista, no âmbito coletivo. Esta é a riqueza experimentada nos grupos de trabalho, no atendimento individual e no grupo de testemunho, onde estão anistiados, familiares (psicólogos, historiadores e advogados), além de nós, psicólogos e psicanalistas, no exercício da fala e da escuta. Mas o que é desvendar a verdade do testemunho?

Entre uma e outra verdade o sujeito se revela, mas, na verdade subjetiva, a escuta torna possível as traduções; na verdade objetiva os fatos tornam-se memória histórica. A partir desses marcos, propomos pensar o Clínicas do Testemunho.

O TESTEMUNHO: SUJEITO DA FALA SE FAZ APARECER FRENTE AO OUTRO QUE O ESCUTA

Freud (1895/1990), na *Carta 52* e no *Projeto para uma Psicologia Científica*, refere que para que o simbólico aceda, traduções são necessárias. Traduções que retranscrevem, em outro tempo, excitações sexuais que permitem ao aparelho psíquico ir se complexizando e tecendo redes de significância que dão sentido ao vivido.

Tradução é a passagem de uma fase à outra da constituição psíquica ao mesmo tempo em que ocorre a inibição da pulsão de morte, do gozo mortífero. A tradução implica um princípio de funcionamento do prazer/desprazer. Por outro lado, ocorre compulsão de repetição quando não tem tradução: é repetição de um excesso de excitação sempre idêntico, sem transformação.

O que produz a diferença entre a tradução e a compulsão é a fixação. Fixação é um modo de resolução ou de reordenamento de um excesso, que é da ordem da qualidade do traumático. Por isso, o que Lacan chamou de Real é entendido como o irreduzível do trauma, ou seja, uma vivência que, por sua intensidade, deixa marcas psíquicas que não se recompõem como ligação psíquica. E é também por isso que Lacan afirma que o Real está inscrito no corpo, isto é, há sempre uma intensidade que excita como pulsão, uma força. Nesse caminho de compreender o que ocorre quando um acontecimento traumático se instala, Freud nos diz que há uma simultaneidade entre o investimento de desejo da imagem recordada e a percepção, que gera uma qualificação da experiência que é a ordem do idêntico. Sendo assim, a descarga é a única forma de alívio da excitação.

Acompanhamos um anistiado que está em atendimento no Projeto, para fazer seu testemunho na Comissão Estadual da Verdade. No dia combinado, com todos os procedimentos previamente combinados, ficamos de nos encontrar com G. na frente do prédio da CEV. Pouco depois do horário combinado uma pessoa conhecida dele telefona dizendo que ele está perdido, pois havia “esquecido” o endereço. Ao tentar contato telefônico com ele descobrimos que havia trocado o chip do telefone com a companheira, que mora em outra cidade. Ele e quem o devia acompanhar ficaram a andar, perdidos e procurando-se pela redondeza do prédio, até que ele a identifica e se encontram. No momento do encontro ele disse “pensei que estavam me seguindo” ao que lhe foi dito que naquele momento o estávamos acompanhando. Ele estava extremamente ansioso, todo suado e o encontro era um misto de tensão e alívio. Durante seu testemunho na CEV, em dado momento, lhe foi perguntado como fez para resistir por tanto tempo antes de “cair”. Ele responde: “eu chegava umas duas horas antes e ficava dando volta no “ponto” para ter certeza que podia chegar. Eu não era um suicida”.

Assim entendemos o que se passou na cena da chegada. Ir fazer seu testemunho havia intensificado o trauma de “cair”, ser preso e ele colocou em ato sua angústia “esquecendo-se” do endereço e das combinações, ficando sem contato para não chegar, ao mesmo tempo em que reviveu a cena que antecedeu sua prisão. Toda a angústia foi vivida no tempo que antecedeu o testemunho. Ao fazer seu testemunho estava sereno, algo de “triumfante”... Havia sobrevivido.

Quando há traduções possíveis, ligações psíquicas, possibilidade de recalque, é porque se cria uma dessemelhança entre o objeto desejado e a percepção deste objeto. Há dessemelhança e diferença que coloca em marcha o processo de julgar e o trabalho de pensar, processo simbólico que marca uma substituição e possibilita a fala, um símbolo, uma metáfora.

No primeiro encontro como participante do Clínicas do Testemunho chegou com uma sacola de documentos, recortes de jornais e escritos, e disse: “trouxe um pouco de minha história”, mas o convidamos a falar sobre ela.

Mais tarde nos diz: “Hoje em dia a minha história está em livros e até em teses... Imagina, eu, que quase não tenho estudo... Vão até minha casa para que eu conte o que fiz...”

Assim, podemos pensar em “linguagens” distintas: linguagens do corpo, do ato e da fala. Na linguagem da fala está inscrito o simbólico e aí aparece o sujeito, uma vez que o objeto que excita não é mais o que se mantém idêntico e sempre presente, mas aquele que produz uma brecha que marca a ausência, a falta e possibilita a diferença. Aí se faz o símbolo e o campo da fala. E ao advir o sujeito do inconsciente a psicanálise fez surgir um método.

Freud (1895/1990), ao falar do método psicanalítico, sustenta-o na associação livre e na atenção flutuante, ou seja, introduz aí o tema da escuta sem nunca ter se referido a ela especificamente. Superar a resistência da associação, através de um esforço (trabalho psíquico) de orientar a atenção do enfermo para as marcas de representação buscadas, ou seja, aquelas que por serem traumáticas estavam na base do sintoma e do sofrimento psíquico, era a proposta do método psicanalítico.

“Uma representação que está em uma cadeia associativa é um elo entre a representação de partida e a buscada, a patógena [...] é um ponto de partida de uma nova série de pensamentos e recordações.” (p. 278). As imagens visuais que o paciente relata são utilizadas para que, ao transpô-las em palavras, desmonte a imagem primeira e abra a possibilidade de uma nova imagem. As marcas impressas no corpo e na mente registram uma memória a ser conhecida. A escuta assim desenhada por Freud não é balizada pela cronologia (passado, presente, futuro), nem é dirigida ao núcleo patógeno de forma concêntrica, ou seja, visando a um só ponto. Mas inclui uma escuta por um caminho irregular e de múltiplas voltas em que o conteúdo do pensamento se enlaça com o patógeno. Os acontecimentos vividos adquirem o estatuto de trabalho psíquico.

Introduz-se, então, a escuta em uma temporalidade que se constitui no “só

depois” da posterioridade, em outro tempo e com novas (re)composições. Então Freud (1895/1990), em 1895, já deixava aberto o caminho para o tema das construções e reconstruções. Mas assinala também que a escuta está sustentada no amor de transferência e na abstinência, condições fundamentais para que a escuta psicanalítica se diferencie de qualquer outra escuta e que o psicanalista, ao oferecer esta escuta, a realize frente ao efeito que o outro exerce no indivíduo para o formar na intersubjetividade. Aí está inaugurado o campo do individual e do social.

Aponta que o tratamento psicanalítico deveria ser efetuado em um estado de privação do analista – o que chamou de abstinência – mas que isso não significa agir sem qualquer satisfação. Aponta o negar a uma satisfação real e oferecer um substituto – outra via, vias colaterais. Escuta é, então, amor transferencial em estado de abstinência que produz novos caminhos psíquicos. Diria que em nosso trabalho é testemunhar o testemunho, produzindo um substituto.

Sublinhamos esta ideia de que novas vias psíquicas ocorrem por substituição a partir do artigo que inaugura novos horizontes à compreensão do sujeito, *Introdução ao Narcisismo* (1914/1990). Propõe Freud de que

um sujeito erigiu em si um *ideal*, pelo qual mede o seu EU atual, [...] o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo EU verdadeiro na infância dirige-se agora a esse EU ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo EU que é ideal e que, como o Eu infantil se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude. [...] mas não pode manter-se neste estado (pela educação e capacidade de juízo) e procurará recuperá-lo então na nova forma de um *ideal-de-Eu*. Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o **substituto** do narcisismo perdido na infância, durante a qual ele mesmo era o seu próprio ideal (FREUD, 1914/1990, p. 90-91).

Já em *Luto e Melancolia*, Freud (1915/1990) se vale dessas ideias para apresentar o processo de melancolia como uma impossibilidade do sujeito frente à perda do objeto amado e de desinvestimento deste objeto que é ambivalente. A perda do objeto transforma-se em uma perda do ego, a partir de uma forma peculiar de identificação. “A identificação narcisista passa a ser um **substituto** do investimento de amor, o qual traz por resultado que o vínculo de amor não deve ser abandonado apesar do conflito com a pessoa amada. Um substituto assim do amor do objeto pela identificação é um mecanismo importante para as doenças narcisistas de amor” (p. 247). No final de seu texto ressalta que a regressão da libido para Eu dá lugar ao narcisismo, quando “o conflito com o Eu que a melancolia troca pela luta pelo objeto deve atuar como uma dolorosa ferida que pede um contrainvestimento extraordinariamente elevado” (p. 255).

Assim, Freud (1915/1990) introduz como necessário um substituto para a transformação do narcisismo na passagem do ego ideal ao ideal de ego e emparelha esta constatação com a possibilidade de aceitação da perda dos objetos investidos, processo de elaboração que consiste em que haja substituição do objeto amado e perdido. Dessa forma, ocorre trabalho do luto e trabalho psíquico. Em ambos os processos, tanto os pais da infância como o excesso de realida-

de marcam a perda dos objetos de amor e as transformações de investimento narcísico em objetos, que inscrevem o sujeito na cultura. Mas ressaltamos que o trabalho psíquico se torna possível quando há o trabalho do luto, substituição e transformação narcísica indispensáveis para que um novo objeto seja investido.

Sou professora aposentada, tenho 72 anos. Sendo esposa de um ex-torturado pela ditadura militar, sinto-me inteiramente à vontade para gritar ao mundo todo o desespero que uma tortura faz nos cérebros humanos.

Quando meu marido era jovem, estando no 4º ano de medicina, ele acreditava e lutava por uma sociedade justa, onde o pão de cada dia não faltasse às mesas dos seus semelhantes. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro e ia esporadicamente ao Uruguai encontrar-se com seus companheiros de luta. Foi preso e torturado psicologicamente e foi ali que um homem de vergonha teve sua mente totalmente esfacelada. Um homem com brios, com sensibilidade de poeta. Resultado: ficou louco. Aquela inteligência não suportou o peso da estupidez. Anualmente ele é hospitalizado com fortes surtos de mania, acreditando-se perseguido pelo DOPS. O passado doloroso fixou-se no seu cérebro a ponto de ele pensar que eu era uma agente da ditadura e que havia casado com ele para espioná-lo [...]. Neste momento, o torturado vira torturador e diante desta problemática que sofri na carne estou relatando os fatos no livro "Memórias de uma mulher torturada".

Como cidadã brasileira e com minha faculdade mental perfeita, me sinto no dever de dizer que jamais me esquecerei daquele fatídico dia em que vi o rosto da morte impregnada na alma de um Presidente deposto pela ditadura militar, a caminho do exílio. Seli Nachtigall Maurício.

Tempo da guerra, das neuroses traumáticas. Em função das neuroses de guerra Freud (1915/1990) dizia que havia dois tipos de reação: um para quem estava no *front* e outro para quem não combatia. No primeiro caso, quando havia ferimento físico, não havia, inicialmente, manifestação de neurose traumática, mas investimento narcísico, ou seja, a libido objetal se retirava do objeto e se dirigia ao corpo, mais especificamente à parte danificada do corpo. Expressão que chamou de libido narcísica e que introduz a mudança da teoria das pulsões que fará anos depois. Marcamos este ponto, pois o tema da libido narcísica e da pulsão de morte passarão a ser objeto das modificações e ampliações teóricas de Freud em seus escritos de metapsicologia.

No segundo caso, quando não havia ferimento físico, havia desagregação psíquica até a psicose. Marcava a relação e a fronteira do corpo e do psíquico. Primeiro a libido dá conta de restaurar o corpo, depois a intensidade de excitações psíquicas se repetem e se descarregam, até que a excitação sexual entre em um circuito pulsional que torne possível que haja representação psíquica do dano vivido.

A escuta dos novos males marcam o efeito das intensidades no aparelho psíquico do sujeito, gerando o que assinala como *não constituição psíquica simbólica*, marcas que ficam como excesso, sem alcançar o campo da representação, de ligação em outro tempo. Geram também a *desconstrução*, que supõe

o processo de fixação, retranscrição, passagem das marcas para o estatuto de representação, instaurando o simbólico e que em dado momento ao ocorrer um acontecimento com intensidade de excitação, rompe, fura, desfaz a organização psíquica.

Dois caminhos que unem o narcisismo à pulsão de morte. Daí os registros serem designados como bolhas, almas penadas, espinhos encravados, todas expressões que revelam uma tentativa de dizer daquilo que fica à espera de um destino, por serem excesso. Importante ressaltar que Freud (1915/1990) coloca em cena a importância do narcisismo, do ideal e da compulsão frente ao excesso que é da perda e da invasão ao ego, que desmonta a estima de si. O trauma como algo que advém de uma intensidade interna ou externa invade o psíquico e se reduz à sobrevivência do corpo, introduzindo o narcisismo como elo entre o corpo e a sexualidade e o ideal como substituto, via de recomposição psíquica que transpõe a morte em vida, como na fala de Seli sobre si e seu marido.

A maioria das pessoas que ouvimos no Clínicas do Testemunho viveram violação no corpo, tortura e se recolheram narcisicamente como forma de sobrevivência. Ao lado das práticas de silenciamento está o tempo para abrir brechas que permitam que o sujeito reapareça. Mas, nesse tempo necessário de recolhimento, os efeitos se fazem aparecer nas gerações seguintes. No documentário *15 filhos*, de Marta Nehring e Maria de Oliveira (1996), temos no testemunho de Janaína que *“tortura é muito sacana porque você leva para o resto da vida”*, inclusive com a não certeza se na tenra infância os filhos vivenciaram ou não a tortura, uma vez que alguns foram presos junto com seus pais. As recordações da infância e da clandestinidade criam “brancos”, “buracos” como os expressos nestas falas *“eu perguntava... Explicavam... Eu perguntava de novo... E esquecia de novo” [...] “nome da mãe era um, o nome do pai era outro... Não sabia qual era... Minha infância tem a lembrança de um mistério”* (Priscila Arantes); *“eu não sabia o nome do meu pai... Chamava de tio... Demorei anos para saber que não sabia o nome deles... Como que eu sou filha deles e não sei o nome deles... Um absurdo”* (Janaina Telles). Buracos e brancos que envolvem a identidade e a estima que se enuncia pela pergunta *“Quem sou eu?”*, *“O que se passou comigo?”*, *“Quem são meus pais?”*.

O trauma assume a dimensão de catástrofe do social que envolve não somente a um sujeito senão a um grupo. É um desorganizador ou destruidor da ordem, da organização até ali operante que gera a impossibilidade de sentido de futuro. Impede a reflexão crítica. Obriga ao sujeito e ao coletivo um trabalho permanente de recuperar a historização que, como assinala Hanna Arendt, supõe datar, situar, circunscrever e forçar uma linguagem para situar cada mal-estar como um fenômeno histórico singular.

Dupla face do individual e do coletivo que no Clínicas do Testemunho se faz pela escuta analítica individual, e em grupo que, depois de muitas reflexões, denominamos de Grupo de Testemunho. Nesse contexto, a escuta não encapsula o sujeito como vítima que padeceu o horror, ou o familiar que “carrega” os efeitos do trauma vivido, mas mantém um espaço de reflexão aberto, que tanto dá lugar ao testemunho da experiência singular de cada paciente, como testemunha a impossibilidade de enunciação – de linguagem – que impõe um real,

um horror de intensidade ainda não representada, mas que implica em uma memória que torna uma cena imaginável, como nestas palavras:

O horror da tortura é indescritível [...] a brutalidade do que se passa a partir daí confunde um pouco a minha memória. Lembro como se fossem flashes, sem continuidade. [...] a tortura era dirigida para o aniquilamento. [...] o objetivo era, pouco a pouco, nos anular, como pessoas e como militantes [...]. Eles inventaram um método tão perverso em que aparentemente nós não reagíamos, como se fôssemos cúmplices de nossa dor. Isso durava horas ou noites, não sei bem [...] era um método de aniquilamento progressivo. E foi realmente o período em que eu mais me senti desestruturada, mais do que em toda a loucura dos primeiros dias porque você já sabe o que é a tortura, e ela parece que nunca terá fim [...] e eu tinha apenas 22 anos. Quarenta e três anos se passaram desses acontecimentos. Restaram pequenas cicatrizes no meu corpo, e essa história [...] reconstruí minha vida. Mas reconstruir não significa esquecer. Reconstruir significa saber conviver com esses fatos lutando para que não se repitam jamais.¹

Assim, concordamos com Bleichmar (2010) quando afirma que “o traumático não é produto direto de estímulo externo, senão que é produto da relação existente entre o impacto e o afluxo de excitação desencadeada” (p. 17). O trauma alude à interrupção de uma lógica psíquica, por uma situação que intensifica a quantidade de excitação psíquica. Poderíamos pensar em uma inundação que depois de transbordar o rio volta ao leito normal. Há, no entanto, um impasse. O decisivo é que a causa que faz transbordar, dismantelar psiquicamente o sujeito não se retira, permanece e se faz obstáculo à recomposição. Continua a produzir efeitos, como uma flecha onde parte penetra e a parte que está para fora continua a produzir efeitos. Produz efeitos em quem sofre e na geração seguinte, que ou silencia ou “vai atrás” de saber o que se passou sobre aquilo que ninguém fala.

O pai abraça a mim e à minha mãe e não lembro de mais nada... O silêncio toma conta de tudo (p. 15). Outro dia, minha irmã foi para o quarto do meu pai, entrou no guarda-roupa e ficou lá um tempão... Fui ver o que estava fazendo e ela respondeu: Estou cheirando as roupas dele [...] nunca poderei descrever e nem esquecer. Parece que ele está lá. Muitas vezes fizemos isso quando sentimos falta dele. Até aquele momento eu não sabia que sentia saudade [...]. (p. 35).

Meu aniversário passou. Fiz 10 anos enquanto meu pai estava na cadeia [...] um belo dia ele chegou. Veio de trem. Isto é tudo. E não quis perguntar mais nada sobre esse assunto, até hoje (p. 71).²

E a Maria Luiza levou 40 anos para perguntar e escrever sobre o que se passou, que seu pai não estava e não chegou no dia de seu aniversário.

As marcas de um trauma podem tomar caminhos distintos no sujeito: ou o transformam em um muçulmano (nas palavras de Levi para aqueles que se resignavam à morte, sem sequer ter o registro deste destino como traumático) ou

produzem um impacto na subjetividade ao modelo de um traço identitário que dá forma a um novo projeto, um novo sentido que se impõe ao futuro (militantes e/ou familiares que mesmo depois do trauma e sofrimento investem suas forças em novas causas). A escuta é fundamental, pois ao “falar o trauma” o horror ganha palavra, há reconhecimento de sua existência e pode dar conta de forjar um destino que não seja a morte (o suicídio) ou o silenciamento que continua a produzir efeitos. Não à toa os processos de reparação psíquica se instauram tanto tempo depois do fato acontecido.

Nessa perspectiva do tempo, Benjamin (SEDLMAYER; GINZBURG, 2012) introduz uma discussão sobre a palavra *Spur*, que se apresenta traduzida ora como “marca” ora como “vestígio”. Marcas são os registros que ficam à deriva do processo psíquico, porque são inscritos com violência. Ficam como marcas que não se “incorporam” ao sujeito. Não o identifica ou ele não as reconhece como suas. Já os vestígios assumem esta característica, pois guardam a impressão de quem os deixa, como uma impressão digital que identifica e é identificada por outro. Esse duplo sentido de marca e vestígio é importantíssimo para pensarmos o valor do testemunho, uma vez que, enquanto a experiência não se efetiva como vestígio, ela não é reconhecida como própria de quem a narra. As marcas que ficam como marcas são “espinhos cravados na carne”, na feliz expressão de Laplanche para falar do arcaico. Os vestígios estão como registros próprios do sujeito e, portanto, permitem identificações.

As vivências de desamparo, de desesperança, de insegurança, de indignação e de ódio surgidas por ser o sujeito objeto de situações arbitrárias, todas essas emoções requerem em primeiro lugar um continente que as receba. Requerem que, se as diferentes dimensões da subjetividade estejam mescladas, haja intervenções que as discriminem.

Entendemos que o trauma que liquida a experiência transmissível é possível de se transformar em experiência como fato compreensível, quando narrado, testemunhado para outro. A escuta analítica ouve o subjetivo, e não coloca a história ouvida em um tempo definido pelo presente, passado e futuro, como uma história já datada e organizada da memória. A escuta é a de uma mensagem que é enigmática e sexual (LAPLANCHE, 1989) porque comporta excitação que, se traduzida, se temporaliza.

Assim, é a subjetividade do testemunho que lhe dá validade, pela autenticidade da fala que transmite o sofrimento psíquico e a certeza de que há quem escute, lugar de alteridade. A escuta do sofrimento dá início a um processo de elaboração psíquica que se efetiva a partir da construção que não revela somente uma verdade histórica, “senão que entretetece, com o histórico vivencial, uma verdade verossímil que permite o domínio da compulsão de repetição [...] que abre-se à recomposição do histórico vivencial, em um processo elaborativo que permita novos modos de circulação entre os sistemas psíquicos [...] abre as possibilidades de passagem de uma psicanálise “extrativa” a uma psicanálise perlaborativa e simbolizante, aberta à simbolização” (BLEICHMAR, 1990, p. 246-247).

Falamos até aqui de várias formas de testemunho. Testemunho como os do

Clínicas do Testemunho, da Comissão da Verdade, testemunhos em espaços privados da escuta analítica, testemunhos escritos ou orais que inauguram a coletivização. Narrativas que se organizam e se estruturam para quem as realiza e para quem se dispõe a escutar, na construção de uma relação de confiança onde se cria a transferência.

Mas Primo Levi (1997) nos alerta de que o testemunho não pode representar tudo o que a experiência foi para o sujeito, há uma dimensão coletiva que recebe e repassa a experiência, além de buscar a verdade do dito. A narração funda uma temporalidade psíquica e social, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar e, se ouvida, produz um novo conhecimento que abre vias de criação, de vida. Assim se instaura outro tempo, pois novas ligações se articulam onde a narrativa é possível...

o cineasta [...] perseguia o discurso que chegava menos pronto, mais desarmado, a história que ainda não viera à luz [...] ele apostava sobretudo que, na experiência de contar, o sujeito que aceitava o diálogo construía, com o outro, algum sentido, mesmo que precário, provisório, cheio de falhas.³

A ORDEM DA VERDADE NA ESCUTA PSICANALÍTICA. O DITO NÃO DITO NO TESTEMUNHO E NO DEPOIMENTO

Todorov (2002) apresenta uma discussão de como se organizam os discursos para construir a memória: o da testemunha, o do historiador e o do comemorador. Vamos nos deter em especial no primeiro. Chamamos de testemunha ao indivíduo que “convoca suas lembranças para dar uma forma, portanto, um sentido à sua vida e construir assim uma identidade. Cada pessoa é testemunha de sua própria existência, cuja imagem ela constrói omitindo certos acontecimentos, retendo outros, deformando ou acomodando outros ainda” (p. 151). O autor afirma também que o contraste entre a testemunha que fala de sua própria vida e o historiador, que tem como objeto a reconstituição e a análise do passado, é que o primeiro está animado por seu interesse e o segundo, pela preocupação pela verdade.

Contudo, refere o autor que “a testemunha pode achar que suas lembranças merecem entrar para a esfera pública, pois seriam úteis à educação dos outros e não apenas à sua própria formação. Nesse momento, ele produz um ‘depoimento’, que vem concorrer com o discurso histórico, especialmente junto ao grande público” (p. 152). Refere-se então que o testemunho, que era memória individual, passa a ser “memória coletiva”, ressaltando que não é uma memória, mas um discurso que evolui no espaço público. “Esse discurso reflete a imagem que uma sociedade ou um grupo da sociedade querem dar de si mesmos” (p. 155).

É importante ressaltar que em nosso grupo de trabalho aparece a fala de que o trabalho continuado com as pessoas que testemunham suas experiências exerce uma “sensibilização” e “cura” para com a sua história e a história nacional, pois também produz um levantamento do recalcado, silenciado da época, mas produz a possibilidade de integração de suas próprias memórias na coletividade. A história oficial é contada pelos vencedores. A história subjetiva revela

as nuances do esquecido, do não contado, do recalcado que vem à tona para refazer e reescrever também a história dos historiadores e dos que comemoraram. São histórias distintas de uma História nacional a ser igualmente recomposta, como está ocorrendo em nosso país a partir da instauração das Comissões da Verdade e dos projetos de Justiça de Transição.

Habermas (in MEDINA, 2007, p. 13) afirma que é o contexto que traz a demanda de validade ao primeiro plano e torna claro o tipo de ato de fala com o qual estamos lidando, o que nos faz perguntar qual a ordem de verdade⁴ quando falamos de testemunho. Quando o sujeito que viveu um ato de violência é solicitado a falar de uma experiência que é da ordem do traumático para ele, podemos utilizar um critério de verdade (objetivo), deixando de lado o enigma que se instaura da vivência que é subjetiva, vale dizer, autêntica?

Buscamos, então, fazer uma distinção entre testemunho e depoimento, tal como encontramos uma diferença na escuta de um e de outro. Testemunhar, como referimos ao início, fala da experiência possível de ser colocada em palavra. É uma decisão privada e pessoal. Já o depoimento serve ao objetivo de criar provas, obter dados e extrair informações⁵ (CONTE, 2008). Mantemos como distinta a escuta da psicanálise e a escuta direito. O psicanalista ao escutar intervém, silencia, pontua, fala, constrói sentidos onde estes foram desfeitos e abre o caminho da tradução, (re)construção e perlaboração, diferindo de uma forma de escuta onde o objetivo é criar provas, obter dados, extrair informações.

Assim sendo, a demanda de validade em um depoimento, difere do testemunho, pois evidencia um paradoxo: quem fala precisa revelar e esconder. Revelar o solicitado quanto ao inquérito, a verdade objetiva, que é consciente e esconder o acontecido, como a vivência subjetiva de dor, ou vergonha ou de passivização. O discurso do depoimento é consciente e revela um hiato necessário entre o dito e o não dito. No testemunho este hiato também pode existir, mas o que é não dito, falhado, esquecido é da ordem do inconsciente e a escuta respeita o tempo do que não pode ser revelado – o não dito, ou dito aos pedaços, possibilitando ao ser falado e pontuado que haja a construção de um elo simbólico entre o fato e o registro do vivido, uma elaboração psíquica.

Este é o lugar da escuta e da presença do outro que, intervindo ou não na fala de quem testemunha, supõe uma dupla necessária para que algo novo se instale. O analista coloca-se como um substituto, um objeto para que o narcisismo até então investido no eu/corpo possa se dirigir para um novo objeto. A oportunidade de escuta transforma a dor em uma verdade psíquica e supõe, como vimos, um método de intervenção.

Foucault (1990, p. 60) assinala a característica do Direito que regulamentava os litígios entre os indivíduos, nas sociedades germânicas, como sendo um direito no qual o sistema do inquérito não existia, pois os litígios entre os indivíduos eram regulamentados pelo jogo das provas. O que caracterizava uma ação penal era sempre uma espécie de duelo, de oposição entre indivíduos, não havia intervenção de nenhum representante da autoridade.

Já no direito feudal, o litígio entre dois indivíduos era regulamentado pelo sistema da prova. As provas eram aceitas por ambos e os dois eram submetidos a elas. Esse sistema era uma maneira de provar não a verdade, mas a força, o peso, a importância de quem dizia. Quando um indivíduo era acusado de alguma coisa, devia responder a essa acusação com certo número de fórmulas, garantindo que não havia cometido um assassinato ou roubo. Ao pronunciar essas fórmulas, podia-se fracassar ou ter sucesso. Em alguns casos, pronunciava-se a prova e perdia-se o processo. Não por haver dito uma inverdade ou por se provar que havia mentido, mas por não ter pronunciado a fórmula como devia. Um erro de gramática, uma troca de palavras (ou ato falho) invalidava a fórmula e não a verdade do que se pretendia provar. A confirmação de que ao nível da prova só se tratava de um jogo verbal, é que, no caso de um menor, de uma mulher ou de um padre, o acusado podia ser substituído por outra pessoa. Essa outra pessoa, que mais tarde se tornaria na história do direito o advogado, era quem devia pronunciar as fórmulas no processo. Assim, Foucault nos convoca a problematizar de que a verdade está dada pela condição da fala, e não pela prova. A prova será objeto da justiça.

No entanto, Foucault, ao falar da fórmula, diz da fala como condição de corretamente expressar o jogo verbal. Os “erros” gramaticais ou a “troca” de palavras expressam exatamente as brechas que evidenciam o inconsciente. O dito e o não dito marca o recalque necessário para que o sujeito se dê a conhecer e mantenha desconhecido algo de si. Revela o paradoxo que se instala na diferença do testemunho e do depoimento, onde no primeiro há um dito e um não dito e no segundo, o dito se impõe como prova.

O não dito que nos ocupa enquanto psicanalistas toma duas versões: o que está “guardado” pela ação do recalque, e o que está como indiciático, com um rastro a ser desvelado. Nas palavras de Benjamin, “é um elemento fragmentário, residual que pode ser lido como uma cifra de uma trajetória que o ultrapassa – a história de um indivíduo, uma sociedade, um país. Para que um rastro tenha essa potencialidade, é necessário um observador, capaz de discernir entendimentos de linguagem, diferenciando o imediatismo da atitude reflexiva e distinguindo uma leitura unívoca, por uma lado, e uma interpretação de um texto caracterizada com um trabalho, uma reflexão, por outro” (SEDLMAYER; GINZBURG, 2012, p. 108). Aí se coloca a escuta, que torna pensável o impensável da violência, do horror. Faz possível a retranscrição do que foi rompido, através de uma tradução do que se fez enigma. Torna possível entrar na brecha que o inconsciente abre para que um *não dito* seja *dito*, mas que a escuta não invasiva também mantenha o que não pode ser dito. Sempre vai haver um real, um buraco desde onde se produz intensidade de excitações que constituem o traumático, não dito.

Diante do exposto, a verdade produzida no depoimento resulta em um conteúdo. A verdade, a partir da escuta de um testemunho, produz um trabalho psíquico, que não tem por objetivo a verdade, mas uma vivência subjetiva que necessita ser compreendida no contexto da singularidade. O estatuto de verdade a que nos referimos aqui não está emparelhado ao estatuto científico da

ciência, entendido como uma prerrogativa de poder e legalidade daqueles que detêm o saber, mas sim pela verdade que está dada pelas inscrições psíquicas do acontecimento de quem testemunha, em seu caráter singular de ser sujeito de sua história.

Se destacarmos o paradoxo do *dito e não dito* como um paradoxo necessário no testemunho e que o distingue do depoimento, vamos passar a considerar um segundo paradoxo que encontramos em *nossa* escuta da geração seguinte dos afetados pela violência de estado: *do quero manter e tenho que perder*.

DE UMA GERAÇÃO À OUTRA O EMBATE ENTRE A RECONSTRUÇÃO DO PERDIDO E A MELANCOLIZAÇÃO

Tomamos de *Luto e Melancolia* (FREUD, 1915/1990) a advertência de que é preciso reconhecer o que foi perdido para que haja o reconhecimento do desaparecimento do objeto e que somente quando houver um substituto narcísico do objeto perdido, é possível que outros objetos passem a ser investidos. Assim, o narcisismo investido no ego se dirige para um novo objeto, e a reconstrução, que consiste no reinvestimento em outro objeto – substituto – abre novas vias de trabalho psíquico não narcísico. Agregamos que mais um elemento se junte a esse processo de reconstrução: “de que o olhar atento ao que foi perdido pode lidar com esse desafio, de modo que a percepção daquilo que foi destruído se articule com a concepção do que é preciso construir” (SEDLMAYER; GINZBURG, 2012, p. 109).

Sustentamos que o processo de *melancolização* se faz recorrente nos familiares das gerações seguintes aos desaparecimentos forçados e mortes de militantes do regime ditatorial. O testemunho de Luis ocorreu depois da Conversa Pública⁶ de uma peça de teatro que conta a história de Rita Maurício e seus pais. Ele militante e ela, professora e artista plástica.

Hei de confessar o seguinte: tal como ocorria com o teatro grego antigo, Para sempre: poesia! Cumpriu para mim, uma função catártica. Sou grato a Rita por ter me ajudado a dar um enterro digno a meu pai e ter permitido que eu saísse daquele velório interminável. Velório das minhas lembranças e das minhas culpas. Hoje posso sair do cemitério, chorar e viver o luto. A despeito dos olhos desabituaados pela escuridão, posso já vislumbrar o sol. Certa vez disse Flaubert: Madame Bovary sou eu. Também posso dizer Rita Maurício sou eu.

Verificamos que o rastro dá lugar à história que traz à luz novamente a temporalidade, passagem de uma geração à outra, não como uma marca sem história, mas como uma representação temporalizada que adquire sentido e abre a via de uma substituição. A desapareção como borramento absoluto da realidade de um ser humano escapa às leis da Natureza e do humano. Nenhum corpo ou qualquer outra materialidade ou substância desaparece sem deixar rastro. A desapareção forçada é da ordem do horror e do aniquilamento. Trata-se da abolição do outro pela crueldade da onipotência humana. Só resta a crueldade que deixa o homem entre duas mortes: a morte pela privação da vida e a morte pela privação da morte. Nas palavras de uma filha que não conheceu seu pai “pior que a materialidade da morte é a imaterialidade da vida”.

Vera Paiva, filha do deputado federal Rubens Paiva, morto por tortura no Destacamento de Operações de Informações - DOI do I Exército do Rio de Janeiro no dia 21/22 de janeiro de 1971 e dado como desaparecido, buscou por anos pelo paradeiro do pai, até passado mais de 10 anos resolveu colocar uma participação de missa pela morte de seu pai⁷. Passou a buscar justiça que agora 43 anos depois veio sob a forma de denúncia do Ministério Público contra 5 militares e agentes da repressão pela prática de tortura, sequestro, morte e ocultação de cadáver. Pela primeira vez no Brasil há um pedido de denúncia e punição para responsáveis pelos crimes do regime ditatorial, abrindo precedente para que seja questionada a auto-anistia dos militares decretada pela Lei de Anistia de 1985.

Com a fala de Vera queremos ressaltar dois aspectos: a substituição necessária para que houvesse nova via de processo de luto e não a manutenção de um processo de melancolização, com sentimentos ambivalentes e de culpa que, muitas vezes, faz com que a vida das pessoas se torne um processo interminável de retraimento narcísico e de impossibilidade de transposição para novas vias de significação e de sentido, de um novo ideal.

Da morte, nas várias acepções possíveis que destacamos como pulsão de morte, de desistência à existência, do apagamento da memória, de silenciamento do vivido há o acesso à vida pela palavra, pelo testemunho que supõe que outro escute. Aí se encontram os desdobramentos da violência, reconfigurações do mal-estar da cultura que desafia a escuta do testemunho como potência da clínica psicanalítica. Emergir verdades que trazem à luz processos psíquicos de recomposição subjetiva, mas também coletiva e social nas vias substitutivas de assunção de novas memórias históricas e de processos de justiça. As Comissões da Verdade e projetos de reparação psíquica como o Clínicas do Testemunho, caminham alinhados na perspectiva da justiça de transição.

NOTAS

¹ Trechos do testemunho de Lúcia Murat na Comissão Nacional da Verdade, RJ. Maio de 2013.

² Trechos do relato de Maria Luiza Castilhos, em seu livro *Elvis, Che, Meu Pai e o Golpe de 64*.

³ Eduardo Veras assim escreveu quando da morte de Eduardo Coutinho, diretor do documentário *Edifício Master*, no artigo O homem que sabia falar. Jornal *Zero Hora*, dia 8 de fevereiro de 2014.

⁴ Habermas afirma que os atos de fala são demandas de validade de três ordens: a autenticidade (correção subjetiva), verdade (correção objetiva) e a certeza (correção intersubjetiva).

⁵ Trabalhamos este tema em função de uma prática denominada Depoimento sem Dano.

⁶ Conversas Públicas são encontros abertos que, a partir de filmes, peças de teatro e temas que envolvem a memória, o transgeracional, abrem o espaço para o testemunho e a discussão do contexto histórico da ditadura civil-militar no Brasil.

⁷ Documentário de Peu Robles e Paula Sachetta (2013), chamado *Verdade 12.528* em referência a lei que instituiu a Comissão Nacional da Verdade em 2011, no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, S. La construcción de la verdad em análisis. **Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados**, Buenos Aires, n. 16, 1990.
- _____. **Psicoanálisis extramuros**: puesta a prueba frente a lo traumático. Buenos Aires: Editorial Entreideas, 2010.
- CASTILHOS, M. L. **Elvis, Che, Meu Pai e o Golpe de 64**. Porto Alegre: Libretos, 2008.
- CONTE, B. Depoimento sem dano: a escuta da psicanálise ou a escuta do direito? **Revista Psico**, Porto Alegre. v. 39, n. 2, p. 219-223, abr./jun. 2008.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.
- FREUD, S. Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. Trad. de J. Etcheverry. In: STRACHEY, J. (org.). **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 17, p. 275-301. (Obra originalmente publicada em 1915).
- _____. Introducción del narcisismo. Trad. de J. Etcheverry. In: STRACHEY, J. (org.). **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 14, p. 65-98. (Obra originalmente publicada em 1914).
- _____. Duelo y melancolia. Trad. de J. Etcheverry. In: STRACHEY, J. (org.). **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 14, p. 235-256. (Obra originalmente publicada em 1917[1915]).
- _____. Fragmentos de la correspondencia com Fliess. Trad. de J. Etcheverry. In: STRACHEY, J. (org.). **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 1, carta 52, p. 274-280. (Obra originalmente publicada em 1950[1892-99]).
- _____. Proyecto de psicología. Trad. de J. Etcheverry. In: STRACHEY, J. (org.). **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 1, p. 323-336. (Obra originalmente publicada em 1950[1895]).
- FREUD, S.; BREUER, J. Estudos sobre a histeria. Trad. de J. Etcheverry. In: STRACHEY, J. (org.). **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990. v. 2, p. 274. (Obra originalmente publicada em 1895).
- LAPLANCHE, J. **Nuevos fundamentos para el psicoanálisis**. La seducción originaria. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.
- LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. (2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MEDINA, J. **Linguagem**. Conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SARLO, B. **Tempo passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SEDLMAYER, S.; GINZBURG, J. **Walter Benjamin**. Rastro, aura e história. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- TODOROV, T. **Memória do mal, tentação do bem**. São Paulo: Arx, 2002.

FREUD, 1914: O ANO QUE NÃO TERMINOU

FREUD, 1914: THE YEAR THAT HAS NEVER ENDED

Daniel Kupermann¹*

Resumo: O ano de 1914 foi caracterizado por uma verdadeira reviravolta no pensamento freudiano, que repercute no campo psicanalítico até os nossos dias. Em termos metapsicológicos, assistimos a formalização do conceito de narcisismo, bem como suas implicações para a teoria da libido; no que concerne à clínica, Freud se deparou com os impasses do caso que, posteriormente, ficou conhecido como Homem dos Lobos, e experimentou dispositivos inéditos em sua prática psicoterapêutica; finalmente, a formulação do conceito de elaboração (*Durcharbeitung*), que aponta uma direção para o tratamento dos quadros de sofrimento narcísico, transformou inelutavelmente nossa concepção do que é a clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Narcisismo. Clínica Psicanalítica. Elaboração. Sublimação. Homem dos Lobos.

*Abstract: The year of 1914 was characterized by a real turning point in Freud's thought, which affects the psychoanalytic field to this day. Considering metapsychology, we witnessed the formalization of the concept of narcissism as well as its implications for the theory of libido. Regarding the clinical field, Freud discovered impasses with the case that later became known as the Wolf Man and experienced unprecedented devices in his psychotherapeutic practice. Finally, the formulation of the concept of Working-through (*Durcharbeitung*), which points a direction for the treatment of the narcissistic disorders, transformed our conception of psychoanalytical clinic.*

Keywords: Narcissism. Psychoanalytical Clinic. Working-through. Sublimation. The Wolf-Man.

¹Psicanalista, professor doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Email: dkupermann@usp.br

* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

A redação de “À guisa de introdução ao narcisismo” foi o disparador de questões decisivas e ainda inacabadas que atordoaram o campo psicanalítico em 1914. Neste ano, Freud (1914/2004) promove uma verdadeira reviravolta em sua teorização: no que concerne à metapsicologia, a formalização do conceito de narcisismo e suas implicações para a teoria da libido; em relação aos impasses e aos dispositivos da prática clínica, as surpresas no manejo do caso que, posteriormente, ficou conhecido como o Homem dos Lobos (Freud, 1918[1914]/1980f); finalmente, sua inovadora concepção do que é o psicanalisar, a partir da publicação de “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 1914/1980d).

Pretendemos, nas linhas que se seguem, percorrer essas guinadas no pen-

samento psicanalítico privilegiando as três principais obras de Freud que nos auxiliam a compreendê-las: “À guisa de introdução ao narcisismo”; “História de uma neurose infantil” (publicada posteriormente) e “Recordar, repetir e elaborar”. Convém, ainda, ressaltar que no mesmo ano de 1914, Freud (1914/1980e) publicou também “A história do movimento psicanalítico”, que opera como libelo aglutinador do campo psicanalítico justamente no contexto do abalo provocado pelas torções sofridas pelo texto freudiano. Quando as ondas ameaçam naufragar o navio que, até então, singrava inabalável os mares, importa grifar quem sabe o que é a psicanálise, bem como quem é ou não psicanalista.¹ No entanto, se a psicanálise é, efetivamente, a “sua” criação, como reafirma Freud (1914/1980e, p.16), isso não implica que a criatura não possa surpreender seu próprio criador.

E QUANDO O REI ESTÁ NU?

Há algo em comum entre certos analisandos, considerados “difíceis”, e as personagens que, segundo Freud, nos fascinam pelo seu narcisismo exacerbado e aparentemente inabalável - a bela mulher, a criança, os gatos, os grandes felinos e os grandes criminosos, os humoristas. Justamente, a sua “inacessibilidade” (FREUD, 1914/2004, p. 108). No entanto, se as figuras autossuficientes evocadas por Freud como detentoras de “coerência narcísica” suscitam nossa inveja, os analisandos inabordáveis impõem-se como o pano de fundo da sistematização da teoria do narcisismo, e como o maior desafio à clínica psicanalítica.

Foi a tentativa de compreender as manifestações psicóticas que, na confissão de Freud (1914/2004, p.97), o conduziu a formular a ideia de um “narcisismo primário e normal” no desenvolvimento da libido. É a partir da unidade egóica suscitada pelo narcisismo primário que se podem constituir os investimentos objetais que, por sua vez, pressupõem a transposição da libido do Eu em libido de objeto. No entanto, nos primórdios do processo de subjetivação as pulsões encontram satisfação no autoerotismo, e Freud (1914/2004, p.110) postula a necessidade de uma “nova ação psíquica” para que se constitua o narcisismo, capital da libido. Por uma espécie de transmissão transgeracional, o investimento idealizado dos pais sobre o bebê, que tem a função de resgatar a onipotência já esmaecida dos primeiros, é o responsável pela emergência da entidade que, agora, concentra em si todos os privilégios diante das forças que constrangeram o narcisismo parental, bem como todos os signos da perfeição perdida: “*His majesty, the baby*” (FREUD, 1914/2004, p.110).

No entanto, frente às vicissitudes sofridas pelas relações com os objetos, o sujeito pode retirar sua libido do mundo externo voltando-a ao Eu, caracterizando o que Freud nomeia de “narcisismo secundário”. Esse movimento de refluxo da libido é necessário, em primeiro lugar, para que o sujeito se recupere das feridas sofridas no encontro com a realidade insatisfatória; além disso, para que possa, a partir da redescritção de si promovida pelo reinvestimento da libido no Eu, promover uma “tentativa de cura” que busca a criação de novos objetos de investimento (FREUD, 1914/2004, p.98). O risco inerente a esse movimento

alternante entre libido do Eu e libido de objeto é o da estagnação patológica por meio da inflação do narcisismo secundário, comprometendo o processo de recriação de si e de encontro de novos objetos de satisfação libidinal; justamente o que ocorre nos quadros clínicos descritos por Freud: tanto nas neuroses narcísicas (esquizofrenia/parafrenia e paranóia) como, também, nas neuroses de transferência (histeria, neurose obsessiva e fobias), nas quais há uma hipertrofia do investimento nas fantasias e uma consequente perda da realidade (FREUD, 1914/2004; 1924/1980i).

O ponto de vista econômico adotado por Freud o permite, ainda, abordar a delicada questão acerca de o que faria alguém abandonar a cômoda posição narcísica voltando seu interesse do Eu para o mundo externo. Sua resposta indica que, para além de determinado *quantum* de excitação, o “egoísmo” protetor torna-se iatrogênico. É preciso amar para não adoecer.² Porém, amar, do ponto de vista da teoria do narcisismo, coincide com criar, como se encontra nos versos de Heine citados por Freud (FREUD, 1914/2004, p.106): “e criando pude ficar são, / e criar foi o que me salvou”. Mas, claro, há diferentes maneiras de amar, assim como distintas modalidades de escolha de objeto.

Se, como já afirmara Ferenczi (1913/1992a), o psiquismo não abre mão da sua onipotência originária (matriz do princípio de prazer) no percurso em direção ao sentido de realidade, uma derivação da montagem narcísica é a ereção, a partir do paradigma da perfeição e da completude experimentados no momento de constituição do narcisismo primário, do ideal-de-Eu, por meio do qual o sujeito pode ambicionar recuperar o narcisismo perdido da infância. É, assim, por meio da projeção de um ideal-de-Eu, resultante das identificações com as figuras cuidadoras, que se pode promover um adiamento da satisfação pulsional e o investimento em realizações socialmente aceitas e valorizadas, por meio do processo nomeado “sublimação”, que contribui para o enriquecimento subjetivo e para o advento da singularidade desejante. No entanto, o ideal-de-Eu pode, também, ser o objeto da “idealização”, provocando o empobrecimento egóico e o constrangimento da vertente criativa da subjetividade (FREUD, 1914/2004). Serão as escolhas amorosas – seja a do “tipo narcísico”, seja a por “veiculação sustentada” (FREUD, 1914/2004, p.109-110) – bem como as modalidades identificatórias a elas associadas, que definirão um caminho ou outro.

A identificação narcísica, promotora do engrandecimento e da exaltação do objeto, sugere uma fragilidade na constituição do narcisismo primário supercompensada pela tentativa regressiva de restauração, no ideal-de-Eu, da onipotência e da perfeição reaseguradoras próprias do narcisismo originário. A identificação edípica, por seu turno, permite um investimento libidinal no ideal-de-Eu que favorece uma saída criativa para o cumprimento das exigências que recaem sobre o Eu mantendo, ao mesmo tempo, uma parcela importante de independência para o sujeito, ou seja, sem caracterizar uma modalidade defensiva.

Nesse sentido, poder-se-ia considerar que, do ponto de vista da metapsicologia do narcisismo, o desafio imposto à clínica psicanalítica seria o

de contribuir para a transformação das identificações narcísicas – paralisantes do movimento psíquico dos analisandos – em “identificações sublimatórias”, favorecendo os processos criativos (KUPERMANN, 2003, cap. 3). Chega-se, assim, à evidência de que as escolhas amorosas e identificatórias promovidas pelo analisando se atualiza na transferência sendo, efetivamente no plano transferencial que a “batalha” terá que ser travada (FREUD, 1912/1980b).

A introdução ao narcisismo efetuada por Freud em 1914 implica, portanto, uma nova percepção dos problemas com os quais o psicanalista precisa lidar, considerando um alargamento do campo da clínica psicanalítica no sentido de acolher quadros de sofrimento psíquico referidos à fragilidade na constituição narcísica. Como na parábola de Hans Christian Andersen, às vezes é preciso reconhecer quando sua majestade, o rei, está nu.

A MALDIÇÃO EGÍPCIA

Na introdução do seu relato da análise de Serguéi Constantinovitch Pakejeff, que ficou conhecido como o Homem dos Lobos, Freud (1918[1914]/1980f, p.17) afirma tratar-se de uma “severa neurose obsessiva”, reconhecendo a gravidade do caso. Ainda no primeiro capítulo da sua exposição, observa que o tratamento de Serguéi, iniciado em 1910, encontrou “dificuldades especiais” que conduziram à análise a um impasse aparentemente intransponível (FREUD, 1918[1914]/1980f). Em sua descrição, o analisando mantinha-se “entrincheirado, inatacável, detrás de uma postura de dócil indiferença” (ibid., p.18). Temendo que o processo analítico se perpetuasse infinitamente Freud adotou, no início de 1914, um dispositivo clínico até então inédito no campo psicanalítico: estipulou um prazo para o término do tratamento – o final do ano corrente.

O efeito assim produzido foi surpreendente. Sob a pressão imposta pelo emprego da “técnica ativa” (FREUD, 1919/2010), assistiu-se a emergência do material recalcado necessário para a elucidação do caso, com uma prontidão e uma vivacidade apenas comparável à “hipnose” (FREUD, 1918[1914]/1980f, p. 19). Só então o Homem dos Lobos relatou o célebre sonho dos lobos sentados nos galhos da noqueira, responsável pelo seu codinome psicanalítico, e pelo desfecho do caso. Paralelamente, com a deflagração da primeira guerra, em julho de 1914, Serguéi se viu obrigado a retonar a sua Rússia natal, interrompendo um tratamento de outra parte considerado terminado por seu analista.

Percebe-se, desde a constatação, por parte de Freud, das dificuldades inerentes ao caso, que a análise de Serguéi colocava problemas em relação às possibilidades do seu término. De fato, em depoimento escrito no início dos anos 1950, Serguéi relata um detalhe curioso acerca do modo como Freud analisava e, sobretudo, esclarecedor do curso do seu próprio tratamento. Freud solicitava aos analisandos “embaraçados” com a transferência que lhe dessem um presente ao final da análise, acreditando que esse gesto os ajudaria a se livrarem dos excessivos “sentimentos de gratidão” e da “dependência” do analista (PANKEJEFF, 1981, p.168). Dessa maneira, antes de partir, Serguéi deu a Freud uma estatueta de uma figura egípcia feminina.

A continuação da história é conhecida: após a guerra Serguéi retorna a Viena e procura novamente Freud para algumas sessões, dessa vez para resolver aspectos transferenciais não analisados (FREUD, 1937/1980j). Em função da revolução bolchevique, sua família perdera todo o patrimônio e sua situação material ficara bastante precária, o que levou Freud a angariar fundos, através de uma coleta anual entre seus colegas psicanalistas, para a subsistência deste analisando que “trouxera uma contribuição tão bela à teoria da análise” (Brunswick, 1928/1981, p.271). Algum tempo depois seu quadro psíquico se agravou, e Freud o encaminhou para Ruth Mack Brunswick, com quem se analisou por alguns meses entre 1926 e 1927. Duas considerações de Brunswick acerca do caso merecem atenção: o diagnóstico, e a avaliação acerca dos restos transferenciais deixados pelo tratamento realizado com Freud.

Segundo Brunswick (1928/1981, p.302), o Homem dos Lobos, em sua segunda análise, apresentava um quadro de “paranoia de forma hipocondríaca”. De fato, Serguéi relatava um intenso sofrimento decorrente do recrudescimento de uma ferida causada por uma espinha em seu nariz, bem como da perseguição que acreditava sofrer por parte dos médicos que o tratavam. Além disso, a figura do seu ex-analista, Freud, mantinha-se presente não apenas em sonhos mas, também, como fonte de sustento financeiro de Serguéi. Um tema importante da análise com Brunswick recaiu sobre a omissão de uma informação a ser dada a Freud sobre algumas jóias herdadas por Serguéi, pelo receio da suspensão da sua mesada anual.

A primeira hipótese que se poderia tecer é a de que houve erro diagnóstico. Afinal, onde Freud postulara uma neurose obsessiva, Brunswick reconhecera, anos depois, um quadro psicótico. Outra possibilidade, prenhe de consequências para a compreensão psicopatológica, seria reconhecer no Homem dos Lobos o primeiro caso limite, ou *borderline*, celebrado pela literatura psicanalítica. Uma última consideração, que não exatamente exclui as anteriores, é a de que a paranoia manifestada por Serguéi em sua análise com Brunswick teria sido produzida pelo desfecho de seu tratamento com Freud; mais especificamente, apresentar-se-ia como o efeito rebote da técnica ativa empregada que, por meio de uma ameaça de abandono, precipitara a veia investigativa de sua análise, relegando a dimensão elaboradora dos afetos em jogo no seu sofrimento para o segundo plano.

Efetivamente, uma reflexão formulada por Ruth Brunswick acerca do seu analisando vem apoiar esta última suposição. “Nós podemos, enquanto analistas, estar de plena posse dos fatos biográficos da doença”, escreve Brunswick (1928/1981, p.309), “mas não podemos saber em que medida o doente precisa ‘retrabalhar’ (*Durcharbeiten*) seu material para poder curar-se”. Ou seja, uma coisa é o levantamento do material recalcado ou, mesmo, a construção de contingências biográficas experimentadas pelo analisando; outra o trabalho árduo, lento e paciente sobre as vivências potencialmente traumáticas sofridas. Uma clivagem abrupta dessas dimensões irreduzivelmente entremeadas da experiência de cuidado, privilegiando os avanços teóricos em detrimento das conquistas afetivas dos analisandos, arrisca promover efeitos iatrogênicos. De fato, tudo

indica que o imperativo de saber imposto pela técnica ativa empregada por Freud teve sucesso em debelar as resistências de Serguéi e em revelar material suficiente para a compreensão metapsicológica da sua neurose conservando, no entanto – e justamente em função do dispositivo intrusivo empregado –, o núcleo traumático atualizado, posteriormente, na forma da paranoia.³

Em suas memórias, Serguéi relata que, vinte anos depois de concluída sua análise viu uma fotografia de Freud em seu consultório, na qual reconheceu o que chamou de a “sua” egípcia. No mesmo momento do relato, recorda-se que Freud, por sua vez, o havia chamado, em certa ocasião, de “uma parte da psicanálise” (PANKEJEFF, 1981, p.169), como se a estatueta com a qual presenteara seu analista representasse sua própria posição perante Freud e, mesmo, frente ao campo psicanalítico em sentido ampliado. Uma autêntica maldição parece ter se abatido sobre o Homem dos Lobos que, ao invés de sentir-se liberado da dívida de gratidão com seu analista, mostrava-se incapaz de profanar o lugar interdito reservado ao pai.

O analisando que, segundo Freud (1918[1914]/1980f, p. 19), tinha “receio de uma existência autônoma”, não teve sucesso em libertar-se de sua obstinada “fixação ao pai” (BRUNSWICK, 1928/1981, p.309), colocando Freud na posição de substituto paterno do qual nunca pode se destacar. Ainda que esse seja o movimento esperado pela própria instauração da transferência, convém perguntar de que maneira o analista pode contribuir para a desidealização necessária ou, ao contrário, para a cristalização de uma dissimetria perpetuadora da dependência da parte do analisando. A história da psicanálise é, inclusive, prenhe de exemplos nos quais o manejo da transferência teve o destino funesto da sedimentação de uma relação sadomasoquista entre os parceiros da experiência psicanalítica (KUPERMANN, 2014; ROUSTANG, 1976). Com analisandos que apresentam uma precária constituição narcísica, qualquer movimento invasivo do psicanalista tende a tornar o tratamento iatrogênico, caracterizando-o como uma reedição das experiências traumáticas vividas pelo analisando nos momentos decisivos da sua constituição subjetiva.

Tudo indica que no caso do Homem dos Lobos, o presente dado a Freud, ao contrário de contribuir para o seu final de análise, tornou-se símbolo de uma posição masoquista adotada como supercompensação narcísica, por meio da qual o sujeito encontra reassseguramento frente ao abandono traumático, oferecendo-se como objeto para o gozo de um Outro idealizado.

A VIA SENSÍVEL DA ELABORAÇÃO

No verão de 1914, ou seja, justo após a interrupção da análise de Pankejeff, Freud se dedica à redação de um ensaio clínico primoroso, que contradiz, praticamente termo a termo, o dispositivo empregado naquele tratamento. A estrutura argumentativa reproduz o estilo de outros escritos que aportam rupturas em relação ao estado da arte da psicanálise. Desse modo, em “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (1914/1980d) reitera que o objetivo principal da análise continua sendo a recordação das lembranças recalçadas; porém, introduz dois novos conceitos determinantes, desde então, para a concepção do que é a clínica psicana-

lítica: a compulsão à repetição (*Wiederholen*) e a elaboração (*Durcharbeitung*).

Decerto a insistência da compulsão à repetição nas análises está intimamente vinculada aos esforços de elaboração de núcleos traumáticos não simbolizados, sendo que ambos se impõem exatamente no contexto no qual a clínica psicanalítica passa a ser frequentada por pacientes de difícil manejo terapêutico, ou seja, por neuroses graves como a apresentada pelo Homem dos Lobos.⁴

Nos dois últimos parágrafos do ensaio, voltados especificamente ao processo da elaboração, Freud se dedica às análises que, aos olhos dos terapeutas inexperientes, aparentam não evoluir, estagnadas nas resistências dos analisandos. Nesses casos somos alertados para o fato de que é preciso que o psicanalista exercite sua “paciência” com o “tempo” e o ritmo próprios ao analisando para que o tratamento possa, justamente por meio do trabalho *na* resistência, produzir seus resultados mais importantes. Lemos em Freud: “Esta elaboração das resistências (...) trata-se da parte do trabalho que efetua as maiores mudanças e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão” (FREUD, 1914/1980d, p.203).

Não surpreende o retorno do fantasma da sugestão justamente no contexto do emprego da técnica ativa. Afinal, o tratamento do Homem dos Lobos foi considerado estagnado por Freud, o que o motivou a estabelecer um prazo para o seu término, forçando, evidentemente, o tempo e o ritmo do analisando de acordo com as expectativas (e a pressa) do analista. E o efeito assim alcançado foi o de uma lucidez aproximada daquela provocada pelo emprego da hipnose. Lucidez referida, evidentemente, à emergência do material recalcado, ou seja, à primeira das vertentes da clínica psicanalítica, a recordação.

Por outro lado, Freud (1914/1980d, p.203) aproxima as vertentes da repetição e, sobretudo, da elaboração, da “ab-reação das cotas de afeto estranguladas pela repressão – uma ab-reação sem a qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz”. Percebe-se, assim, uma clara contraposição entre a concepção clínica apresentada nesse momento e a sua própria condução do caso do Homem dos Lobos; mais importante, assiste-se, ainda, a um resgate – a partir do que se pode imaginar como uma intuição de Freud acerca do fracasso do tratamento de Serguéi – da afetividade na relação entre analista e analisando.

O sintoma atualizado pelo Homem dos Lobos na transferência é paradigmático das dificuldades de manejo encontradas na clínica com os casos-limite. Sua “dócil indiferença” se impõe como o índice da anestesia por meio da qual o sujeito se protege do excesso promovido pelo abandono traumático. Como demonstrou pouco tempo depois Sándor Ferenczi (1931/1992b), a defesa privilegiada pelas subjetividades fragilizadas narcisicamente é a “identificação ao agressor”, promotora de uma clivagem entre uma parte sensível brutalmente atingida e outra, constituída por idealizações cristalizadas, que “sabe tudo mas nada sente” (FERENCZI, 1931/1992b, p.77). Dessa maneira, a emergência das patologias narcísicas, hiperadaptadas às exigências ambientais, obrigou o campo psicanalítico a reconsiderar a importância da sublimação favorecendo, frente à alienação apresentada pelos analisandos, o movimento criativo do aparelho psíquico.

Sabe-se que, em um primeiro momento, Freud (1908/1980a) considerou a sublimação uma alternativa encontrada por alguns poucos eleitos frente aos imperativos da socialização. Nesse sentido, era evidente que a sublimação não despontaria no horizonte dos objetivos do tratamento psicanalítico, uma vez que o mesmo constrangimento sofrido pelo corpo pulsional do sujeito, que incitaria a sublimação, para outros promoveria a neurose e, mesmo, a perversão (FREUD, 1912/1980c). No entanto, a inautenticidade e a aderência da libido apresentadas por alguns analisandos, características da identificação narcísica e das idealizações irremovíveis, indicou a Freud que o pior que pode acontecer à dinâmica psíquica é o represamento da libido no narcisismo secundário mortífero. Afinal, como já indicado em “À guisa de introdução ao narcisismo”, é preciso amar para não adoecer, criar para manter-se são (FREUD, 1914/2004).

Com a formulação do conceito de pulsão de morte e da segunda tópica do aparelho psíquico (FREUD, 1920/1980g; 1923/1980h), a dimensão mortífera do narcisismo secundário ganharia consistência teórica. Na nova trama metapsicológica tecida por Freud, apreende-se que o desinvestimento da libido de objeto em favor da libido do Eu vem acompanhado de uma arriscada desfusão pulsional. Assim, a presença de uma “cultura pura” da pulsão de morte no psiquismo, uma vez não sublimada – ou seja, não empregada novamente no movimento de criação de novos objetos de satisfação libidinal –, tende a incrementar o potencial opressor do supereu, tornando o sujeito cada vez mais subjugado pela tirania dos objetos incorporados e dos ideais veiculados socialmente (FREUD, 1923/1980h, p.69).

Freud tinha razão: a partir dos desafios suscitados pelos casos nos quais há um evidente comprometimento narcísico, é preciso voltar a se perguntar o que é a psicanálise e quem é o psicanalista. No entanto, ao contrário do encaminhamento dado a partir da publicação de “A História do movimento psicanalítico” (FREUD, 1914/1980e), a resposta não seria encontrada no processo de institucionalização do movimento psicanalítico, caracterizado pela excomunhão das vozes dissonantes e pela padronização da formação psicanalítica efetuada na década seguinte (KUPERMANN, 2014).

Os quadros de sofrimento narcísico exigem daquele que oferece sua escuta como testemunha do sofrimento do outro a disponibilidade empática capaz de evocar os afetos de vitalidade, responsáveis pelos movimentos expansivos do analisando. Apenas dessa maneira seria possível vencer as barreiras promovidas pela casca protetora constituída pela inflação do narcisismo secundário e despertar o núcleo sensível do sujeito, tornando a experiência analítica uma autêntica prática de cuidado.

NOTAS

¹ *Fluctuat Nec mergitur* (“as ondas o abalam, mas não o afundam”), como encontrado no brasão da cidade de Paris, é o lema utilizado por Freud (1914/1980e, p.16) como epígrafe de “A história do movimento psicanalítico”.

² Ver, a esse respeito, a concepção de Sándor Ferenczi (1913/2011) da “exuberância” oriunda do campo pulsional como força motriz para a expansão psíquica e a introjeção de objetos.

CONVIDADO

³ Talvez a característica mais inequívoca da paranoia seja, justamente, o excesso interpretativo (Laplanche & Pontalis, 1983, p.425).

⁴ Ver também, a esse respeito, “Caminhos da terapia psicanalítica” (Freud, 1919/2010).

REFERÊNCIAS

BRUNSWICK, R. M. Supplément à l' « l'extrait de l'histoire d'une névrose infantile » de Freud. In Gardiner, M. (org.). **L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même**. Paris: Gallimard, 1981[1928], p. 268-316.

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi, **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a[1913], p. 77-108.

_____. Análises de crianças com adultos. In S. Ferenczi, **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b[1931], p.69-84.

_____. O simbolismo dos olhos. In S. Ferenczi, **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1913], p. 63-66.

FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980a[1908], v. 9, p. 187-212.

_____. A dinâmica da transferência. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980b[1912], v. 12, p. 133-143.

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** Rio de Janeiro: Imago, 1980c[1912], v. 12, p. 149-159.

_____. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980d[1914], v. 12, p. 193-207.

_____. A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980e[1914], v. 14, p. 16-82.

_____. História de uma neurose infantil. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980f[1914], v. 17, p. 19-152.

_____. Além do princípio de prazer. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980g[1920], v. 18, p. 19-152.

_____. O ego e o id. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980h[1923], v. 19, p. 23-83.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980i[1924], v. 19, p. 229-238.

_____. Análise terminável e interminável. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980j[1937], v. 23, p. 239-288.

_____. À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, **Obras psicológicas de Sigmund Freud 1. Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004[1914], v. 1 p. 95-132.

_____. Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010[1919], v.14, p.279-292.

GARDINER, M. (org.). **L'Homme aux Loups par ses psychanalystes et par lui-même**. Paris: Gallimard, 1981.

KUPERMANN, D. **Ousar rir. Humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições**. São Paulo: Escuta, 2014, 2ª Ed. Revisada.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1983, 7ª Ed.

PANKEJEFF, S. C. Mes souvenirs sur Sigmund Freud. In Gardiner, M. (org.). **L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même**. (L. Weibel, trad.). Paris : Gallimard, 1981, p. 153-171.

ROUSTANG, F. **Um destino tão funesto**. (J. Bastos, trad.). Rio de Janeiro: Timbre-Taurus, 1976.

ENTREVISTA COM SISSI VIGIL CASTIEL¹

AN INTERVIEW WITH SISSI VIGIL CASTIEL

NOS REGISTROS DO CENTENÁRIO DO TEXTO INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914) E DAS COMEMORAÇÕES AOS 25 ANOS DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA, OBSERVA-SE IMPORTANTES EFEITOS TANTO QUANTO A PSICANÁLISE NO TEMPO, COMO AO TEMPO DA PSICANÁLISE, À MEDIDA QUE OCUPA UM LUGAR DUPLO: A SRA. É UMA PSICANALISTA COM PRODUÇÃO TEÓRICA RECONHECIDA E, TAMBÉM, UMA PSICANALISTA NA PRESIDÊNCIA DA SIG. QUAIS SÃO AS SUAS REFLEXÕES SOBRE ESTES “TEMPOS”?

A psicanálise foi construída desde as inquietações clínicas produzidas pelo tratamento da histeria e da neurose. Freud se ocupou de demonstrar que na neurose havia uma etiologia sexual e, a partir daí, constrói o conceito de inconsciente que vem a ser o objeto teórico da psicanálise. Então, a forma como este se manifesta na neurose (sua ligação com a sexualidade) e o modelo clínico para o tratamento da neurose são as formulações que se colocaram primeiro na psicanálise.

A partir disso, Freud faz um modelo de aparelho psíquico através da primeira tópica e da primeira dualidade pulsional. Tanto sua concepção do funcionamento psíquico como o entendimento da neurose, além do modelo clínico estão ancorados no conceito de inconsciente e na oposição entre a satisfação e não satisfação dos impulsos sexuais, o que leva ao modelo clínico baseado na associação livre, transferência e resistência.

No entanto, a partir de 1910, com a análise do livro escrito por Schreber, Freud começa a se ocupar do entendimento das psicoses e conceitua o narcisismo, que será definido mais completamente no artigo de 1914. O narcisismo, juntamente com a segunda dualidade pulsional e a segunda tópica, possibilitam o questionamento de outros quadros diferentes da neurose. Esse segundo modelo freudiano está ancorado no conceito de pulsão, de narcisismo e pulsão de morte.

Ainda que esse modelo esteja em Freud, ele não foi completamente desenvolvido e restavam questões a serem elucidadas nas patologias graves e nas psicoses. A evolução posterior da psicanálise como disciplina teve a ver com novas vozes que se manifestaram no campo psicanalítico, principalmente a respeito dessas patologias. Assim, a partir da década de 1920 surgiram diferentes escolas no campo psicanalítico com Melanie Klein, a psicologia do ego, Lacan e Winnicott, que contribuíram em muitos aspectos, inclusive com o que possibilitou a maior difusão da psicanálise como teoria e técnica. Ainda que todas as escolas de psicanálise partam de pressupostos freudianos, todas elas solucionaram questões teóricas e técnicas de formas diversas entre si e em relação a Freud. Essas dissonâncias teórico-técnicas foram motivo de afastamento entre as escolas.

Ao longo do tempo foram diminuindo as barreiras, de forma que atualmente há mais circulação de ideias entre os psicanalistas. Dentro desse contexto,

¹Psicanalista. Presidente da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

surgiram psicanalistas que trabalharam muitas questões em psicanálise, construindo uma obra considerável, mas que não deram origem a escolas, para citar alguns: Piera Aulagnier, Joyce McDougall, Jean Laplanche, André Green. Suas contribuições tornaram-se referência para o trabalho teórico-clínico e marcam a época atual em psicanálise.

No entanto, nosso tempo também é marcado por outras questões: as mudanças sociais, culturais e econômicas, que colocaram em evidência o incremento da violência, o individualismo e a perda de profundidade da dimensão existencial, em um mundo cada vez mais tecnológico e imediatista. Além disso, configurações psicopatológicas distintas da neurose centradas em problemáticas narcísicas passaram a constituir a demanda grande parte da demanda por análise. Por outro lado, o desenvolvimento de outras disciplinas que apresentaram modalidades terapêuticas diversas.

Todas essas transformações causaram mudanças também na mentalidade dos sujeitos com relação à história, e estes foram se tornando cada vez mais indiferentes a ela, porque esta revelou-se inútil para eles. A morte da história tornou-se uma grande questão para os historiadores, mas também para os psicanalistas. Ficou questionado pela cultura o lugar da psicanálise como modalidade teórica e terapêutica. Se os sujeitos não tinham interesse pelo passado é como se também não tivessem interesse por seu passado. Queriam respostas muito mais imediatas.

Paradoxalmente, essa atitude com relação à história também teve suas consequências sobre a própria psicanálise, pois, relativizar o passado, libera a imaginação e possibilita a criação. Isso significa que, no nosso tempo, a responsabilidade pelo desenvolvimento teórico que a prática impõe precisa ser dividida entre os psicanalistas contemporâneos, à medida que já não existem os grandes mestres. Dentro desse contexto, entendo que o papel das instituições psicanalíticas é muito grande, pois o compromisso com o vigor da teoria nos diz respeito e implica uma tomada de posição frente à psicanálise. A obra de Freud encontra-se em aberto para releituras e aprofundamentos que cabem aos psicanalistas contemporâneos. Nesse sentido, destacam-se os autores que se dedicaram ao estudo e tratamento dos quadros clínicos centrados em problemáticas narcísicas, provocando uma revisão e extensão dos fundamentos metapsicológicos e do método clínico. Não se trata de que os autores não sirvam mais, trata-se de que a clínica é sempre maior que a teoria e por isso a teoria da clínica precisa ser permanentemente ampliada, pois surgem novas demandas. Os desafios que a cultura e a clínica colocam à psicanálise não significam o apagamento dos pressupostos psicanalíticos, mas sim a necessidade de ampliações na metapsicologia assim como no método clínico de forma a ampliar os limites da analisabilidade.

Pensar o sujeito da análise em sua relação com a história leva ao paradigma da hipercomplexidade de Edgard Morin. O autor afirma que o sistema hipercomplexo possui um número de componentes mensurável apenas por ordem de grandeza, ou cujo número de componentes estabelece um número de relações que não pode ser mensurável. Por isso, os componentes do sistema ne-

cessariamente produzem erro, trabalham com o erro, apesar do erro e a partir do erro. A perspectiva do crescimento se dá em função do reaproveitamento deste, no sentido de produzir uma reordenação do sistema. Os sistemas hipercomplexos convivem com vários paradigmas e têm a indeterminação como causalidade.

Pensar o sujeito da análise do ponto de vista hipercomplexo, no qual há a indeterminação, não a linearidade e a determinação, leva a pensar no papel da história do paciente dentro da experiência analítica. Questões sobre as quais Luis Hornstein tem se dedicado e que me encontro totalmente de acordo. A história do sujeito, vista desde o ponto de vista da indeterminação, implica na ideia de que as experiências vividas não são um destino, pois novos encontros podem possibilitar novas reordenações do sujeito. Entre esses novos encontros estão o analista e as possibilidades que esse encontro produz. O que também quer dizer que não há uma única interpretação da história já pronta a ser comunicada pelo analista. Trata-se de compartilhar a história na análise através da transferência, o que leva a novas simbolizações. Nas palavras de Morin, é possível uma reordenação do sistema a partir do “erro”.

Nesse sentido, seria como enunciou o historiador americano Carl Schorske, ao afirmar que os historiadores contemporâneos, diferentemente dos outros, deveriam pensar com a história e não sobre a história. Em psicanálise também é preciso pensar-se com a história do paciente compartilhada na transferência não determinada por ela. Pensar na capacidade transformadora dos encontros é pensar qual estatuto se dá à transferência, é potencializar a clínica como o lugar capaz de gerar transformação do que é destrutivo em um sujeito. Liberadas do determinismo, as teorias dão lugar à diferença como fator de criação ou mudança.

Desde essas perspectivas da hipercomplexidade e das diferentes rupturas que os textos freudianos possibilitam, aliados às concepções pós-freudianas, pode-se pensar em concepções teóricas e modelos clínicos que deem conta das inquietações que a clínica contemporânea nos confronta muito frequentemente.

E, para finalizar, diria que a vigência da psicanálise como método e teoria de acordo com o tempo em que vivemos também se relaciona à forma com que lida com sua própria história, também é preciso pensar com a história da psicanálise. Não estamos determinados nem do ponto de vista teórico nem do ponto de vista das individualidades, é sempre possível criar.

O CENÁRIO DA CONTEMPORANEIDADE IMPÕE ALTERAÇÕES DESCONCERTANTES TANTO À CONVIVÊNCIA SOCIAL COMO ÀS DEMANDAS DO SUJEITO A UM PROCESSO DE ANÁLISE. ASSIM, INEGAVELMENTE, ESSA REALIDADE E SUA COMPLEXIDADE OCUPAM OS PSICANALISTAS EM NECESSÁRIAS REVISÕES TEÓRICAS, NA EXPECTATIVA DE QUE POSSAM REVIGORAR E AMPLIAR O ALCANCE DO MÉTODO PSICANALÍTICO CONSIDERANDO-SE AS EXIGÊNCIAS DA CLÍNICA. NESSA DIREÇÃO, QUAIS SÃO AS SUAS ANOTAÇÕES E REFLEXÕES ATUAIS, NA REVISÃO DA LEITURA DO TEXTO FREUDIANO DE 1914, SOBRE O NARCISISMO?

Tanto para a metapsicologia, como também do ponto de vista da psicopatologia, o texto de 1914 é um ponto de partida para uma compreensão das patologias para além da neurose, à medida que Freud formula que é preciso sair do narcisismo para não adoecer e há nessas patologias uma impossibilidade

de o sujeito sair de uma condição narcísica e investir em objetos. Ainda que Freud não continue pensando especificamente no tema do narcisismo nos textos posteriores, o conceito possibilita uma série de aberturas. Encontram-se justamente no texto de 1914 as bases metapsicológicas para as necessárias problematizações sobre o que caracteriza essas patologias e como abordá-las.

Além disso, o texto que serviu de paradigma para muitas elaborações pós-freudianas como Lacan, que, a partir do narcisismo e de sua relação com a formação do eu, fundamenta sua concepção do estágio do espelho; Kohut e Kernberg, que conceituam as patologias do narcisismo; e Green, que faz uma problematização do narcisismo com relação à pulsão e ao objeto. Além disso, ressalta também que a formulação freudiana sobre a melancolia poderia indicar a relação entre pulsão de morte e narcisismo, mas que esta relação ainda precisa ser descoberta, de forma que, a partir dessa relação, o autor postula a existência de um narcisismo negativo, um narcisismo de morte que se opõe ao narcisismo positivo, de vida.

Green enfatiza a ideia de Freud que o objetivo das pulsões de vida é a objetualização, no sentido da ligação, na capacidade de investimento em novos objetos que promovam satisfação pulsional depois da separação do objeto primordial, enquanto o objetivo da pulsão de morte seria a função desobjetalizante, que se caracteriza pelo desinvestimento e desobjetualização.

Desde essa perspectiva do papel do desinvestimento nas patologias, além do papel da neurose realizado por Green, considero que o texto de Freud de 1914 sobre o narcisismo, especialmente em sua terceira parte, oferece formulações que permitem não apenas ampliar uma concepção metapsicológica sobre essas patologias, como também permitem imaginar a clínica como o espaço capaz de engendrar transformações psíquicas.

As articulações teóricas que o conceito de narcisismo possibilita podem ser problematizadas e ampliadas, considerando-se a oposição entre Eros e pulsão de morte em Freud, juntamente com algumas formulações feitas em *O ego e o id*. Eros é compatível com a ligação, ou seja, com a capacidade de investimento, enquanto, na via oposta, a pulsão de morte caracteriza-se pelo desinvestimento, pelo desligamento. O desinvestimento implica aumento da destrutividade, na qual os processos de desligamento triunfam sobre a geração de fontes de prazer ou sobre o desenvolvimento das potencialidades criativas. Todo esse tema é tratado mais especificamente já a propósito da segunda tópica em *O ego e o id*. Esse texto oferece elementos para a compreensão da destrutividade, à medida que Freud coloca como consequência do desinvestimento dos objetos o narcisismo e a destrutividade. Esse é um ponto muito importante que a consequência do desinvestimento dos objetos é o narcisismo e a destrutividade. Em que circunstância o sujeito desinveste dos objetos? Quando se decepciona?

Claro está que estas possibilidades teóricas lançam luz sobre o papel do objeto sobre o sujeito. Aspecto também tratado no texto de 1914 quando Freud teoriza sobre as diferenças entre idealização e sublimação. Entendo que pensar a respeito da idealização dos objetos nessas configurações psicopatológicas e a

possibilidade de articular essa ideia com o desinvestimento característico da pulsão de morte no seio de uma perspectiva narcisista dimensiona a clínica, no sentido de que a destrutividade possa ser analisada como uma consequência das decepções com os objetos e posterior recolhimento narcísico. Além disso, também entendo que as distinções entre idealização e sublimação feitas por Freud permitem uma reflexão sobre a direção da cura.

SABEMOS, JUNTO COM FREUD, QUE TODA CIÊNCIA NECESSITA CONFRONTAR SEUS CONCEITOS. LOGO, PRECISAMOS ESTAR DISPOSTOS A TOLERAR A INCERTEZA FRENTE À COMPLEXIDADE DAS CONFIGURAÇÕES CLÍNICAS QUE TRANSITAM NA ESCUTA PSICANALÍTICA. NESSA DIREÇÃO, QUAIS SÃO AS SUAS RECOMENDAÇÕES AOS ANALISTAS EM FORMAÇÃO?

A psicanálise encanta por sua beleza e consistência conceitual, mas seu aprendizado e a condução da experiência analítica são processos longos. Como disse, o campo psicanalítico é vasto, implicando que os distintos autores utilizem de forma diversa os conceitos. Cabe ao psicanalista transitar por essas diferenças conceituais e suas implicações teórico-técnicas. É justamente essa diversidade que possibilita ampliações. É sempre preciso ter claro que não existe caminho fácil em psicanálise, porque não se pode prescindir dos fundamentos e a apropriação do campo conceitual e do método clínico são progressivos e se dão sempre *a posteriori*, pois não dependem somente do estudo, mas também têm estreita relação com a análise pessoal e a supervisão. No entanto, apesar dessas dificuldades, no que diz respeito à complexidade da teoria e da clínica, a escuta analítica continua sendo o guia do analista. Algumas situações clínicas mais difíceis se tornam um convite para que não se escute dada a sua distância da neurose e a necessidade de alterações no método. Aí é que está, a complexidade da patologia não modifica a escuta e sim a técnica, a interpretação, o enquadre. O psicanalista não deixa de ser psicanalista quando precisa fazer alterações no método, mas deixa de ser quando objetiva uma situação sem a ter escutado. Hoje não podemos ter para todos os pacientes o mesmo método, mas o nosso objeto de estudo continua sendo o mesmo: o inconsciente e a partir dele se escuta. Isso define uma posição técnica.

A PSICANÁLISE SURTIU DA ESCUTA DE PADECIMENTOS INSERIDOS EM UMA CULTURA DE REPRESSÃO PRÓPRIA AO FINAL DO SÉCULO XIX. HOJE, ASSISTIMOS MOVIMENTOS QUE PRETENDEM AMPLIAR OS PROCESSOS CULTURAIS E A PRÓPRIA DIVERSIDADE CULTURAL. PORÉM, CONSTATA-SE QUE ESSAS TRANSFORMAÇÕES NÃO DEIXAM DE ESTAR CENTRADAS EM QUESTÕES NARCÍSICAS. QUAIS ELEMENTOS A SRA. PENSA QUE A PSICANÁLISE PODE APORTAR À REFLEXÃO SOBRE SEUS INTERCÂMBIOS COM A CULTURA EM QUE VIVEMOS E DE QUE FORMA CONSIDERAR A POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÕES PSICANALÍTICAS NO SOCIAL?

Entendo que a participação da psicanálise no social é inegável e imprescindível, inclusive para a própria psicanálise. As fronteiras entre a psicanálise e a sociologia, antropologia e a história são fluídas, no sentido de que um lado e outro se beneficiam com essas relações no sentido da ampliação de alguns modelos dessas ciências. Considerando-se que um sujeito emerge de uma cultura, não se pode pensar a subjetividade prescindindo desses aspectos. Assim, as históricas emergiam de um cenário de repressão da sexualidade e atualmente as subjetividades emergem de um mundo individualista, imediatista, narcisista, o

que implica questões para o sujeito. No entanto, é bem verdade que se a cultura nos faz, nós também fazemos a cultura e na condição de psicanalistas esses tons sombrios com que olhamos a cultura não podem se traduzir em pessimismo e impotência. Os desafios que a cultura coloca, bem como suas implicações para as individualidades, são matéria para nossa investigação e nossa criatividade e não para nosso desencantamento. Trabalhamos pelos batalhões de Eros. Com isso quero dizer que ainda que trabalhem com patologias do narcisismo é importante manter o modelo de Édipo e de Eros no horizonte do psicanalista, enxergar a análise como espaço potencial de criação.

CLÍNICA PSICANALÍTICA E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEAS

CLINICAL PSYCHOANALYSIS AND CONTEMPORARY
FORMS OF SUBJECTIVITY

Débora Marcondes Farinati

LIVRO: A FABRICAÇÃO DO HUMANO - PSICANÁLISE, SUBJETIVAÇÃO E CULTURA.

AUTORES: JOEL BIRMAN, DANIEL KUPERMANN, EDUARDO LEAL CUNHA ET AL.

SÃO PAULO: ZAGODONI, 2014. 160P.

Ao criar a psicanálise, Freud o faz a partir da escuta das mulheres de seu tempo. Tempo em que a repressão à sexualidade e a impossibilidade de sua satisfação expressavam-se através dos corpos falantes das histéricas. Embora possamos ver em Freud, por sua genialidade e coragem, um homem *à frente* de seu tempo, é mister admitirmos que ele era, na verdade, um homem *de seu* tempo, o que significa dizer que, ao escutar e teorizar a psicanálise, o contexto histórico cultural em que estava imerso permeou seu pensamento. Dessa forma, a escuta psicanalítica não pode deixar de levar em conta a historicidade e meio no qual se encontra inserida. As novas formas de subjetivação presentes na contemporaneidade vêm exigindo do psicanalista, e da própria psicanálise, novos direcionamentos teórico-clínicos e é nesse sentido que encontramos neste livro contribuições pertinentes às nossas reflexões.

A fabricação do humano - psicanálise, subjetivação e cultura aborda, como destacam os próprios autores, diversas montagens da subjetividade contemporânea através da análise das relações do homem com o mundo em que vive e das produções discursivas que buscam dar sentido a esse mundo. A mesma consiste na reunião de vários ensaios produzidos pelos componentes do Grupo *Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea*, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), coordenado pelos doutores Joel Birman e Eduardo Leal Cunha, os quais vêm se dedicando à leitura psicanalítica sobre a cultura, destacando as formas contemporâneas de sofrimento psíquico a partir das categorias freudianas de *mal-estar* e de *desamparo*.

A parte I – “**Modulações da fabricação do humano**” é aberta pelo artigo magistral de Joel Birman, intitulado “Os paradigmas em psicanálise”. A partir do conceito de paradigma em psicanálise, o autor vai demonstrando as diferenças com que a comunidade psicanalítica e a comunidade científica foram historicamente lidando com a apresentação de um novo paradigma. O mecanismo dominante na comunidade psicanalítica é o da exclusão soberana, a saber: a cada nova controvérsia, após intensos embates, a posição tomada é a de excluir do campo da psicanálise aqueles que sustentam um paradigma diverso do dominante. No centro do embate encontra-se o mecanismo da repetição, por meio do

qual a exclusão do oponente é realizada à força. Força essa marcada pela compulsão, uma *compulsão à repetição* como grifa o autor. A relevância de considerarmos este mecanismo, de acordo com Birman, encontra-se no fato de que, se a relação da comunidade com o saber é marcada pela compulsão à repetição, não há espaço para promover a inventividade do saber a qual promoveria o avanço em outros quadrantes teóricos. Ao cristalizar-se a repetição funcionaria como obstáculo teórico no campo da psicanálise.

Ao longo de seu trabalho vai analisando os diversos momentos do movimento psicanalítico, demonstrando a intolerância da comunidade com o reconhecimento das diferenças entre paradigmas. Conclui seu artigo afirmando que os paradigmas em psicanálise são incomparáveis, pois remetem a diferentes objetos teóricos e diversos campos conceituais os quais não são equivalentes; portanto, não existem verdadeiros ou falsos paradigmas, não existindo, assim, a verdadeira psicanálise.

A parte II – “**Identidades e modos de subjetivação**” inicia com o trabalho de Eduardo Leal Cunha intitulado “A dupla face do desmentido na atualidade: entre o aniquilamento do outro e a felicidade em simulacro”. O autor propõe a ampliação do conceito do desmentido para além do registro perverso, explorando a presença desse mecanismo na contemporaneidade. A partir da apresentação de dois personagens ou tipos ideais – predadores e perdedores – cujo funcionamento psíquico deixa claro a presença do mecanismo de desmentido, vai demonstrando como esses transitam na atualidade em um território de fronteira entre o infantil e o monstruoso, marcando as formas contemporâneas de subjetivação de uma cultura marcada pelo espetáculo e pelo simulacro. É no campo da simulação e com base no desmentido que podemos vislumbrar formas insuspeitas de apropriação de poder.

“A função da dor na apropriação do corpo” é o trabalho de Isabel Fortes. A autora busca demonstrar em seu trabalho como a dor na teorização freudiana constitui um elemento essencial para a constituição do corpo. Tanto a dor física quanto a psíquica podem ser indicadores da presença do corpo. Explicita: “o órgão investido pelo hipocondríaco ou uma parte corporal que apresenta uma enfermidade orgânica, propiciam através da dor que produz a percepção de que ali há corporeidade” (p.65). Em não havendo possibilidade de que produções psíquicas evacuem a angústia, quer seja esta neurótica ou psicótica, esta toma o corpo como alvo, fazendo dele o local para expressão da dor. Isabel toma o texto *O Ego e o Id* (1923) para marcar como Freud desenvolve a ideia de que a dor é uma via de conhecimento para o Eu de seu próprio corpo. A autora destaca, ainda, a relevância da dimensão fragmentária do corpo para que possamos pensar a constituição corporal.

Em “Estranhos traslados e traduções: encontros e desencontros em psicanálise” Maurício Rodrigues de Souza, a partir da aproximação entre psicanálise e cinema, propõe uma releitura do filme *Encontros e Desencontros*, escrito e dirigido por Sofia Copola, com o objetivo de trabalhar o tema da alteridade principalmente no que diz respeito ao que é revelado no encontro particular com o inominável de si mesmo através de um estrangeiro. Parte do texto “Das Unheimliche” – O estranho – de

Freud para abordar a dialética entre o estranho mais íntimo e o íntimo mais estranho, este último, segundo o autor, mais vinculado à lógica inconsciente do processo primário. Aponta, a partir de sua análise, que, embora o estranhamento gere angústia, pode vislumbrar uma expressão mais criativa.

Rogério Paes Henriques aborda, em seu texto “O discurso da medicalização e a saúde como ideal: o que há de novo nos ‘novos sujeitos’”, os efeitos da medicalização e da biomedicalização na constituição das subjetividades contemporâneas no sentido de que essas se configuram em semblantes da identificação do sujeito com o ideal proposto pela saúde encarnado pelo discurso médico. De acordo com o autor, tais efeitos levam ao equívoco de considerarmos a existência de novos sujeitos, quando, na realidade, o “o sujeito somático” nada mais é que a nova forma do eu ideal que caracteriza a contemporaneidade. Conclui seu trabalho afirmando que esse sujeito somático confere a ilusória consistência ao mesmo, identificando-o ao corpo biológico (especificamente ao cérebro) alçando-o a mero semblante.

“Novas tecnologias reprodutivas: novas versões dos pais?” é o trabalho de Simone Perelson, que encerra de maneira fecunda a segunda parte da obra que estamos apresentando. A partir do cenário das Novas Tecnologias Reprodutivas, onde casais com problemas de infertilidade e mulheres solteiras recorrem a um doador anônimo de sêmen como recurso a realização do desejo de maternidade e paternidade, propõe pensarmos as múltiplas possibilidades de montagem nos sistemas de filiação. Com esta finalidade, apresenta três hipóteses teóricas, a saber: 1) o doador pode efetivamente ocupar um lugar na montagem da filiação; 2) a ocupação deste lugar não é necessariamente prejudicial à montagem da filiação; e, por fim, 3) a ocupação deste lugar é singular, tanto do ponto de vista clínico quanto teórico, uma vez que esta ocupação pode estar referida ao pai, quer em seu sentido imaginário, simbólico ou real.

A parte III – “**A clínica psicanalítica na contemporaneidade**” é inaugurada pelo artigo de Daniel Kupermann “A via sensível da elaboração na clínica psicanalítica: 30 notas de/para uma pesquisa”. Kupermann toma o famoso caso de Serguei Pankejeff – Homem dos Lobos – com a finalidade de destacar os impasses clínicos encontrados por Freud diante dos chamados casos graves e a consequente necessidade de reformulações em sua teoria da técnica e a produção do conceito de elaboração. Os impasses levantados por Sandor Ferenczi ao famoso caso freudiano revelam a necessidade, segundo Kupermann, de se trabalhar conceitos pouco desenvolvidos por Freud como construção e transferência negativa, os quais somente adquirem consistência tendo a clínica como referência e o conceito de elaboração como elo. Tendo ao longo de seu trabalho recolhido indicadores capazes de sustentar a hipótese de que, a partir de 1914, o objetivo de uma análise é a elaboração, o autor dedica-se a demonstrar como o caminho percorrido por Ferenczi trata de compreender o sentido metapsicológico do conceito de elaboração, enquanto fundamental para uma direção da cura, de forma a inspirar possibilidades de manejo clínico no enfrentamento da clínica psicanalítica contemporânea.

Daniel Menezes Coelho e Joel Birman, em “A transferência na pesquisa em psicanálise – um ponto de vista ético”, contribuem ao debate do tema, abordando o problema da transferência na pesquisa não a partir do ponto de vista de quem a faz, mas de quem ela é depositária. Para os autores, é fato de que a transferência tem lugar na pesquisa e, sendo assim, há autoridade, hierarquia e alienação, há repetição ao dicit, há suposição de saber. Há, igualmente, estrangimentos da ordem do amor e um inconsciente que invade a pesquisa para além de qualquer limite metodológico, o que de imediato leva à dimensão ética inerente a este contexto. E é esta dimensão ética que exige responsabilidade sobre aquele a quem se supõe um saber. Para sustentar suas proposições, percorrem a conceituação de transferência em Freud.

“Ciúme masculino e identificação feminina recalçada”, de Paulo de Carvalho Ribeiro, é o nono capítulo desta obra. Para o autor, na especificidade do ciúme patológico masculino, as fantasias sexuais masoquistas são de especial interesse, pois possuem forte inter-relação com a identificação feminina recalçada, a qual é a fonte primeva do ciúme masculino. Como condição para o desenvolvimento desta temática destaca a teorização freudiana sobre a convergência da atitude masoquista com a atitude feminina e a associação entre ciúme masculino e homossexualidade. A peça teatral “De repente no verão passado”, de Tennessee Williams, serve de ilustração à força da passividade pulsional, seu descompromisso com as forças narcísicas de ligação e sua inserção no domínio do gozo mortífero. Autores como Ferenczi, Jacques André, Laplanche, entre outros, sustentam a tese do autor de que o ciúme no homem é fundamentalmente uma formação de compromisso entre as forças que o impelem no sentido de atender às fantasias de ser subjugado e penetrado, e aquelas que dele exigem a capacidade de dominar e penetrar alguém.

“A necessidade de ser como fundamento ontológico de homem para Winnicott” é o trabalho de Leopoldo Fulgêncio, que encerra em alto nível esta obra brilhante que ora estamos resenhando. O autor parte da importante contribuição de D. Winnicott sobre a questão do ser para apresentar uma nova ontologia da teoria psicanalítica sobre o desenvolvimento emocional. A introdução do tema da integração e da dependência do indivíduo em relação ao ambiente permite, segundo Fulgêncio, levar a psicanálise do campo das ciências naturais (onde Freud a instalou), para o campo das ciências humanas. O autor considera a obra de Winnicott como uma nova proposta de síntese entre os preceitos da fenomenologia e os da psicanálise, a qual direciona a prática clínica no sentido da conquista, por parte do paciente, de uma autonomia para ser e viver a partir de si mesmo.

A relevância dos temas apresentados na obra “A Fabricação do Humano” e a profundidade com que foram tratados pelos autores permite que recomendemos enfaticamente a sua leitura.

*Débora é psicóloga, psicanalista e diretora científica da
Sigmund Freud Associação Psicanalítica.
Email: debfarinati@yahoo.com.br*

PSICANÁLISE ENTREVISTA: DO HERDADO AO AUTORAL

PSYCHOANALYSIS INTERVIEW: INHERITED TO AUTORAL

Elenara Vaz Faviero

LIVRO: PSICANÁLISE ENTREVISTA**ORGANIZADORES: ANDRÉA CARVALHO, MARA SELAIBE****SÃO PAULO: LIBERDADE, 2014. v. 1. 392 p.**

A revista *Percurso*, uma prestigiosa publicação brasileira de psicanálise, ao comemorar seus 25 anos de existência nos brinda com o lançamento do livro *Psicanálise entrevista*. Trata-se de uma coletânea, em dois volumes, das entrevistas encartadas no periódico durante sua trajetória.

É uma instigante leitura, pois, ao mesmo tempo em que se tornam claras as diferenças teórico-clínicas dos entrevistados, estão presentes também os conceitos metapsicológicos introduzidos por Freud, tecendo um fio condutor para um tramado rico e vivo da psicanálise contemporânea. Nessa perspectiva, *Psicanálise entrevista* nos oferece o trabalho de um legado, em que a partir do recebido/herdado têm-se a autonomia para ir além. E é precisamente neste “ir além”, que abrimos lugar para o novo, para o autoral e para a vitalidade.

No primeiro volume estão registradas as entrevistas de Pontalis, Green, Laplanche, Oury, Le Guen, McDougall, Kernberg, Melsohn, Rodrigué, Zygouris, Schneider, Viñar, Katz, Birman, Freire Costa, Alonso, Lins e Rouanet. Um destaque fica por conta da apresentação dos entrevistados, que com uma valorosa e bem preparada introdução contextualiza suas trajetórias, os principais campos de estudo, a relevância, independência e autoria de cada um deles dentro do pensamento psicanalítico.

A revista *Percurso* está de aniversário e quem comemora são seus leitores. *Psicanálise entrevista* é um agradável presente.

*Elenara é psicanalista e membro pleno da Sigmund Freud
Associação Psicanalítica. Email: gusthen@terra.com.br*

ENTRE O RESENTIMENTO E A CERTEZA DE SI: UMA PONTE

BETWEEN THE RESENTMENT AND THE SURE OF HIMSELF:
A BRIDGE

Júlia Gaertner Geyer

LIVRO: NARCISISMO: DO RESENTIMENTO À CERTEZA DE SI

AUTOR: ALEXANDRE ABRANCHES JORDÃO

CURITIBA: JURUÁ, 2014, 244 P.

Ao finalizar o texto de 1914, “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud escreve a Abraham: “Tenho aí uma sensação muito forte de uma séria insuficiência” e afirma que o ensaio “tivera um nascimento difícil e mostra todas as deformações disso” (GAY, 1989, p. 314). Essas insuficiências presentes na obra freudiana são pedras preciosas a lapidar e esta é nossa tarefa e nosso dever enquanto psicanalistas pós-freudianos. As brechas na extensa obra que, devido à impossibilidade de uma vida eterna, Freud nos deixou como legado são aquilo de que necessitamos para nos atrelarmos a fim de dar à psicanálise seu caráter contemporâneo.

Cem anos depois, o texto do narcisismo segue inquietando muitos e foi a sua vigência e seu caráter de abertura que inspirou Alexandre Abranches Jordão a escrever seu livro baseado na sua tese de doutorado: *Narcisismo: do ressentimento à certeza de si*.

O livro possui um estilo dialógico, no qual Jordão propôs uma nova compreensão do narcisismo ao aproximar o conceito com as ideias de Nietzsche e a psicanálise pós-freudiana de Ferenczi e Winnicott. Esse diálogo se torna possível e encantador, uma vez que, sob o prisma do narcisismo, as questões propostas são colocadas em termos de subjetividades e não de instâncias psíquicas.

A proposta do autor é o exame da configuração narcísica do sujeito, postulando o narcisismo a partir de duas vertentes: o narcisismo defensivo e um narcisismo suficientemente bom. O primeiro é caracterizado como o narcisismo que não tolera diferenças, que necessita confirmar-se todo poderoso, bem como necessita de aprovações constantes de sua potência. Seria a face da cristalização, da rigidez e da perenidade, assim como a manutenção da ideia de onipotência para futuros ganhos narcísicos. Essa vertente do narcisismo implica, conseqüentemente, em uma possibilidade restrita de existência subjetiva, ou seja, a existência do sujeito deve passar, obrigatoriamente, pelo Eu e suas funções. Assim sendo, pode ser entendido como uma precariedade da constituição narcísica. É essa precariedade que exige que algo venha constantemente conferir-lhe realidade, estabilidade e que precisa de inúmeras confirmações para se

manter. Essa estabilidade fortemente necessária ao sujeito do narcisismo defensivo é frágil e passageira. Ela perpassa por um desconhecimento de si e inúmeras astúcias para sua manutenção; forma encontrada de escapar do perigo da castração e da constatação do desamparo humano. Confere-se a proporção dolorosa da sustentação deste tipo de narcisismo, uma vez que quanto maiores forem as necessidades de manutenção dessas posições onipotentes narcísicas, maior e mais ameaçadora é a ideia do desamparo. Ora, se as possibilidades de existência de um sujeito se encontram de maneira tão reduzidas a algumas poucas configurações narcísicas, a falha destas artimanhas pode representar uma forte desestruturação. Sendo assim, é contra isto que o narcisismo defensivo arma-se, uma vez que essa defesa acirrada representa para si a possibilidade de seguir sobrevivendo, caracterizando assim uma prisão alienante.

Essa face do narcisismo defensivo criado pelo autor aproxima-se das ideias do homem ressentido e da má-consciência de Nietzsche, pois é justamente essa perspectiva narcísica da humanidade que o filósofo se põe a questionar. Através do discorrer de seu escrito, Jordão cria diversas articulações bem-feitas entre Freud e Nietzsche, questões que lhe são familiares, apesar de em alguns pontos possuírem desfechos distintos.

A segunda faceta do narcisismo proposta pelo livro é aquela que o autor denominou de narcisismo suficientemente bom, o qual tomou emprestado intencionalmente o predicativo de Winnicott; autor em que se apoia para formular suas ideias de certeza de si. Para Jordão, esse narcisismo suficientemente bom é aquele que não mais necessita das confirmações defensivas de onipotência e não cria temerosas fugas à castração e ao desamparo; que não busca mais as confirmações de si e que não dirige as ações deste sujeito em um único caminho de sobrevivência à desintegração. Logo, o autor reconhece que existe outro caráter estruturante do narcisismo, que necessita abrir mão das manobras do narcisismo defensivo, mas sem que isso remeta a uma desestruturação do narcisismo em geral.

Sendo assim, esse segundo modelo de narcisismo proposto por Jordão possui uma estreita ligação com o conceito de certeza de si. Este por sua vez, seria a própria atitude e responsabilidade do sujeito em relação a si mesmo, suas sensações e ações. Para isso, torna-se necessário que as ideias de onipotência, absoluto e unidade deixem de ser os únicos meios desse sujeito de se relacionar consigo e com o mundo em que vive. Para tal, é necessário que a criação da ilusão de onipotência um dia depositada na criança exista, assim como haja a desconstrução desta e a gradual desilusão deste poder. Entretanto, essa última só vai acontecer na medida em que aqueles que lhe oferecerem o ideal onipotente inaugural – os pais –, um dia conseguirem também romper com este ideal.

Contudo, se o narcisismo é uma invenção dos desejos parentais, a criança torna-se a invenção de outros. Entretanto, tomando o aparelho psíquico como uma estrutura de caráter aberto, a noção de certeza de si proposta pelo autor nos indica que é possível haver uma reinvenção, em que o sujeito será responsável por suas atitudes, sentimentos e pensamentos e que haverá infinitas outras formas de existir que podem ser criadas, tendo o diferente um lugar excepcional. Abre-se

aí o caminho da criatividade proposto por Winnicott, o qual é entendido como aquilo que a certeza de si proporciona ao sujeito. Para ser criativo é necessário a abertura ao novo e o abandono da cristalização dos referenciais narcísicos, e isto só é possível uma vez que a desestruturação do que um dia foi familiar não seja ameaçadora a ponto de haver um esfacelamento narcísico do Eu.

Nietzche entende o homem, o qual, através da obra de Jordão, podemos entender como o sujeito do ressentimento inundado por um narcisismo defensivo, como algo a ser ultrapassado. Seria uma ponte, que o “humano, demasiado humano” deveria atravessar a fim de tornar-se naquilo que o filósofo denominou de “além-homem”. Um ser não mais identificado por uma ideia de unidade e onipotência, mas sim capaz de ultrapassar esse único modo de viver aceitando tudo aquilo que lhe é diferente.

Desta maneira, Jordão propõe que é a clínica analítica o lugar por excelência onde acontecerá esta árdua caminhada, esse atravessamento de uma ponte entre o narcisismo defensivo para o narcisismo suficientemente bom. Caminhada de um guerreiro, como diria Nietzsche, o qual desfecha seus golpes mortais contra si mesmo e tudo que nele indique seu narcisismo, onde a reinvenção do que lhe foi inventado é o terreno a conquistar.

Ao lembrar Ferenczi, Jordão escreve que o final de uma análise seria o perdão mútuo e que, junto com a desobrigação, são as ferramentas necessárias para essa travessia. Entende-se esse perdão mútuo descrito por Ferenczi como uma proposta clínica, perdoa os pais e, conseqüentemente, o analista pelo seu desamparo, assim como se perdoa a si mesmo. O perdão do final de uma análise pode ser entendido como a aceitação de que todos somos castrados e desamparados por excelência, onde não há devedores nem credores e que não somos tudo, porém, com o que somos podemos muito.

O livro de Alexandre Abranches Jordão tem uma relevância extrema para a clínica de hoje. Fica claro que os nossos paradigmas não são mais os mesmos desde os tempos freudianos. Precisamos assumir este desafio, desafio de uma clínica que se depara com novas configurações psíquicas, que necessitam de uma complexização metapsicológica, assim como uma ampliação dos limites conceituais psicanalíticos para abarcar esse campo árido das patologias do narcisismo. Jordão nos mostra não apenas o caminho para a clínica atual, mas também o caminho e a postura do psicanalista contemporâneo. É necessário rompermos com o nosso narcisismo defensivo de uma psicanálise única e cristalizada para dar conta do atual e assim sermos capazes de criar a partir daquilo que nos é diferente deste Freud.

*Julia é psicóloga, psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre/RS.
Email: jugeyer@gmail.com*

REFERÊNCIA

GAY P. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Marquês do Herval, 375
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



associação psicanalítica